



Marco N° 1 - Cevide

Publicações Periódicas

Autorizado a circular em invólucro fechado de plástico ou papel

Taxa Paga
Portugal
Linda a Velha

Director: Carlos Nuno Vaz | Ano LXXV - N.º 1447 | 1 Fevereiro de 2021 | Preço Avulso Euros 1,75
Assinatura Anual: Portugal 22,50 Euros - Estrangeiro 30 Euros | Membro da: AIC - Ass. Imprensa de Inspiração Cristã

Prioritário

Cónego Doutor José Marques
Uma vida de exemplar entrega e serviço à cultura P.30-33

Presidenciais 2021 P.36



Caminho da Geira e Arrieiros e Caminho Minhoto Ribeiro P.16-17



JANEIRO ARRASADOR
Não há como escapar à realidade: muitas famílias feridas pela morte de seres queridos. Queremos lembrá-los e fazer memória agradecida
P.21, 22, 23, 24 e 29

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS E SCM ABRIRAM SERVIÇOS PARA RECEBER FILHOS DE TRABALHADORES DOS SECTORES ESSENCIAIS **P.7**

VACINAÇÃO JÁ COMEÇOU NO «CANTINHO DOS AVÓS» **P.10**

COMO SE DEVE FAZER UMA HOMILIA **P.15**

CARTAZES GANHAM VIDA NO MUSEU DO CINEMA **P.19**

FALECERAM DOIS DOS PRIMEIROS PRODUTORES DE ALVARINHO EM MELGAÇO: MANUEL CODESSO E ANTÓNIO ROSA **P.21 e 29**

TAKE-AWAY E ENTREGAS AO DOMICÍLIO PODEM SALVAR A ECONOMIA LOCAL DURANTE O ESTADO DE EMERGÊNCIA **P.26**

CARLOS DO CARMO: CALOU-SE A NOSSA VOZ **P.27**

DIÁLOGO ECUMÉNICO 2021 **P.28**

VIAJAR PELA BIRMÂNIA **P.34 e 35**

COVID E EMIGRAÇÃO FAZEM DE MELGAÇO CONCELHO COM MAIOR ABSTENÇÃO DO PAÍS **P.35**

60 anos de casamento de Dr. Carlos Lemos e Molly P.3



Quinta do Regueiro

Um pequeno produtor a produzir vinhos gigantes

Quinta do Regueiro - Coto - Alvaredo
4960-010 Melgaço

Contactos: 966 854 542
comercial@quintadoregueiro.com



A nova colheita do Barricas também faz parte da sua mesa?

“A “Luz” ao fundo do Túnel”

António Jorge Tavares

Por muito que não queiramos, somos impelidos a falar do tempo que estamos todos a viver.

Nunca a morte nos ronda tão de perto, pondo a nu a nossa fragilidade física, lançando-nos numa angústia que parece não ter fim.

É voz corrente ouvir dizer que estamos a viver uma guerra, já que as imagens que temos vindo a assistir nos noticiários televisivos, a isso nos conduzem pela sua brutalidade. Lembro as primeiras imagens aquando do aparecimento no início do Covid, em Itália, onde perdemos ver camiões do exército transportando urnas, com os primeiros mortos; agora recentemente são as ambulâncias nas urgências dos nossos hospitais, alinhadas com doentes aguardando a possibilidade de internamento. Estas imagens são a demonstração desta guerra que estamos a enfrentar, com um inimigo terrível e invisível que nos pode atacar a qualquer momento.

Toda a nossa vida foi alterada nas relações de trabalho, no ambiente de clausura em casa, com restrições de circulação impensáveis para muitos de nós, com as nossas cidades absolutamente desertas devido aos fins-de-semana, devido ao imposto recolher obrigatório, com as brigadas da autoridade nas suas saídas, não permitindo qualquer movimento. Claro que para muitos, esta situação era impensável, levando muitos deles, principalmente os mais jovens a quebrarem essas regras, causando distúrbios e confrontos com as polícias absolutamente lamentáveis, onde se juntam depois os oportunistas que aproveitam a confusão para saquear e destruir. As recentes imagens captadas no metro de Paris, onde a polícia agrediu brutalmente pessoas, por

não terem máscara, são reveladores de uma nova “de-sordem” que poderemos vir a assistir em breve.

Outras restrições impostas são o limite de pessoas que podem confraternizar nas festas de aniversário, levando a que outros vizinhos os denunciem às autoridades, atitudes estas sempre feias, aos olhos de alguns.

Existe é a certeza de que muitas situações se poderiam evitar, caso já tivéssemos investido na educação, na área do civismo das nossas gentes há mais anos. Mas não. Foi um consumismo desenfreado, onde tudo era fácil, desde os passeios dentro do país até às viagens ao estrangeiro, com as facilidades de crédito que todos nós conhecemos.

O próprio turismo no nosso país, teve um desenvolvimento fantástico com a avalanche de estrangeiros, de tal modo que até as características da própria vida das principais cidades do nosso país foi alterada, levando alguns próprios habitantes das mesmas a lamentarem esse facto, já que a sua própria vida nelas estava condicionada, por essa alteração. Claro que agora muitos negócios ligados aos hotéis e restaurantes por este país fora, estão a ressentir-se disso de uma maneira extremamente grave na economia e no desemprego.

Se repararmos bem, andamos sempre com a esperança de que muito em breve, possamos aos poucos, voltar a ter uma situação mais “folgada”, agora que as vacinas estão a ser dadas, mas essa certeza não é ainda convincente, atendendo ao alastrar de outros vírus provenientes do Covid 19, adensando ainda mais o mistério do aparecimento do vírus o que nos deixa numa grande incerteza e angustiados.

O que fazer? Temos essencialmente que respeitar as recomendações para o não alastrar do Covid, cumprindo as regras sanitárias e essencialmente estarmos serenos.

Não devemos perder a esperança de que com a vontade e “solidariedade” de todos poderemos ultrapassar esta “guerra”. Infelizmente, o termo solidariedade que devia estar presente, não está, pois é-nos obrigado o afastamento social; tenho ouvido alguns “desabafos” de pessoas, onde parece que o egoísmo de alguns tem vindo ao de cima, já que a banalização da morte, está cada vez mais presente devido ao crescente aumento de mortos todos os dias.

Uma palavra também de reparo para a falta de bom senso para alguns canais de televisão que fazem desta desgraça que estamos a viver, um alarmismo pouco aconselhável para todos nós, levando até à exaustão as notícias que apresentam. É pena, essa falta de ética profissional.

Por falar em canais televisivos, tenho oportunidade de assistir aos noticiários da nossa vizinha televisão da Galiza, e seria bom que os jornalistas do RTP(Porto), pudessem ver o alinhamento que eles fazem dos seus noticiários.

O título até deste meu artigo, foi a lembrança de um spot da televisão galega, onde mostra uma composição a entrar no túnel, e depois a esperança da luz ao fundo do mesmo, para este início do novo ano. Esperemos que essa luz não demore, para bem de todos nós.

Jornalista

(o autor escreve de acordo com a antiga ortografia)

Aos nossos Amigos

Carlos Nuno

Os nossos apelos no sentido de que cada um procure pagar a assinatura a tempo e horas vão dando algum resultado, mas ainda há muitos que se atrasam. E não apenas em relação ao ano em curso, 2021, mas que ainda não pagaram 2020 e bastantes nem sequer pagaram 2019. E isso complica muito a nossa vida, pois temos compromissos e não queremos faltar no cumprimento das nossas obrigações.

Hoje, apesar das dificuldades do confinamento, é fácil proceder ao pagamento por transferência multibanco.

Anotem bem este

IBAN = PT50 0018 0000 28639224 00105

Se o nome de quem faz a transferência for igual ao do que vai na etiqueta do jornal, não há dificuldade. Mas, se tiverem oportunidade, mandem um email para: jornal.vozmelgaco@gmail.com e terão resposta pelo mesmo meio a confirmar, o que facilita

imenso as coisas.

É bom saber que apreciam

Escreveu-nos o senhor Aníbal Nogueira, a residir no Porto:

«... querendo continuar com aquilo que a minha falecida avó, Anália Lourenço, e a minha mãe, Adélia Nogueira, vossas assinantes já falecidas, me habituaram, solicito que me envie dados para proceder à assinatura do vosso jornal.

Deixo desde já os meus parabéns pelo vosso trabalho, que se sobrepõe a muitos jornais ditos de principais.

Grato desde já.

Cumprimentos».

De Colombes, França, o senhor Armando António Alves, incentivou-nos: «Querida também agradecer a todos os que trabalham no jornal pelo excelente trabalho que fazem.

Muito obrigado e boa continuação.

A VOZ DE MELGAÇO

Largo da Senhora-a-Branca, 105
4710-926 BRAGA
Tel./Fax: 253 214 284

E-Mails:
jornal.vozmelgaco@gmail.com
redacao@vozdemelgaco.pt
Site: www.vozdemelgaco.pt
www.facebook.com/vozdemelgaco

Depósito Legal:
n.º 163455/01

Registo de Imprensa
n.º 101960

Tiragem deste número
1.900 ex.

Director
Carlos Nuno Salgado Vaz,
Cartão de Jornalista, n.º TE-68A

Colaborador - CO 257
João Martinho Silva

Editor
Jornal a Voz de Melgaço, Lda.

Redacção
Júlio Nepomuceno Vaz
Manuel Luís Vaz

Correspondente
Moisés Costa – Melgaço

Colaboradores:
Abílio Francisco Conde – Melgaço
Alberto Magno P. Castro – Valença

Alcídio Silva Figueiredo – Porto
Álvaro Carvalho – Braga
António Costa Guimarães – Braga
António Jorge Tavares – Açores
Armanda Urze – Melgaço
Arménio Augusto de Melo – Braga
Arturo Diaz (Dr.) – Barcelos
Helena Matos – Braga
José Afonso Marques – Orense
José Albano Domingues (Dr.) – Melgaço
José Armando Monteiro (Dr.) – Faro
José Marques (Cónego e Doutor) – Braga
José Rodrigues Lima (Dr.) – Viana
Júlio de Sousa Domingues – Ancora

Manuel José Pereira – Penso
Manuel Luís Vaz (Eng.) – Melgaço
Maria Ivone F. Vaz Ferreira (Dra.) – Lisboa
Maria Ester Taveira (Dra.) – Braga
Maria José Lobo Elias (Dra.) – Lisboa
Maria Nadelete Costa Lopes (Dra.) – Braga
Maria Teresa Tábuas (Dra.) – Leiria
P.º Manuel Domingues – Viana
Olinda Carvalho (Dra.) – Lisboa
Rui Ribeiro – Melgaço

PROPRIEDADE E PRODUÇÃO

«Jornal A Voz De Melgaço, Lda.»
Largo da Senhora-a-Branca, 105
4710-926 BRAGA
jornal.vozmelgaco@gmail.com
Telef. 253 214 284
Contribuinte n.º 502668636

NIB: 0018 0000 28639224001 05

Gerência:
Carlos Nuno Salgado Vaz e
Júlio Nepomuceno Vaz

Capital Social:
Carlos Nuno Salgado Vaz,
Maria do Rosário Salgado Vergara Vaz,

Júlio Nepomuceno Vaz,
António Luís Vergara Vaz
e Manuel Luís Vergara Vaz,
20% cada.

Pré-Impressão:
Amigos de “A Voz de Melgaço”

Impressão e Expedição:
Empresa Diário do Minho, Lda.
Rua de S. Brás, nº 1
4710-073 Gualtar Braga
Telef. 253 303 170

Assinatura anual:
Portugal – 22,50 Euros
Estrangeiro – 30 Euros

60 Anos de Casamento de Dr. Carlos Lemos e Molly

Carlos Nuno

Há notícias entranháveis, no meio de tanta tristeza por causa da pandemia.

O nosso conterrâneo Dr. Carlos Lemos, vivendo lá longe, na Austrália, tem o coração mais em Portugal e Melgaço do que a maioria dos que cá residem. Já passado dos 90 anos, ainda mantém a vontade de vir a Portugal mais uma vez. E são mais de 24 horas de viagem! Tal é o seu amor a Melgaço, partilhado pela sua dilecta esposa Molly que em 24 de Janeiro completou 85 anos de vida, coincidindo a data ainda com a feliz celebração dos 60 anos de casamento com o Dr. Carlos Lemos.

A filha Ana Paulo e o marido Steve organizaram um convívio festivo no jardim da casa de paria e campo do casal, servindo comida e vinhos portugueses. Limitada a 30 pessoas por motivo da pandemia, foi todavia ocasião para confraternização com ex-colegas do corpo consular e famílias portuguesas lá residentes.

Festejar 60 anos de matrimónio, de pleno entendimento e amizade profunda entre os dois, gozando ainda de uma apreciável saúde capacidade de locomoção é motivo de profundo regozijo e agradecimento ao Deus da vida por tantos benefícios recebidos.

Dizia-me com pena que, em 28 de Janeiro, ainda não tinha chegado sequer o jornal de Dezembro, o que mos-



tra bem como funcionam as comunicações neste tempo de pandemia.

Ao simpático e amigo casal, benfeitor deste jornal e pródigo de gentilezas para quem esta pequena notícia escreve, desejo, em nome de todos os assinantes e amigos do jornal, que possam continuar alegres e felizes e que as condições sanitárias a nível mundial venham a permitir que se possam deslocar mais uma vez à pátria natal.



Bom presságio para a época tardia da lampreia em Melgaço

Manuel Luís Gonçalves

Os segredos dos sabores da lampreia pescada no troço do Rio Minho entre Monção e Melgaço são ainda pouco conhecidos da maioria dos visitantes.

No caso particular do concelho mais a Norte, nem a dimensão e característica do modo de pesca, nem a restauração local terão demonstrado especial interesse mudar as práticas, como notou o pescador Venâncio Fernandes, da Associação de Caça e Pesca de São Tomé.

“Aqui não há mais ou menos interesse por causa dos restaurantes. A nossa pesca é de subsistência, para consumo próprio ou para oferecer a alguém que nos ajudou nas vindimas, há que lhes agradecer. Os restaurantes de Melgaço vão comprar onde é mais barato, a Caminha ou a Campos”, observou.

Por outro lado, os pescadores de Melgaço gozam de melhores condições para redar as pesqueiras a partir de Março, quando geralmente já estão passados mais de dois meses da campanha de promoção da iguaria que o mar entrega na foz, em Caminha, e sobe até Melgaço para desovar.

A terceira vaga da pandemia Covid-19 obrigou ao encerramento da restauração por tempo indeterminado mas, a cumprirem-se as melhores perspectivas de



redução de infecções devido ao isolamento profilático, poderão reabrir ainda a tempo de aproveitar a época alta da lampreia em Melgaço. Neste ano, o Inverno prepara-se para subir o caudal a níveis que animam os perpetuadores desta arte da pesca.

“Para haver boa pesca em Março e Abril, em Fevereiro o rio devia ter um caudal que não deixasse sequer os pescadores redar as pesqueiras”, explica ainda Venâncio Fernandes.

O nevão e as chuvas da estação poderão ajudar o desejo do experiente pescador a realizar-se e tornar o



período da pesca da lampreia em Melgaço, entre 15 de Fevereiro e 16 de Maio, a época ideal para a levar do rio ao prato, em casa ou na restauração local, se esta voltar a focar-se na diferenciação da experiência à mesa.

**Dentro da Medicina Integrativa
Conosco a partir de Janeiro
Dr. Alexandre Múrias**




Licenciado em Ciências Farmacéuticas
Diplomado em Naturopatia
Diplomado em Medicina Tradicional Chinesa
Mestrado em Medicina Tradicional Chinesa
Diplomado em Acupuntura e Moxabustão
Pós-Graduado em Medicamentos e Produtos de Saúde à Base de Plantas
Pós-Graduado em Plantas Aromáticas e Óleos Essenciais

Telefones:
00351 251 404 002
WhatsApp:
00351 938491261

Consulte-nos na
EstheticSmile
Largo da feira - Melgaço

Informe-se connosco

**Ozonioterapia
Otimizando o Organismo**



Telefones:
00351 251 404 002
WhatsApp:
00351 938491261

Consulte-nos na
EstheticSmile
Largo da feira - Melgaço

**Fotografe o seu sorriso e envie para o WhatsApp
00351938491261 para estudar a viabilidade do
uso desta técnica e marque uma Consulta para
análise**



Consulte-nos na
EstheticSmile
Tlf. +351251404002
808213415

Largo da feira - Melgaço

Do “Vale do Lima” XXVI

P. M. Domingues

“...Quando fizeres a ceifa do teu campo e te esqueceres de algum feixe, não voltes atrás para o levar. Deixa-o para o estrangeiro, o órfão e a viúva, a fim de que o Senhor, teu Deus, abençoe todas as obras das tuas mãos. Quando varejares as tuas oliveiras, não voltes a colher o resto que ficou nos ramos; deixa-o para o estrangeiro, o órfão e a viúva. Quando vindimares a tua vinha, não rebusques o que ficou; deixa-o para o estrangeiro, o órfão e a viúva. Lembra-te que foste escravo no Egipto. Por isso, te mando que cumpras esta ordem.” Livro do Deuterónimo (Antigo Testamento) 24, 19-22.

Esta passagem bíblica, além doutras, foi escola onde se forjou a sabedoria ancestral do povo de Parada do Monte. Lembro-me bem que era assim que eu via fazer no meu tempo de criança. Sobretudo na apanha do feno, na ceifa do centeio e na vindima, ficava sempre algo para trás onde os pobres se abasteciam. A Palavra de Deus, proclamada na igreja pelos párcos e pelos pregadores de Missões, entrou bem fundo no coração do povo e fê-lo convictamente solidário. Calem-se as ideologias e os iluminismos que não bebam nesta fonte divina da Palavra!

Tempos houve, ainda das minhas memórias, em que pouca gente tinha relógio. Quando o médico receitava remédios para se tomarem a horas certas, entravam de serviço comunitário os poucos relógios despertadores que havia na freguesia e tantas vezes os seus donos

os viam ausentes pelas casas dos doentes. Maravilhosa sabedoria, fruto da caridade cristã! Doente que não pudesse valer-se a si mesmo, porque vivia sozinho ou não tinha familiares, ficava entregue aos desvelos dos vizinhos que se revezavam e afadigavam em cuidados. Aos idosos que já não podiam trabalhar nem tinham reformas, os filhos davam “pensão” de alimentos, de conforto e de carinho.

Apetece perguntar se o mundo evoluiu ou regrediu em termos de humanidade! E de saber donde nasceu esta humanidade!

“O Espírito do Senhor está sobre mim, porque me ungiu para anunciar a Boa Nova aos pobres; enviou-me a proclamar a libertação aos cativos e, aos cegos, a recuperação da vista; a mandar em liberdade os oprimidos, a proclamar um ano favorável da parte do Senhor” Lc 4, 18-19. É aqui que reside e daqui jorra a fonte do saber que alguns teimam em considerar ópio e saber ultrapassado!

Vem a calhar recordar os sacerdotes que, em Melgaço, com as suas 18 paróquias, tentaram levar ao povo esta Boa Nova de Jesus Cristo. Da minha memória, havia dezasseis párcos, porque só Lamas de Mouro e Remoães é que não tinham párcos residentes. Lembro-me dos seguintes, nos meus anos de juventude e até à minha saída em 1968: Aníbal Rodrigues, em Castro Laboreiro; Manuel José Rodrigues, em S. Paio; Antó-

nio Rodrigues (Feijoeiro), em Parada do Monte, a quem sucedeu o meu tio António Domingues; Campos Lima, Arnaldo Fernandes, António Sousa e Silva, P. Manuel Domingues, na Gave; José Marques; em Cubalhão e Lamas de Mouro e depois em S. Paio; Custódio José Domingues, em Couso e depois em Cubalhão; Francisco Apolinário da Costa Araújo, em Cubalhão e Lamas de Mouro; António Esteves, em Couso e depois em Rouças; Albertino Pereira, em Paderne (também tinha estado em Chaviães); Carlos Vaz, em Rouças; Justino Domingues, em Vila; Firmino, Justino Afonso, em Prado e Remoães; Manuel Bento Silva, em Penso; António Barros, em Alvaredo; Manuel Lourenço, em Fiães; António Domingues (meu tio), Joaquim Freitas, Manuel Leal, José Rodrigues Lima, em Chaviães; Custódio Costa, António Fernandes Gonçalves (Severo), em Paços; Abílio Mariz (José do Egipto), em Cristóval. Quando regresssei a Melgaço em 1998 éramos seis: P. Anibal, (P. Aventino e P. César) P. Xavier, (P. Vasco e P. Raul), P. Esteves, P. José Alberto, P. Manuel Alves (P. João Paulo), P. Manuel Domingues. A partir de 2018 ficaram quatro: P. César, P. Raul, P. João Paulo (P. Arcélio), P. Carlos Alberto. Nos últimos 50 anos a população concelhia passou para metade...

Nota: Também, após 1968 até 1998, em Chaviães: P. Daniel (com Paços e Cristóval), P. Manoel Baptista, P. Domingos (com Paços, Cristóval e Fiães).

Aroeira-vermelha ou pimenteira-bastarda

Teresa Tábuas

Conhecida como aroeira-vermelha, aroeira-da-praia, aroeira-pimenteira, entre outros, *Schinus terebinthifolius* chega a medir até 10 metros de altura e dá pequenas flores e frutos vermelhos, em cachos semelhantes a uvas pequenas. Pode ser encontrada nas Américas do Norte e do Sul, Austrália, África do Sul e foi naturalizada na Europa Mediterrânica. É cultivada em Portugal com o nome popular de pimenteira-bastarda.

As plantas medicinais são elementos que fazem parte da biodiversidade e são largamente utilizadas desde os primórdios da civilização por vários povos e de diversas maneiras. Hoje em dia a etnofarmacologia combina informações adquiridas junto a utilizadores da flora medicinal (comunidades e especialistas tradicionais), com estudos químicos e farmacológicos para

poder demonstrar com vários estudos das plantas medicinais e seus muitos benefícios nos tratamentos de diversas doenças.

A aroeira contém taninos, polifenóis que possuem ação antioxidante, mas são os flavonoides que tem forte ação antioxidante que a tornam mais importante no combate aos radicais livres, protegendo o cérebro e o sistema cardiovascular e melhorando a circulação sanguínea. Em princípio, por ser grande fonte de antioxidantes, pode promover o fortalecimento da imunidade, uma vez sua ação anti-inflamatória dificulta que doenças, infeções e inflamações prejudiquem o organismo, pois os flavonoides, juntamente com os taninos, exercem a atividade inibitória de bactérias. Em suma, os compostos do metabolismo secundário encontrados nas folhas e casca de caule, alcaloides, ta-

linos, flavonoides e saponinas, estão diretamente relacionados com os efeitos biológicos encontrados, principalmente os compostos fenólicos, como flavonoides e taninos.



A casca tem propriedades depurativas usada contra afeções uterinas, no tratamento de diarreias e nas tosses com sangue, problemas do sistema respiratório e ainda pode ser usado em gargarejos, banhos ou compressas. O chá pode ser obtido da casca, mas também das folhas da aroeira.

Flashes do Ciclo

As Eleições Presidenciais

Arménio Melo

No dia 24 de Janeiro, foram realizadas as Eleições, para eleger o Presidente da República. Era previsível, ter uma campanha limitada, por causa da Pandemia, do Covid 19. Não causando obviamente, alguma surpresa, a forma como decorreu a campanha, no que concerne, ao respeito, com a Pandemia. No entanto, quem deu um espetáculo, indecoroso, foram os candidatos. Com efeito, sendo estas Eleições Presidenciais, as décimas, desde o 25 de Abril, foram, na minha opinião analítica, as eleições, para as quais, concorreram os piores candidatos. Efectivamente, nos debates entre eles, era uma tristeza. De facto, eram seis de um lado, a fazer acusações, ao actual Presidente e seis a atacar o candidato, do Chega, estes bem apoiados, pelos jornalistas e comentadores, nas televisões. André Ventura era adjetivado, por todos os adversários, com nomeadas enxovalhadoras e nada acontecia. Mas, se Ventura atacasse, caía o Carmo e a Trindade, como se viu, quando tratou uma candidata, de lábios vermelhos, logo se criou um

coro de solidariedade, contra a ofensa. O que é certo é que, André Ventura, ataca o que, a maioria do povo português pensa. Com efeito, considera que há deputados a mais. Desde há anos, que o PSD, luta, para a sua diminuição. Alias, já chegou a acordo, no governo de Guterres, alterando a constituição, podendo passar, para 190 deputados, depois chegou a haver acordo com Seguro, mas com a sua saída, não se consumou. Nas recentes eleições, nos Açores, Ventura, propunha menos deputados. Os Adversários, diziam que era diminuir a Democracia. Mas, a Madeira, é a Província, portuguesa considerada, onde se vive melhor, tem 258.067 habitantes, com 47 deputados. Os Açores, considerado a Província mais pobre, tem 228.895 habitantes, tem 57 deputados. Será que há mais democracia nos Açores? O que havia era mais corrupção e, a Assembleia da República, está a funcionar há um ano, com um terço dos deputados, com os serviços a correrem como anteriormente. Efectivamente, André Ventura, já fez História.

Com efeito, secou o partido comunista nos Açores e agora, humilhou-o no Alentejo. O Alentejo Vermelho desbotou. Ventura, foi o herói, destas eleições, Em 18 distritos e duas Regiões Autónomas, ficou em 2º em 12 distritos e numa Região. Com realce, para três distritos, a sul do Rio Tejo, Setúbal, Évora e Beja, redutos comunistas, que parece, terem sido libertados, do jugo a que estavam amarrados. Os primeiros lugares, foram todos conquistados, por Marcelo. Ana Gomes, acusa Ventura, de ser um perigo, para a Democracia mas, o que mais corrói a Democracia, é a Corrupção e Ana Gomes, em vez de dizer, orgulhar-se por pertencer, ao PS, devia ter vergonha, por pertencer a um partido que, quando governo, levaram Portugal, uma vez ao Pântano e outra à Banca-Rota, com a roubalheira e a corrupção. Estão ministros presos, mas deviam estar, muitos mais, incluindo um primeiro ministro. Ventura diz o que o povo português, deseja. Efectivamente, combater a corrupção, melhorar a Justiça e a Saúde, é uma urgência.

O Sol nasce para todos

Helena Matos

Ainda o Sol não espreitava e já a natureza despertava para um novo dia!...

E mal o Sol despontou já a azáfama estava instalada para o Povo exercer o seu direito de voto nas eleições presidenciais.

Belém é muito mais que o hastear, o saudar e o arriar da bandeira.

O Presidente da República é o Chefe do Estado. Assim, nos termos da Constituição, ele “representa a República Portuguesa”, “garante a independência nacional, a unidade do Estado e o regular funcionamento das instituições democráticas” e é o Comandante Supremo das Forças Armadas.

Como garante do regular funcionamento das instituições democráticas tem como especial incumbência a de, nos termos do juramento que presta no seu ato de posse, “defender, cumprir e fazer cumprir a Constituição da República Portuguesa”.

A legitimidade democrática que lhe é conferida através da eleição direta pelos portugueses é a explicação dos poderes formais e informais que a Constituição lhe reconhece, explícita ou implicitamente, e que os vários Presidentes da República têm utilizado.

Marcelo Nuno Duarte Rebelo de Sousa vai exercer o seu segundo mandato de Presidente da República Portuguesa numa altura em Portugal e o Mundo são postos à prova de uma crise sanitária e económica.

Quem votou Marcelo Rebelo de Sousa votou no político que coloca acima da sua vida a verdade das suas palavras. O compromisso que tem como os portugueses é mais que um código, passou a ser um estilo de vida.

O tipo de poderes de que dispõe o Presidente da República pouco tem que ver, assim, com a clássica tripartição dos poderes entre executivo, legislativo e judicial.

Aproxima-se muito mais da ideia de um poder moderador (nomeadamente os seus poderes de controlo ou negativos, como o veto, por exemplo; embora o Chefe de Estado disponha também, para além destas funções, de verdadeiras competências de direção política, nomeadamente em casos de crises políticas, em tempos de estado de exceção ou em matérias de defesa e relações internacionais).

No entanto, muito para além disso, o Presidente da República pode fazer um uso político particularmente intenso dos atributos simbólicos do seu cargo e dos importantes poderes informais que detém. Nos termos da Constituição cabe-lhe, por exemplo, pronunciar-se “sobre todas as emergências graves para a vida da República”, dirigir mensagens à Assembleia da República sobre qualquer assunto, ou ser informado pelo Primeiro-Ministro “acerca dos assuntos respeitantes à condução da política interna e externa do país”. E todas as cerimónias em que está presente, ou os discursos,

as comunicações ao País, as deslocações em Portugal e ao estrangeiro, as entrevistas, as audiências ou os contactos com a população, tudo são oportunidades políticas de extraordinário alcance para mobilizar o País e os cidadãos.

A qualificação do Presidente como “representante da República” e “garante da independência nacional” fazem com que o Presidente, não exercendo funções executivas diretas, possa ter, assim, um papel político ativo e conformador.

Marcelo Rebelo de Sousa vai exercer a sua magistratura com honra, integridade, lealdade, respeito, responsabilidade e coragem.

Esperemos que Marcelo Rebelo de Sousa, o Presidente dos afectos, deixe uma herança de valores e princípios na classe política melhor do que aquela que neste momento impera.

Que 2021 seja portador de fraternidade, ânimo, bom-senso, cortesia e disciplina.

O Sol quando nasce, nasce para todos.



GAZETILHA

Álvaro Carvalho

Quem diria?!...

Entramos em 2021 com o “credo na boca”. A pandemia atinge níveis incontroláveis. Estamos todos reféns do estado calamitoso a que chegamos.

Quem imaginaria?!...

É um cenário de catástrofe epidémica o que estamos a viver. Passado um ano há gente que não respeita normas e há quem pense que só acontece na casa dos outros.

Todos temos que dar o nosso melhor e respeitar as directrizes impostas pelos órgãos competentes.

Que “sarrabulhada” vai na cabeça daqueles políticos que na hora de arregaçar mangas e lutar pelo bem comum de todos os portugueses vociferam asneirada da grossa criando divisão para reinar?!... Quem

não ajuda que não estorve.

É verdade que todos precisamos de aventura e ar livre. O contacto com a natureza traz saúde e felicidade. Mas este é o momento de cumprir regras. Temos que ficar em casa para nos protegermos a nós e aos outros. É proibido prejudicar os nossos familiares e amigos com a nossa irresponsabilidade.

O massacre a que se assiste não apanha somente os velhos. Apanha toda a gente pela “medida grande”!... O vírus anda à solta!...

Temos que ter os pés assentes na terra e a noção de que cada um individualmente faz a diferença.

Um ano depois qual a lição a tirar?!...

Sozinhos não somos nada.

Fomos prevenidos e não podemos admitir que com-

portamentos promíscuos e perniciosos sejam sentença de morte para os mais desprotegidos (e não só)!...

A fome bate à porta de toda a gente. Falta pão em muitos lares. Quando o País pára há toda uma miséria que alastra.

Este ano o carnaval é outro.

Andamos de máscara há demasiado tempo e não podemos mascarar mais tristezas e infortúnios.

Precisamos de alegrias.

Precisamos de rir e abraçar.

Precisamos de beijos.

Precisamos de arte e cultura.

Precisamos de orar levando nossas orações até Deus.

Que Deus nos ajude.

Andamos a brincar ao COVID

Agora pagamos com língua de palmo!

Carlos Nuno

Não foram só os convívios de Natal que provocaram este crescimento impressionante da infecção por COVID no nosso país. A variante inglesa está a ser devastadora. Mas o ambiente que se criou antes, já no Verão e Outono, como se a pandemia estivesse a acabar, criou por sua vez uma sensação de impunidade que levou a estes números assustadores, quer de infectados, quer sobretudo de mortos.

Agora, travões a fundo. Temos mais dois meses de confinamento pela frente. Pelo menos. E Marcelo adverte: «Temos de ser mais estritos, mais rigorosos, mais firmes no que fizemos e no que não fizemos: ficar em casa; sair só se imprescindível e com total protecção pessoal e social. Só assim será efectivamente viável testar a tempo e rastrear os possíveis infectados, diminuindo a disseminação do vírus».

Este vírus não poupa ninguém. Basta ver quantos

jovens e até atletas de alta competição, teoricamente com muitíssimas defesas e capacitados para reagir ao vírus, mas que também ficaram infectados. Há equipas de futebol com quase meia equipa infectada! Isto nos leve a despertar de vez para a urgência de cuidados redobrados de protecção individual máxima e redução ao mínimo indispensável dos contactos. Primeiro pelo bem maior que é a nossa saúde e a dos outros. Em segundo lugar, para evitar que os hospitais colapsem mesmo e nós continuemos a ver espectáculos dramáticos como os das 30 ou 40 ambulâncias em fila à espera de vez no maior hospital do País.

Nota-se que há uma falta gritante de comando e verdadeira coordenação. Vamos sempre atrás do prejuízo, em vez de antecipar e cortar pela raiz.

Caro assinante e estimado leitor: tomemos todas, mas mesmo todas as medidas de protecção individual

e social. Não menosprezemos a terrível ameaça deste vírus que já dizimou mais de 11.000 vidas, o equivalente a mais do dobro da população realmente residente e a viver em Melgaço.

Uma palavra de muita estima e proximidade para bastantes pessoas da nossa terra que viram familiares muito queridos falecer vítimas do COVID. Este jornal espelha essa terrível realidade. E uma das melhores homenagens a quem já partiu é redobramos de cuidados na protecção individual e social, tentando estancar de vez tão feroz inimigo.

Além de todos os cuidados, é importante manter a esperança e procurar ter um espírito positivo na vida. Uma vida de fé, embebida na oração sentida e vivida, é o melhor antídoto contra as depressões e os desânimos que esta crise provoca.

O Desastre agrícola, pecuário, económico e social iminente se a caça acabar em Portugal..

João A. S. Lemos

Conversando com alguns agricultores e representantes das atividades agrícolas, florestais, e pecuárias de diferentes partes do País, para saber dos seus pontos de vista, as consequências de se proibir a Atividade Cínegetica em Portugal... seria uma catástrofe.

Uma catástrofe a nível pecuário

“Ao nível da pecuária, temos a sombra da peste suína africana (FSA) sobre todos nós. O fim da caça ao javali é uma preocupação para o controlo da doença. Embora as populações de javalis através de montarias e esperas tenham vindo a ser controladas, em tese, essa fonte de infeção foi controlada, agora parar de caçar, acreditamos que nada vai acontecer, presumindo que seja uma proibição temporária, o problema grave seria se a proibição fosse definitiva. Se passar mais tempo em discussões fúteis com políticos e ambientalistas desconhecedores das realidades, os animais começarão a se mover, haverá novos “currais” de parição, etc. etc, o que aumentaria as chances de a praga chegar a Portugal, seja por javalis, seja por transporte, seria uma catástrofe pecuária, económica e social

Javalis, veados, lobos...

Os criadores de suínos estão com medo, estes não querem ver javalis por perto das suas suiniculturas ou mesmo das “varas” de suínos que vagueiam livremente pelas suas propriedades, principalmente o “porco preto” criado livremente, mas também por outros possíveis transmissores de doenças como a tuberculose, sarna ou carrapatos – sair para passear no campo representaria um risco real à saúde dos animais de estimação e pessoas – assim como as perdas sofridas pelo grande predador, que prefere presas domésticas fáceis de caçar como veados ou javalis. Os “ambientalistas-urbanos” assim como toda a classe política – urbana (na sua maioria) não compreendem que o problema do lobo não é só a ovelha ou a vaca que mata, mas a repercus-

são que o ataque tem, por exemplo a ovelha que aborta.

“Todos quantos dependem do mundo rural como um todo, serão os que pagarão as consequências dessa irresponsabilidade e, porque não, uma brincadeira de mau gosto que é a proibição da caça. É cada vez mais móvel, cruzando estradas, o que vai causar inevitavelmente mais acidentes. Se a proibição se estender no tempo, o seguro, quando chegar a hora, vai excluir esse tipo de sinistro das suas apólices, como é comum e já utilizado na Galiza, com as populações de corços e javalis”.

Invasão do javali e do coelho se não for caçado

No que diz respeito aos seguros relativos aos danos causados pelas populações de coelhos “descontroladas” nas explorações agrícolas, embora saibamos que esta situação não é generalizada no País (por enquanto), quando se começar a reportar danos, a cobertura sai fora do seguro, com o qual cada agricultor teria de fazer face aos prejuízos do seu próprio bolso. Estamos a falar de cerca de 10 a 20% das lavouras que sofrem danos, por praga de coelhos, levando em consideração que é caçado. Se irresponsavelmente se proibir a caça é permitir que se reproduzam livremente, o que poderemos esperar? Teremos superpopulações com caça; sem caça, o que teríamos? Invasão?

O javali também arrasa. Para agricultura e pecuária, deixar todos esses tipos de animais selvagens livres pode ser a ruína. O dano económico que pode ser feito a muitos municípios e conselhos inseridos no mundo rural é incalculável, selvagem! Temos um grande e grave problema de despovoamento das áreas rurais. A sobrevivência económica de muitos habitantes resulta do campo e da caça. Sem esse tipo de rendimento, qual seria a solução? Cobrar impostos aos moradores, que além de serem poucos, correm o risco de se irem embora? Economicamente falando, muito dinheiro vem



da caça e, graças a Deus, ao governo e à população não está custando nada. Esse rendimento existe porque há muitas pessoas cujo desporto favorito é a caça. Vivemos um do outro, logo não se pode deixar que todos os animais se soltem.

Mudanças na natureza dos animais

Vacas, ovelhas, veados...estão sendo atacadas durante o parto por “urubus” – que deveriam ser “carniçais” – devido às mudanças sofridas pela natureza em decorrência de tantas intervenções humanas. “Antes, quando morria o gado, podia-se atirá-lo ao campo para que estes animais os comessem”, agora tem que vir um camião, leva-o embora, paga o “dono”...no fim estás portador da doença daqueles animais que morrem em todas as estradas. Estamos rompendo com a corrente, estamos nos esquecendo que alguns animais têm que controlar outros, é algo que existiu em toda a vida...Os poucos restos de caça que ficam no campo e na floresta ajudam essas espécies a sobreviver e não a extinguírem-se. Se elas pararem de caçar, o que vai acontecer?”

Gestor Cinegético

Está a tornar-se cansativo comentar António Costa que faz tudo para não ser impopular

Abílio Francisco Conde

Está a tornar-se cansativo comentar o 1.º ministro socialista António Costa que faz tudo para não ser impopular, pois só toma medidas quando a situação é catastrófica. Há dias, uma médica dizia que mostrassem imagens do que se passa nos hospitais para as pessoas verem o horror que está a acontecer. As pessoas ficaram em casa em Março e Abril do ano passado porque viram os cadáveres amontoados nas urgências dos hospitais da Espanha, Itália e Nova Iorque. Não se compreende assim que o governo de Costa não tenha feito o mesmo, mostrando as imagens impressionantes nos hospitais que obriguem as pessoas a verem a realidade e que aquilo pode acontecer-lhes a elas próprias ou algum familiar seu. Nunca se morreu tanto como agora, em Portugal. Nos últimos dias, cerca de 260 pessoas por dia, morre de Covid-19. As ambulâncias amontoam-se à porta dos hospitais onde esperam 6 a 10 horas para os doentes serem atendidos e alguns morrem ali sem auxílio. Os que são admitidos, muitos ficam a dormir no chão. De enaltecer os condutores (bombeiros) das ambulâncias que ajudam e alimentam os doentes transportados com a sua própria refeição. Mostrem arcas frigoríficas à entrada dos hospitais, pois os cadáveres são tantos que têm de esperar pela sua vez, alguns,

semanas. Assistem aqueles que não cumprem as medidas da Direcção Geral de Saúde. Mas a culpa também tem sido do governo que fez como a cigarra, dançou e cantou no verão na Caparica, Algarve e nas ilhas Canárias e agora deita as mãos à cabeça e chora como fez a ministra da saúde que ajoelhou na assembleia da república e pediu a todos que a ajudassem. A ministra olhou só pelo SNS e pôs de lado os hospitais privados, pensando que não precisava da sua ajuda, mas na saúde não há política, todos são precisos. Bem lhe custou, mas já está a pedir auxílio aos privados. Costa está desnorteado. Segunda - feira disse que não fechava as escolas e na terça mudou de atitude, encerrando-as porque era preciso parar a mobilidade de cerca de 2 milhões de alunos para o vírus não se propagar tão facilmente. A nova estirpe chamada inglesa espalha-se em maior força e não se podia estar à espera de todos os estudantes estarem



infectados para tomar uma decisão, como queria Costa. São já muitos os mortos a partir dos 30 anos e os adolescentes são os maiores propagadores da nova estirpe da Covid-19. Não venham com histórias. Portugal é dos piores do mundo com a Covid-19. O cenário é de guerra e não vai melhorar nos próximos meses. A vacinação do país está lenta. Dizem os especialistas que por este ritmo vai durar 2 anos. O governo não comprou 800.000 doses que lhe foram destinadas por Bruxelas que a Alemanha adquiriu logo. Até ao próximo jornal, se Deus quiser.

Janeiro 2021

Covid-19: Agrupamento de Escolas e Santa Casa da Misericórdia abriram serviços para receber filhos de trabalhadores dos sectores essenciais

João Martinho



No dia 21 de Janeiro, o Governo adicionou medidas mais restritas à circulação, espaços comerciais e encerramento de escolas e de serviços públicos pelo período de 15 dias, tendo em conta o número crescente de novos casos diários e uma possível disseminação alargada da estirpe britânica da COVID-19

No entanto, a exemplo do confinamento da primeira vaga em 2020, as escolas não fecham os portões a cadeia. O Governo definiu uma série de excepções que as respectivas direcções escolares, em articulação com as autarquias, terão de respeitar para manter os serviços essenciais da comunidade em funcionamento.

A mais sonante e divulgada medida é a que estabelece a manutenção de uma rede de escolas de acolhimento para filhos de trabalhadores de serviços essenciais, que tenham até 12 anos, mas há mais apoios que caberão às escolas.

“A escola de acolhimento é obrigada a prestar esse serviço”, frisou a Directora do Agrupamento de Escolas de Melgaço, Paula Cerqueira, em declarações a este jornal no dia 21 de Janeiro, após conhecer as indicações que nortearão o funcionamento das instituições escolares.

Além do apoio aos filhos dos trabalhadores dos serviços essenciais, a escola disponibiliza o serviço de refeição aos alunos beneficiários da Acção Social Escolar, os que estejam referenciados à CPCJ [Comissão de Protecção de Crianças e Jovens] e os que precisem de “apoios adicionais ou terapias, da Educação Especial”, explicou a directora do agrupamento.

Ainda relativamente aos beneficiários da Acção Social Escolar, Paula Cerqueira sugere que “estes alunos podem vir almoçar à escola, se não precisarem de transporte”, ou então, mediante apoio a operacionalizar pela autarquia, “fazer com que as refeições sejam confeccionadas na escola e cheguem a casa do aluno”.

Para os filhos dos trabalhadores dos serviços essenciais, terão de ser os pais a solicitar o apoio à escola de acolhimento, centralizada no edifício sede do Agrupamento, na Escola EB 2,3/S da Vila de Melgaço. O Centro Escolar de Pomares abrirá apenas se não for possível pelos serviços, inclusive de transporte, a centralização dos alunos nas instalações da Vila.

“Mesmo que seja apenas um aluno, a escola vai estar aberta. A autarquia decidirá como se fará o transporte dos alunos”, observou a responsável do AEM.

Santa Casa da Misericórdia reabriu Creche e Pré-Escolar

As valências de Creche e Pré-Escolar da Santa Casa da Misericórdia de Melgaço reabriram no dia 26 de Janeiro para responder à necessidade de apoio aos trabalhadores dos sectores essenciais.

A nível do distrito de Viana do Castelo, a Misericórdia melgacense é uma das quatro Santas Casas referenciadas pela Segurança Social para a prestação deste

serviço durante o período de suspensão da actividade lectiva decretado pelo Governo.

À excepção de Melgaço, apenas as Misericórdias de Monção, Arcos de Valdevez e Ponte de Lima estão indicadas na lista de prestadores deste apoio no distrito alto-minhoto. O concelho de Viana do Castelo, tal como Ponte de Lima, tem referenciadas outras IPSS e o serviço de amas para o efeito. As Santas Casas dos restantes concelhos não abriram, até ao momento, este tipo de resposta.

O provedor da santa Casa da Misericórdia de Melgaço, Jorge ribeiro, considera haver ainda limitações no acompanhamento das crianças durante a jornada diária dos pais.

“A resposta da escola, em termos de horários, não é suficiente para muitos pais que desempenham funções essenciais. A manutenção do serviço do CATL [Centro de Actividades de Tempos Livres] em complemento da escola, pode ser muito importante para que alguns desses trabalhadores tenham condições para cumprir o seu horário de trabalho”, observou Jorge Ribeiro.

Para já, o funcionamento dos ATL “não está previsto na legislação”, no entanto, a Misericórdia melgacense está disponível para activar este serviço se o prolongamento das medidas de contenção da pandemia Covid-19 incluírem esta resposta social entre as excepções. “Com esforço, mas sempre numa logica de apoio à comunidade, que é precisamente para isso que existimos enquanto Misericórdia”, reforçou o provedor da Misericórdia de Melgaço.

Pandemia: Crise Litúrgica?

A 43ª Semana de Pastoral Litúrgica de Viana do Castelo, que decorreu on line de 25 a 29 de Janeiro, debateu o magno problema das alterações de liberdade para celebrar presencialmente os sacramentos, atingindo de maneira especial a celebração da eucaristia. Com as igrejas fechadas ou, quando abertas, com lugares limitados, são muitas as dificuldades que se colocam para celebrar comunitariamente a fé como até à crise

se vinha fazendo.

Um painel rico de oradores, com a presença de dom José Cordeiro, bispo de Bragança e Presidente da Comissão Episcopal de Liturgia, a introduzir as jornadas e o cardeal Tolentino Mendonça a proferir a reflexão final. A sua palestra, de 30 minutos, densa e interpeladora, teve picos de audiência ao vivo que chegaram a 550 conexões efectuadas.

Esta edição está sobrecarregada e o tema merece toda a atenção, pelo que, na edição de Março, daremos conta mais pormenorizada dos principais desafios pastorais lançados pelos vários intervenientes. Porque se é verdade que há dificuldades, também nos desafiam muitas oportunidades que não devemos desperdiçar.

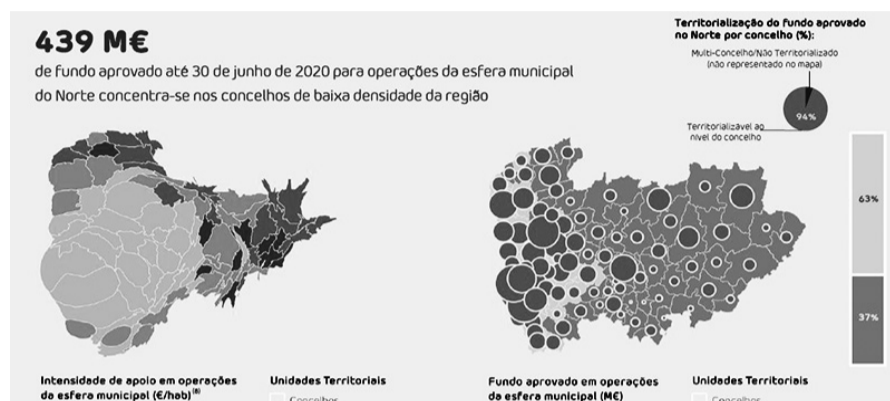
Melgaço entre os municípios do Alto Minho com maior volume de fundos comunitários aprovados por habitante

João Martinho

De acordo com os dados publicados pela Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Norte (CC-DR-N), na publicação “NORTE EU: Dinâmicas dos Fundos Europeus na Região – Programas Nacionais e Regionais”, até 30 de Junho de 2020, Melgaço obteve apoios comunitários de 943 euros por habitante.

Os valores foram calculados com base nas estimativas provisórias anuais da população residente de 2019 e colocam o município raiano entre os que mais beneficiaram, nesta proporção, dos apoios europeus. **Apenas Paredes de Coura, com 1195 euros por habitante, força os valores da maioria dos concelhos alto-minhotos.**

No que respeita ao volume de investimento elegível aprovado, os números são menos expressivos



que grande parte dos municípios do distrito. No primeiro semestre de 2020, Melgaço apresentava 9,2 milhões de euros neste indicador e um fundo aprovado de 7,6 milhões de euros, para 46 operações no território.

O município de Arcos de Valdevez, com 22 milhões de euros de investimento elegível aprovado (para uma aprovação de 18,7 milhões) e uma captação de fundos na ordem dos 900 euros por habitante, lidera o rank de municípios minhotos com maior eficácia.

MDOC: Festival abre candidaturas ao Prémio Jean-Loup Passek até 19 de Abril

João Martinho



O prémio Jean Loup Passek, promovido pelo MDOC - Festival Internacional de Documentário de Melgaço tem a plataforma de candidatura de filmes documentais aberta até ao dia 19 de Abril.

Podem concorrer documentários cinematográficos, produzidos em qualquer país e com qualquer duração, que abordam os temas do festival: identidade, memória e fronteira. O prémio Jean Loup Passek está integrado no MDOC e já tem agenda para 2021: De 2 a 8 de Agosto.

Os filmes submetidos serão analisados pelo júri do prémio Jean Loup Passek, que nesta edição é constituído pelas realizadoras Julia Kushnarenko e Susana de Sousa Dias, pelos realizadores Alessandro Negrini e Alfonso Palazón Meseguer e pela professora e programadora Jane Pinheiro.



Os documentários selecionados serão exibidos durante o festival MDOC, altura em que serão anunciados os vencedores. O vencedor na categoria de longa-metragem será premiado com um prémio no valor de 3000 euros, a melhor curta-metragem receberá 1500 euros e o melhor documentário português a concurso arrecadará o prémio nacional, no valor de 1000 euros.

Além do Prémio Jean Loup Passek, os filmes a concurso ficarão automaticamente candidatos ao Prémio D. Quixote, promovido pela Federação Internacional de Cineclubes e com júri próprio.

Festival vai premiar originalidade no concurso de “Melhor Cartaz de Cinema”

Nesta edição, pela primeira vez, o Prémio Jean Loup Passek abre também candidaturas para o melhor cartaz

de cinema. A distinção será atribuída a um cartaz original criado para um filme documentário, de animação ou de ficção, de curta, média ou longa-metragem, com produção portuguesa ou galega. O concurso está aberto a designers e os cartazes devem promover filmes terminados depois de 1 de janeiro de 2018, sendo a data limite para para inscrição de cartazes o dia 30 de Abril de 2021.

Devido à pandemia da Covid-19 o festival viu-se forçado a cancelar a edição de 2020. Todos os filmes que já tinham sido submetidos para a edição de 2020 estão automaticamente inscritos e serão considerados no processo de seleção da edição de 2021.

Todas as informações sobre o prémio e processo de candidatura podem ser encontradas na página da internet do festival, em www.mdofestival.pt

“As viagens são
os viajantes!
O que vemos,
não é o
que vemos,
senão o que
somos.”

Livro do desassossego, 1982

Fernando Pessoa

Descobre Portugal através dos seus autores.
Percorre cidades, mares e montanhas
em cada capítulo. Vamos virar a página
com serenidade e esperança.

Vamos ler Portugal. Visita Portugal.



COVID19: Vacinação já começou em Melgaço.

Lar “Cantinho dos Avós” recebeu primeira dose e espera segunda a 10 de Fevereiro

João Martinho



A Residência Sénior “Cantinho dos Avós”, da Santa Casa da Misericórdia de Melgaço, foi a primeira do concelho – e a segunda instituição das Misericórdias no distrito de Viana do Castelo, a seguir a Caminha - a receber a primeira dose da vacina contra a Covid-19.

A primeira de duas doses necessárias para a imunização ao vírus SARS-CoV-2 foi administrada no dia 20 de Janeiro aos profissionais de saúde, técnicos e utentes do lar.

Previamente a esta acção de vacinação, a equipa local de saúde estabeleceu contactos com a misericórdia melgacense, uma vez que o processo só poderá ser iniciado em unidades onde não se registre qualquer caso de infeção activo. **A valência da Santa Casa, uma das duas unidades para acolhimento de idosos da instituição, estava elegível para receber 52 doses da tão desejada vacina a nível mundial, destinadas a 30 utentes e 22 colaboradores.**

“Esperamos que nos venha trazer alguma paz e tranquilidade, porque estamos a aproximar-nos de [completar] um ano de uma luta muito cerrada e muito forte, que faz com que estejamos todos esgotados”, notou o provedor da Misericórdia de Melgaço, Jorge Ribeiro.

“Os utentes estão saturados, as famílias e os profissionais estão cansados. Esperamos que esta vacina nos venha trazer alguma normalidade, respeitando sempre as instruções da DGS, porque não há garantias de que isto esteja resolvido de hoje para amanhã”, reforçou.

A “normalidade”, até ao momento, tem passado por vários estados, no entanto, o actual Estado de Emergência decretado pelo governo voltou a restringir as visitas das famílias a uma janela. “Não há entrada das visitas nas instalações. Vêm apenas pela janela e falam por telefone”, explica ainda o provedor, que não esconde alguma surpresa perante a “serenidade” dos utentes face a toda a adaptação que foi necessária.

“Acho surpreendente a forma como aceitam, com uma serenidade que só a idade traz, o facto de estarem fechados, sem estarem com as famílias e mesmo

as actividades de animação diárias que mudaram. Até o facto de jogar cartas teve de ser questionado, porque passam de umas mãos para outras”, observou.

Jorge Ribeiro considera que “a continuidade de práticas” desde Março do ano passado levou a uma ‘normalização’ da nova convivência restringida, mas também a um olhar atento para evitar um surto como o verificado na primeira vaga da pandemia Covid-19.

“Nós próprios já testamos os nossos colaboradores ao primeiro indício. Ao primeiro contacto são testados por nós, temos meios para o fazer, e isso tem-nos permitido atacar no início qualquer situação que ocorra, isolar, separar e até ao momento temos conseguido salvaguardar os nossos utentes nos lares”, reiterou.

Contudo, o expressivo número de contágios na comunidade – 275 os casos activos, segundo números divulgados a 27 de Janeiro pela autarquia – a que se soma o isolamento profilático dos eventuais familiares conviventes, tem criado alguma dificuldade de recursos humanos na instituição.

“Os que estão em isolamento porque tem familiares infectados, ou por casos de filhos, na escola, está a criar-nos problemas a nível de recursos humanos”, revela Jorge Ribeiro, que admite ter já “mais de uma dezena de colaboradores” em isolamento profilático, resultante dos casos de alerta registados no seio familiar.

“Zero dor, zero desconforto”

Bruno Magalhães enfermeiro na Misericórdia melgacense desde Junho de 2020, foi o primeiro a receber a dose inaugural da vacina. Aquele que foi o seu (e da comunidade) “primeiro passo para acabarmos com isto” não lhe trouxe qualquer dor nem receio.

“Zero dor, zero sensação de desconforto. Tenho apenas as recomendações para pôr gelo se necessário, no local da injeção e vigiar efeitos secundários que podem ser comuns, como dor no local da injeção, febre, dores de cabeça, pingo do nariz, são os sintomas mais normais”, tranquilizou o enfermeiro.

O período de especial atenção aos sintomas vão até 72 horas após a administração da vacina mas, no caso de se manifestar qualquer um destes sintomas, deverão ser considerados “uma reacção normal à vacina, sem qualquer motivo de preocupação”, observou Bruno Magalhães.

Ainda assim, fica o alerta: “Só se fica imune a partir da segunda dose. A primeira é para preparar o nosso corpo a segunda é para nos deixar imunes. Esperemos que nos deixe imunes a todos”, realçou o enfermeiro da instituição. Ainda assim, e até que sejam conseguidos melhores índices de imunidade de grupo, “o uso de mascarar continua a ser necessário”.

“Por vezes doem-me mais as do Plano Nacional de Vacinação”

Marisa Castro, também enfermeira na residência sénior da Misericórdia de Melgaço, valida o processo indolor da vacinação contra a Covid-19.

“Não senti nada, não me doeu nada. Por vezes doem-me mais as que tomo que estão no Plano Nacional de Vacinação. Não sei se será uma particularidade desta vacina ou não, no meu caso não senti absolutamente nada”, reforçou.

Além do período de especial vigilância aos sintomas no período após a vacinação já indicado, Marisa Castro sugere que alguns hábitos de higiene praticados pelos profissionais de saúde poderão conter o surto que nas últimas semanas tem somado mais casos na comunidade melgacense.

Hábitos como o de “tirar a roupa do trabalho e ir tomar banho” ao chegar a casa poderão fazer a diferença. Nos dias em que o nível de exposição ao risco foi maior, a enfermeira Marisa Castro redobra os cuidados entre a vida profissional e familiar.

“Se na instituição lidei de perto com algum caso suspeito, já tive situações em que fui primeiro a casa tomar banho e mudar de roupa e só depois ir buscar as crianças à creche”, frisou.





ADEGA SABINO

Respeito pela **comida regional**
paixão pelo **Alvarinho Monção e Melgaço**

www.adeга-sabino.com

Detido por tráfico de estupefacientes

João Martinho

O Comando Territorial da GNR de Viana do Castelo, através do Núcleo de Investigação Criminal (NIC) de Valença, deteve no dia 13 de Janeiro um homem de 37 anos por tráfico de estupefacientes, no concelho de Melgaço.

Após investigação, os militares abordaram um suspeito que transportava 275 doses de canábis, culminando na sua detenção e na apreensão do produto estupefaciente e de um telemóvel.

O detido foi constituído arguido e os factos foram remetidos para o Tribunal Judicial de Melgaço.



Detido por posse ilegal de armas e violência doméstica

No dia 22 de Dezembro, Posto Territorial de Melgaço da GNR deteve um homem de 50 anos por posse ilegal de armas.

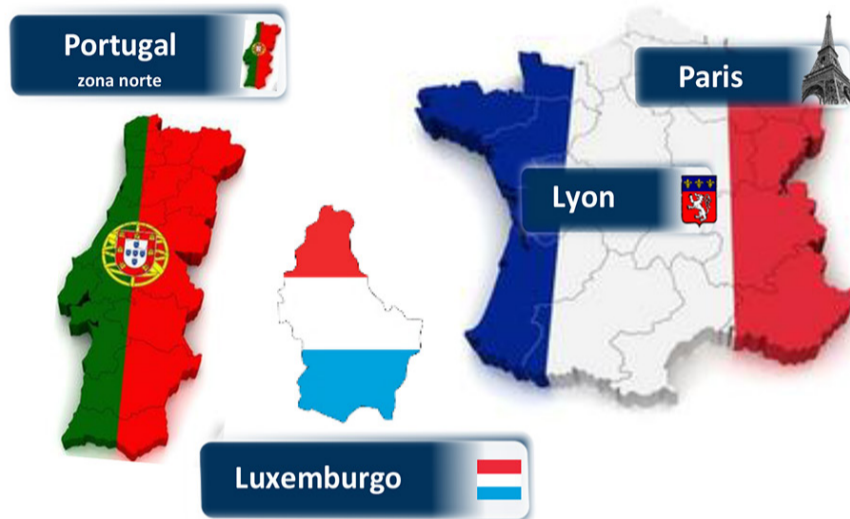
Na sequência de uma denúncia de violência doméstica, os militares apuraram que o suspeito tinha na sua posse uma arma de fogo em situação ilegal, que usava para ameaçar a sua companheira, de 35 anos.

Após diligências policiais, foi realizada uma busca domiciliária, tendo sido apreendido uma arma de fogo de calibre 22, uma arma de ar comprimido, três caixas de chumbos de calibre 4,5 mm e 75 munições de diversos calibres.

O detido foi constituído arguido e os factos foram remetidos para o Tribunal Judicial de Melgaço.



LINHAS INTERNACIONAIS



Barquense (+351) 258 454 303

BARQUENSE – AGÊNCIA DE VIAGENS E TURISMO, LDA. • RNAVT Nº 1849
SEDE: R. DR. JOAQUIM M. DE BARROS, Nº3 • 4980-634 PONTE DA BARCA - PORTUGAL
INFO@BARQUENSE.COM • WWW.BARQUENSE.COM • FACEBOOK.COM/BARQUENSE.PT

UKUBO

Imobiliária
Gestão de Arrendamentos

Na UKUBO encontra um serviço especializado na área de gestão de arrendamento.

Saiba que vantagens encontra ao colocar o seu imóvel nas mãos de uma empresa especializada:

- **Rentabilização máxima do imóvel** - a previsão da saída de um inquilino pressupõe a preparação imediata de um novo arrendamento;
- **Apoio Jurídico/Legal** - dispomos deste apoio para todas as questões jurídicas e legais que possam surgir, caso necessite;
- **Divulgação do imóvel** - através da estratégia de comunicação que adotamos é possível alcançar um maior número de interessados;
- **Seleção do inquilino** - fazemos uma análise do perfil do arrendatário que se adequa com as pretensões do senhorio, particularmente a nível da duração de contrato;
- **Gestão de rendas** - atualização, cobrança de rendas e emissão de recibos.

UKUBO Consultoria,
O seu parceiro de negócios.

Melgaço
R. Dr. António Durães, nº65 R/C Dto
4960-522 Melgaço
+351 251 418 322

Braga
Av. Robert Smith, nº19
4715-398 Braga

Monção
Rua D. Afonso Henrique, Ed. Domus Residence, R/C Lj 2
4950-446 Monção
+351 251 031 908

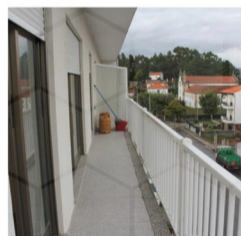
info@ukubo.com | www.ukubo.com | www.imoukubo.com

Imóveis que lhe podem interessar

Apartamento T3
Vila e Roussas, Melgaço, Viana do Castelo

Apartamento T3 mobilado, bem localizado. Detém cozinha equipada e pré-instalação de aquecimento a gás. Possui arrecadação e garagem fechada.

115.000€
00197 D



Terreno de construção
Valença, Cristelo Covo e Arão, Valença, Viana do Castelo

Terreno com aptidão construtiva, com cerca de 820 m2. Possui bons acessos e boa exposição solar.

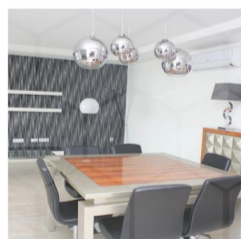
37.000€
00513



Apartamento T3 Novo
Mazedo e Cortes, Monção, Viana do Castelo

Apartamento T3 de luxo, com cozinha equipada, estores elétricos e ar condicionado. Excelentes acabamentos, garagem e ótima localização.

Sob Consulta
00549 A



Terreno com aptidão construtiva
Gandra e Taião, Valença, Viana do Castelo

Terreno para construção, com cerca de 1.200m2, junto à estrada. Excelentes acessos. Valor negociável.

35.000€
00570



Apartamento T3
Vila e Roussas, Melgaço, Viana do Castelo

Apartamento em excelente estado, mobilado e equipado em Sto. Cristo. Detém aquecimento, caixilharia e terraço espaçoso com churrasqueira. Boa localização.

Sob Consulta
00732 C



Moradia V3
Chaviães e Paços, Melgaço, Viana do Castelo

Moradia V3, situada numa zona tranquila, perto da Vila de Melgaço. Possui caixilharia nova com rutura térmica, dois anexos, garagem e adega. A propriedade dispõe de bons acessos e um terreno de cultivo com cerca de 900m².

160.000€
01023 D



Moradia V2
Chaviães e Paços, Melgaço, Viana do Castelo

Moradia composta por dois quartos, sala e cozinha, totalmente mobilada e equipada, forrinhos, adega e um anexo. É vendida em conjunto, com terrenos de cultivo que perfazem um total de cerca de 6000m2.

60.000€
01031 C



Moradia V3 em Adavelha
Fiães, Melgaço, Viana do Castelo

Moradia V3 recentemente recuperada, com divisões distribuídas por dois andares. Era um antigo posto da guarda fiscal. A propriedade possui rossios e está situada num local calmo, em plena serra, com excelentes vistas.

Sob Consulta
01042 D



“Nada dá
tanta ideia
da constância
de carácter,
como a
firmeza de
caminhar.”

Uma campanha Alegre, 1890

Eça de Queirós

Descobre Portugal através dos seus autores.
Percorre cidades, mares e montanhas
em cada capítulo. Vamos virar a página
com serenidade e esperança.

Vamos ler Portugal. Visita Portugal.



Afinal, há outra lista, ... a do Papa Pio XII!

Costa Guimarães

A Lista de Schindler é um drama histórico norte-americano de 1993 escrito pelo romancista australiano Thomas Keneally. O filme segue Oskar Schindler, um empresário alemão dos Sudetos que, com sua esposa Emilie Schindler, salvou mais de mil refugiados judeus holandeses e polacos do Holocausto, empregando-os nas suas fábricas durante a Segunda Guerra Mundial.

Mas, afinal, havia outra lista, a do Papa Pio XII, agora descrita no livro "Pio XII e os Judeus" escrito por Johan Ickxx, responsável pelo Arquivo Histórico da Secção para as Relações com os Estados da Secretaria de Estado do Vaticano. O autor reconstrói os acontecimentos nos quais o Papa Pio XII e seus colaboradores foram protagonistas dos anos em que o nazismo perpetrou o extermínio do povo judeu.

O Papa Pio XII possui em Braga uma das poucas estátuas que existem dele em todo o mundo, no Largo da Senhora-a-Branca. Possui também um Museu com o seu nome, nas instalações do Seminário de Santiago. Trata-se de mais uma homenagem ao Pontífice que viveu um pontificado atribulado e cuja acção se revelou, em certos momentos, determinante.

Segundo o diplomata e historiador judeu Pinchas Lapide, que foi cônsul em Milão, na sua obra "Three Popes and Jews" (Londres, 1967), "Pio XII, a Santa Sé, os núncios do Vaticano e toda a Igreja Católica teriam salvo de 700 000 a 850 000 hebreus da morte certa, no regime nazista". (cf. <https://pt.euronews.com/2015/05/15/pio-xii-papa-de-hitler-ou-papa-dos-judeus>)

Durante a Segunda Guerra Mundial, o governo eslovaco ofereceu a Ján Voitašak, bispo de Spies que tinha simpatias nazistas, o cargo de Conselheiro de Estado. Para assumir o cargo, o bispo devia pedir o consentimento de Pio XII, mas, ao invés, aceitou fazendo o pedido apenas depois da efetivação. Este é apenas um dos muitos episódio presentes no livro "Pio XII e os Judeus", edições Rizzoli de Milão, escrito por Johan Ickxx, Diretor do Arquivo Histórico da Secção Relações com os Estados da Secretaria de Estado do Vaticano.

O livro abre um novo período de estudos sobre o pontificado de Pio XII, com uma visão do que Ickxx chama de Le Bureau (o título da edição francesa do livro), que é a primeira secção da Secretaria de Estado responsável pelas relações internacionais e de forma cada vez mais densa e dramática, pelas histórias de muitos judeus que durante a II Guerra Mundial se dirigiram ao Vaticano em busca de ajuda, apoio, conselho e protecção.

Para Hitler a conversão ao catolicismo não mudava o sangue judeu; converter-se para ser considerado "não ariano" não era garantia. "Baptizados ou não - disse inexoravelmente o Ministro Mach - todos os judeus terão que partir". A pressão alemã induziu os húngaros a entregarem aos alemães os judeus que tentaram atravessar a fronteira da Eslováquia.

Os bispos eslovacos escreveram uma denúncia coletiva totalmente apoiada pelo Papa. O presidente da Eslováquia é um sacerdote.

"Judeus" é o nome da série de documentos sobre 2800 casos. A existência da série "judeus", que Ickxx

chama de "lista de Pio XII", é "prova tangível do interesse demonstrado por pessoas que, por causa das leis raciais, não eram consideradas cidadãos comuns, fossem eles judeus ou judeus baptizados".

Dois episódios muito significativos o comprovam, entre os enumerados pelo autor do livro.

O primeiro diz respeito ao casal Oskar e Maria Gerda Ferenczy, católicos austríacos de origem judaica, que emigraram da Áustria após o Anschluss. Eles, com sua filha Manon Gertrude, mudaram-se para Zagreb, assistidos pelo arcebispo da cidade, Dom Stepinac. Mas em 1939 as autoridades locais, já próximas ao nazismo, enviaram todos os judeus estrangeiros, convertidos ou não, para a fronteira italiana. Os Ferenczys foram para Abbazia, na província de Fiume. No auge de sua miséria e desespero, Maria Gerda escreveu uma primeira carta a Pio XII na qual confessava ter vendido sua Bíblia por um pedaço de pão, e de sua busca mal sucedida de um passaporte para emigrar. Os documentos nos informam que Pio XII leu pessoalmente a carta. Mas como ajudar a mulher e sua família? Monsenhor Dell'Acqua foi encarregado de resolver o "lastimável caso" e o bispo de Fiume, Dom Camozzo, foi convidado a se interessar pelos Ferenczys.

A situação piorou em 1939, quando os Ferenczys quase foram entregues às autoridades alemãs e deportados para a Polónia. Maria Gerda escreveu uma segunda carta ao Papa pedindo ajuda para emigrar. O Bureau mais uma vez fez tentativas solicitando às autoridades italianas o visto prolongado para os Ferenczys. Inexplicavelmente dom Camozzo não se manifestou. Com a situação piorando Maria Gerda escreveu pela terceira vez ao Papa renovando seus apelos. "Do Arquivo Histórico", informa Ickxx, "constata-se que o Bureau não parou de acompanhar seu caso". Em 7 de agosto, Ferenczy soube pela Superiora das Irmãs de Nossa Senhora de Sion que havia vistos para disponíveis para o Brasil no Vaticano. Maria Gerda suplicou em nova carta ao Papa para obter vistos para sua família. Foram oitocentas liras aos Ferenczys para emergências. Em agosto de 1940, o cardeal Maglione pôde anunciar a Maria Gerda Ferenczy que os vistos foram concedidos. Ainda tiveram um problema na chegada ao Rio de Janeiro, por causa do visto de Oskar Ferenczy que não era considerado válido. O capelão do navio telegrafou ao Bureau do Vaticano e imediatamente foi enviado um comunicado às autoridades brasileiras. Assim começou uma nova vida para os Ferenczys. O caso é sintomático de "como os judeus batizados se viram literalmente presos e esmagados entre suas duas identidades", pois, à medida que as leis raciais se tornaram mais rigorosas, "a distinção entre judeus e judeus batizados se perdeu".

Um menina de oito anos e o pai

Outro episódio é a "Breve história de um homem comum e de uma menina de oito anos". Mario Finzi trabalhava na secção de Bolonha de Assistência aos Emigrantes Judeus. Em 1942 Finzi escreveu direta-



mente a Pio XII, pedindo-lhe para intervir "para salvar uma pobre criatura de oito anos ameaçada pelo ódio e a ferocidade dos homens". Tratava-se de Maja Lang, uma menina jugoslava que tinha um irmão de 17 anos, Wladimir, em prisão domiciliária numa vila pertencente ao empresário Alfonso Canova, em Sasso Marconi. Wladimir pedira a Finzi para salvar sua irmãzinha. A família tinha sido presa na Croácia e a menina, com o visto vencido para permanecer na Hungria com uma tia, corria o risco de ser levada de volta para a fronteira croata. Ciente dos riscos que Maja corria, Finzi elaborou um plano que apresentou diretamente ao Papa: assegurar que a criança chegasse à Itália para se reunir com seu irmão Wladimir. O Vaticano não perdeu tempo. O Padre Tacchi Venturi consegue obter do Ministério do Interior italiano permissão para a pequena Maja e seus pais entrem e permaneçam em Sasso Marconi.

Mais tarde descobriu-se que Maja morreu no Campo de Concentração, de acordo com os arquivos do Yad Vashem. A família de Maja Lang voltou à Jugoslávia em 1945, e depois se mudaram para Israel três anos mais tarde.

Este livro é, portanto, um bálsamo que dismantela preconceitos ideológicos passados e recentes e mostra que o Papa estava no topo de uma rede de ajuda aos judeus e refugiados muito complexa, e com contornos muito claros.

Assim, é feita justiça a algumas teses superficiais e recentes, sobre o anti-semitismo da cúria de Pio XII (cf. <https://www.aciprensa.com/noticias/famoso-escritor-judio-pio-xii-es-enemigo-de-bestias-pre-apocalipticas-nazis>).

Tomás de Aquino sempre actual

TOMÁS DE AQUINO (1225-1274), nasceu numa família nobre que lhe proporcionou uma boa formação. Decidiu consagrar-se a Deus, contrariando a família que tudo fez para o impedir. Optou pela Ordem dos Pregadores (Dominicanos). Dedicou-se aos estudos, tendo por mestre S. Alberto Magno. Ensinou e escreveu muitas obras, das quais se destaca a Summa Teológica. Procurou sempre conjugar fé e razão, por amor à verdade e como serviço a Deus e aos homens.

Bons conselhos nos deixa e com muita atualidade:

- "A humildade é o primeiro degrau para a sabedoria."
- "Não se opor ao erro é aprová-lo, não defender a verdade é negá-la."
- "Toma cuidado com o homem de um só livro."
- "O amor é a alegria pelo bem; o bem é único fundamento do amor. Amar significa querer fazer o bem para alguém."
- "Abomino os pecados, embora ame os pecadores."
- "Não possuis a verdade, mas é a verdade que te

possui."

- "As coisas que amamos dizem o que somos."

- "Três coisas são necessárias para a salvação do homem: Saber o que deve crer, O que deve querer, O que deve fazer!"

- "Dê-me, Senhor, agudeza para entender, capacidade para reter, método e faculdade para aprender, sutileza para interpretar, graça e abundância para falar, acerto ao começar, direção ao progredir e perfeição ao concluir..."



O lugar de Sante (Paderne) e a sua capela de Nossa Senhora dos Remédios: algumas notas históricas

Houve um tempo em que São Paio e Paderne eram uma só freguesias, tendo sido separadas há quase 900 anos. Junto aos atuais limites entre as ditas freguesias de São Paio e Paderne, situa-se o lugar de Sante, atualmente pertencente à segunda.

A origem do topónimo não é tão clara como possa parecer. A única questão que entendo que será clara é que o termo "Sante" deriva do latim "Sancti" ou "Sanctii", genitivo de antropónimo "Sanctius", do qual deriva o nome próprio Sancho. Trata-se de um topónimo que aparece na Galiza ou no norte de Portugal com alguma frequência e a explicação mais plausível é que o nome do lugar deve estar associado ao nome do seu primeiro povoador ou de um primitivo proprietário desta terra, "Sancho". Assim, o termo "Sanctii" poderia significar que esta era a terra "do Sancho". (ESTEVEES, H., 2015 ou VASQUEZ, N., 2011).

Note-se que um pouco acima do Castelo de Sante, já em terrenos de mato, existe um local chamado "Monte do Sancho" ou também conhecido como o "Sancho", podendo ter aqui alguma correspondência com a origem do nome da localidade. Certo é que a origem do termo "Sante" e do lugar é bastante antiga, podendo remontar à época medieval ou pré-medieval.

Esta povoação pertence atualmente à freguesia de Paderne, mas durante muitos séculos tinha o estatuto de lugar meeiro, ou seja, pertencia alternadamente às freguesias de São Paio e Paderne. Assim, num ano, o lugar pertencia a uma freguesia e no seguinte pertencia à outra. Desconheço a época desde a qual se praticou este costume, mas podemos atentar num assento de óbito de 1692 lavrado pelo pároco de São Paio onde se pode ler: "Aos nove de Setembro de mil seiscentos e noventa e dous, foi Nosso Senhor servido levar de vida presente a Maria Lourença (...) fregueza este presente anno desta freguezia...". No caso dos óbitos, por norma, a pessoa era enterrada, ora em São Paio, ora em Paderne, conforme o ano.

Convém esclarecer uma questão que se prende com o facto de quando nos referimos aos anos, estes não coincidirem com os anos civis. Assim, para estes efeitos, a mudança de freguesia dos lugares meiros da-



va-se por altura do S. João (24 de Junho). Se dúvidas houver, esta era prática antiga e que podemos comprovar se lermos o que escreveu o pároco de São Paio em 1758: "...Sante, meeiro com a freguesia de Paderne em qual entra a Verdelha (...) estes dois são da alternativa de S. Payo ou Paderne e neste presente ano de 1758 até ao S. João são da alternativa de Paderne".

O facto de Sante ser um lugar meeiro faz-nos recuar à época em que a terra de Paderne foi dividida por iniciativa do rei D. Afonso Henriques. Anteriormente a 1141, a terra de Paderne era extensa e englobava o território das atuais freguesias de São Paio e Paderne, entre outras. Contudo, nesse ano, D. Afonso Henriques veio pessoalmente tomar o castelo de Castro Laboreiro e pediu ajuda à abadessa do mosteiro de Paderne, Elvira Serrazins. O auxílio foi materializado em 10 éguas com seus potros, 30 moios de vinho e um cavalo avaliado em 500 soldos e 100 áureos. Para recompensar o mosteiro de Paderne, D. Afonso Henriques concedeu ao mosteiro um território com privilégios: o Couto de Paderne, que englobava ainda a área das atuais freguesias de Cubalhão e Couso. A consequência disto foi a separação das freguesias ficando S. Salvador de Paderne e São Paio de Paderne.

A questão destes lugares meiros, Sante e Verdelha, teve um término em 1949 quando o Arcebispo de Braga se decidiu pela incorporação destas povoações na

freguesia de Paderne, à qual já pertenciam civilmente.

No lugar de Sante existe uma capela de invocação à Nossa Senhora dos Remédios. A devoção a Nossa Senhora por parte do povo de Sante já vem de tempos antigos ainda que não se conheça a data precisa da conclusão da sua construção. Contudo, a capela deve ter ficado concluída por volta de 1743 já que temos conhecimento de um documento com o título "Registo de licença para se benzer a capela de Nossa Senhora dos Remedios sita no lugar de Sante da freguesia do Salvador de Paderne, a favor dos fregueses da dita freguesia". Tal licença foi pedida em 17 de Setembro de 1743 o que indicia que a conclusão da sua construção deverá ter acontecido por essa altura.

Em 1758, nas Memórias Paroquiais de Paderne, o pároco de Paderne faz uma descrição da capela de Nossa Senhora dos Remédios na época nestes termos: "Tem em Sante (...) uma ermida de Nossa Senhora dos Remédios, dentro do mesmo lugar, à qual vão romagens no dia da sua festa a 15 de Agosto e tem uma irmandade da mesma Senhora. Tem três altares esta ermida: o principal com a imagem da Senhora, uma de S. Francisco e outra de S. José e outra mais pequena de S. António. Nos colaterais, num está a imagem de S. Gonçallo; da outra parte à mão direita, está o altar de Santa Roza de Lima com a sua imagem."

Aparentemente, em finais do século XVIII, foi erigido um novo altar-mor no interior da dita capela. Em 27 de Junho de 1790 é redigido um pedido para se poder usar o Altar-Mor da capela. Apesar de não termos mais informação documental a respeito da sua construção, a existência deste documento permite-nos situar no tempo a época em que foi edificado.

Nesta capela já existia sediada, em meados do século XVIII, a irmandade de Nossa Senhora dos Remédios. Temos conhecimento de uma escritura de "Provisão de confirmação de estatutos da irmandade de Nossa Senhora dos Remédios sita na capela da dita Senhora na freguesia de São Paio de Melgaço, meeira com a freguesia do Salvador de Paderne" datada de 2 de Novembro de 1745. Desconhecemos a data da fundação da dita irmandade, mas em face deste documento, podemos aferir que a sua fundação é anterior a esta data.

Dos dados apresentados, comprovamos que o povo de Sante é muito devoto da Nossa Senhora dos Remédios, desde há vários séculos, fazendo-lhe, desde tempos muito antigos, a sua festa a 15 de Agosto. Conforme lemos atrás, já no século XVIII, a sua festividade era bastante concorrida, assim como nos dias de hoje. A sua capela e a sua irmandade têm quase 300 anos...

Fontes consultadas:

-Arquivo Distrital de Braga (17/09/1743) - Registo de licença para se benzer a capela de Nossa Senhora dos Remédios sita no lugar de Sante da freguesia do Salvador de Paderne, a favor dos fregueses da dita freguesia.

- Arquivo Distrital de Braga (1745) - Provisão de confirmação de estatutos da irmandade de Nossa Senhora dos Remédios, sita na capela da dita Senhora, na freguesia de São Paio de Melgaço, meeira com a freguesia do Salvador de Paderne.

- Arquivo Distrital de Braga (27/06/1790) - Provisão para se usar do Altar-Mor da Capela de Nossa Senhora dos Remédios do lugar de Sante, freguesia de Paderne.

-ESTEVEES, Higinio (2015) - Etimologias obscuras ou esconsas. Academia Galega da Língua Portuguesa.

- Arquivo Nacional da Torre do Tombo - "Memórias paroquiais da freguesia de Paderne (Valadares), 1758", in Dicionário Geográfico de Portugal, volume 27, nº 15, p. 81 a 86.

- Arquivo Nacional da Torre do Tombo - "Memórias paroquiais da freguesia de S. Paio (Melgaço), 1758", in Dicionário Geográfico de Portugal, volume 27, nº 25, p. 149 a 152.

-VASQUEZ, Nicandro Ares (2011) - Estudos de toponímia galega. Tomo I. Secção de língua / Seminário de onomástica. Real Academia Galega. Corunha.

MANUEL LUÍS D. RODRIGUES
TÉCNICO 28335



INSTALAÇÕES ELÉCTRICAS
AUTOMATISMOS PARA PORTÕES
PORTAS SECCIONADAS
VIDEOS PORTEIROS
AQUECIMENTO ELECTRICO

Rabosa · 4960-310 PENSO MLG · MELGAÇO TELEM. 969 065 676



Agência Funerária
ORQUÍDEA

Auto Fúnebre Próprio

Funerais e Transladações para todo o País
e Estrangeiro · Serviço Permanente

Ramos e Arranjos com Flores Naturais

Tel. 251 465 292 / 251 402 490 · Telem. 934 731 609 / 936 939 369
Largo Hermenegildo Solheiro – Melgaço



Daniela Afonso
Solicitadora

Rua Dr. António Durães, 65
4960 - 522 Melgaço

Telef.: 251 404 953
3590@solicitador.net

Como se deve fazer uma homilia

Papa Francisco no 2º Domingo da Palavra de Deus

Carlos Vaz

Sou sacerdote e tenho curiosidade sadia em saber como melhor abordar as leituras da Palavra de Deus no comentário que somos chamados a fazer sobre elas na missa. Ao ler a homilia que o Papa Francisco fez para este 2º domingo da Palavra de Deus, por ele instituído em 2019, e que, dado o estado de saúde, foi proferida pelo cardeal Rino Fisichella no dia 24 de Janeiro, tomei a decisão de a publicar na íntegra, porque me parece exemplar e que ela mesma fala mais e melhor do que tudo o que nós possamos dizer.

Tomando a frase do evangelho de Marcos, próprio do 3º domingo do tempo comum: «Cumpru-se o tempo e está próximo o Reino de Deus. Arrependei-vos e acreditai no Evangelho», escreveu a seguinte homilia:

«Neste domingo da Palavra, escutamos Jesus que anuncia o Reino de Deus. Vejamos que coisa diz e a quem o diz.

Que coisa diz. Jesus começa assim a pregar: «Cumpru-se o tempo e está próximo o Reino de Deus». Deus está próximo, eis a primeira mensagem. O seu Reino desceu à terra. Deus não está lá em cima, nos céus, como às vezes somos tentados a pensar, separado da condição humana, mas está connosco. O tempo da distância acabou quando, em Jesus, se fez homem. Desde então, Deus está totalmente próximo. Jamais se afastará da nossa humanidade e jamais se cansará dela. Esta vizinhança é o início do Evangelho, é aquilo que, sublinha-o o texto – Jesus ‘dizia’. Não o disse uma vez e pronto. Dizia-o, isto é, repetia-o continuamente. «Deus está próximo» era o leitmotiv do seu anúncio, o coração da sua mensagem. Se este é o início e o refrão da pregação de Jesus, não pode deixar de ser a constante da vida e do anúncio cristão. Antes de qualquer outra coisa, acreditemos e anunciemos que Deus se aproximou, se fez nosso vizinho; que fomos agraciados, ‘misericordiadados’. Antes de qualquer palavra nossa sobre Deus, está a sua Palavra para nós, que continua a dizer-nos: ‘Não tenhas medo; estou contigo. Estou próximo de ti e estarei próximo de ti’.

A Palavra de Deus permite-nos tocar com a mão esta vizinhança/proximidade, porque, como diz o Deuterónimo (30,14) não está longe de nós, mas está próxima do nosso coração. É o antídoto para o medo de ficar sozinho diante da vida. O Senhor, de facto, através da sua Palavra ‘con-sola’, isto é, está com quem está só. Falando-nos, recorda-nos que estamos no seu coração,

que somos preciosos diante dos seus olhos, guardados nas palmas das suas mãos. A Palavra de Deus infunde esta paz, mas não nos deixa em paz. É palavra de consolação, mas também de conversão. «Convertei-vos», diz Jesus imediatamente depois de ter proclamado a proximidade de Deus. Porque com a sua proximidade acabou o tempo em que nos distanciamos de Deus e dos outros; acabou o tempo em que cada um pensa em si e avança por conta própria. Isto não é cristão, pois que, quem faz experiência da proximidade de Deus, não se pode distanciar do próximo, não pode afastá-lo na indiferença. Neste sentido, quem frequenta a Palavra de Deus recebe salutare sobressaltos existenciais: descobre que a vida não é o tempo para se resguardar dos outros e proteger-se a si mesmo, mas a ocasião para ir ao encontro dos outros em nome do Deus vizinho. Assim, a Palavra, semeada no terreno do nosso coração, leva-nos a semear esperança através da proximidade. Tal como Deus faz connosco.

Vejamos agora a quem fala Jesus. Dirige-se, antes de mais, a pescadores da Galileia. Eram pessoas simples, que viviam do fruto das suas mãos, trabalhando duramente noite e dia. Não eram entendidos das Escrituras e de certeza que não sobressaíam pela ciência e a cultura. Habitavam uma região composta por vários povos, etnias e cultos; era o local mais longínquo da pureza religiosa de Jerusalém, o mais distante do coração do País. Mas Jesus começa dali, não do centro, mas da periferia, e fá-lo para nos dizer também a nós que ninguém fica à margem do coração de Deus. Todos podem receber a sua Palavra e encontrá-la pessoalmente. Há ainda uma anotação muito interessante neste Evangelho, quando refere que o anúncio de Jesus vem ‘depois’ do de João (Mc 1, 14). É um ‘depois’ decisivo, que marca uma diferença: João acolhia as pessoas no deserto, onde se deslocavam apenas aqueles que podiam deixar os lugares onde viviam. Jesus, pelo contrário, fala de Deus no coração da sociedade, a todos. Ali onde estão. E não fala em horários e tempos estabelecidos: fala ‘passando através do mar a pescadores ‘enquanto lançavam as redes (v. 16). Dirige-se às pessoas nos lugares e nos momentos mais comuns. Eis a força universal da Palavra de Deus, que atinge todos e todos os ambientes vitais.

Mas a Palavra de Deus tem ainda uma força particular: incide sobre cada um, de um modo directo e pessoal. Os discípulos nunca mais esquecerão as palavras

escutadas naquele dia, nas margens do lago, próximos dos barcos, dos familiares e colegas, palavras que marcarão para sempre as suas vidas. Jesus diz-lhes: ‘vinde atrás de mim, e farei de vós pescadores de homens’ (v. 17). Não lhes atira discursos altos e inacessíveis, mas fala às suas vidas: a pescadores de peixes diz que serão pescadores de homens’. Se lhes tivesse dito: «Vinde atrás de mim, que vos farei Apóstolos: sereis enviados ao mundo e anunciareis o Evangelho com a força do Espírito, sereis mortos, mas tornar-vos-eis santos’, podemos imaginar que Pedro e André lhe teriam respondido: «Obrigado, mas preferimos as nossas redes e os nossos barcos’. Jesus, ao invés, fala-lhes a partir da sua vida: ‘sois pescadores, tornar-vos-eis pescadores de homens’. Trespasados por esta frase, irão descobrindo, a pouco e pouco, que, viver a pescar peixes, era pouca coisa, mas que, fazer-se ao largo, guiados pela Palavra de Jesus é o segredo da alegria. É assim que o Senhor faz connosco. Ama-nos como somos, e acompanha com paciência os nossos passos. Como àqueles pescadores, espera-nos também nas margens da vida. Com a sua Palavra quer fazer-nos mudar de rota, para que deixemos de levar uma vida fútil e acometamos o largo atrás d’ Ele.

Por isso, caros irmãos e irmãs, não renunciemos à Palavra de Deus. É a carta de amor escrita para nós por Aquele que nos conhece como ninguém: lendo-a, escutemos novamente a sua voz, descubramos o seu rosto, recebamos o seu Espírito. A Palavra torna-nos vizinhos de Deus: não a tenhamos longe de nós. Leve-mo-la sempre connosco: no bolso, no telemóvel. Dê-mos-lhe um lugar digno que nos recorde e leve a abri-la todos os dias, talvez no início e fim do dia, de modo que, de entre tantas palavras que chegam aos nossos ouvidos, chegue também ao coração algum versículo da Palavra de Deus. Para fazer isto, peçamos ao Senhor a força de apagar a televisão e de abrir a Bíblia; de fechar o telemóvel e abrir o Evangelho. Neste ano litúrgico, lemos o evangelho de Marcos, o mais simples e breve dos evangelhos. Porque não o lermos até sozinhos, uma pequena passagem cada dia? Far-nos-á sentir que o Senhor está próximo e infundir-nos-á a coragem no caminho da vida».

Nota: A palavra italiana «vicino» traduzia-a algumas vezes por ‘próximo’ e outras por ‘vizinho’, conforme me pareceu que se adequava mais ao que conseguimos exprimir com a nossa língua em tais contextos.

Adega de Monção: Novo ano, nova imagem

A Adega Cooperativa Regional de Monção vai apresentar-se com uma nova imagem institucional atualizada e moderna. Uma mudança necessária para esta cooperativa, que começa 2021 com um marco importante na sua história.

O rebranding, com assinatura do reconhecido Atelier Rita Rivotti, foi pensado para aproximar a marca ao consumidor final e espelhar as tradições da sub-região de Monção e Melgaço.

Uma mulher a segurar um cacho de uvas é a protagonista do novo logotipo da Adega de Monção, que abandona assim o monograma passados mais de 20 anos. “Já não alterávamos o nosso logo desde os anos 90 e achamos que esta era a altura ideal. O novo ano é renovação e assim apresentamos uma nova imagem ao público. Para esta tarefa escolhemos a Rita Rivotti, que soube interpretar aquilo que a nossa marca transmite: autenticidade, conhecimento, inovação e tradição”, refere Armando Fontainhas, Presidente do Conselho de administração da Adega Cooperativa de Monção.



**ADEGA COOP.
REGIONAL DE
MONÇÃO
FUNDADA EM 1958**

Caminho da Geira e dos Arrieiros e Caminho Minhoto Ribeiro

As “dissidências”, as diferenças no traçado e na “política” das duas rotas para Santiago de Compostela

João Martinho



O Caminho de Santiago desperta um crescente interesse em Portugal e Braga é a única cidade portuguesa e uma das raras da Península Ibérica ponto de partida de dois itinerários certificados pelo Arcebispo de Santiago de Compostela: O Caminho da Geira e dos Arrieiros e o Caminho Minhoto Ribeiro.

O Caminho da Geira e dos Arrieiros foi apresentado em 2017 em Ribadavia (Galiza) e Braga, reconhecido pela Igreja em 2019, reconhecido pela associação de municípios transfronteiriços Eixo Atlântico em 2020 e é um itinerário oficial da Peregrinação Europeia de Jovens do Ano Santo Jacobeu 2021/22.

Este percurso é investigado e promovido por associações e colectividades privadas e destaca-se por incluir a geira romana e a Reserva da Biosfera do Gerês/Xurés, com um traçado que liga directamente à Catedral de Santiago de Compostela.

Por sua vez, o Caminho Minhoto Ribeiro resulta do trabalho de uma associação que integra 16 concelhos galegos e portugueses, reconhecido em 2020 pela Igreja. Este Caminho liga à Via da Prata na parte final, logo não chega directamente a Santiago de Compostela e o seu traçado principal em Portugal segue por municípios diferentes do Caminho da Geira e dos Arrieiros.

O facto de ambos os traçados serem coincidentes em alguns municípios, sobretudo na Galiza, resulta de pessoas que integram a associação de concelhos serem dissidentes da associação fundadora do Caminho da Geira e dos Arrieiros (originalmente conhecido precisamente por Caminho Minhoto Ribeiro) e terem levado consigo informação histórica até então recolhida e publicada.



Para o presidente da Associação do Caminho Jacobeu Minhoto Ribeiro (ACJMR) e da Plataforma Berán no Caminho, Abdón Fernández, autora do “traçado original” do Caminho da Geira e dos Arrieiros, este itinerário “reflecte a peregrinação e o comércio desde Portugal, pela Geira e O Ribeiro, uma região muito importante para a economia na época medieval”.

“Este caminho possui um património muito importante em relação à passagem de peregrinos, ao comércio do vinho, às termas, ao património construído e cultural, à riqueza natural, todos em respeito pela filosofia do peregrino que busca descobrir o mundo rural, o respeito pela natureza, o meio ambiente e a sustentabilidade”, adianta Abdón Fernández.

Na sua perspetiva, “se a estes aspectos juntarmos a Geira, é sem dúvida um caminho único. O património ao longo do seu percurso merece o mesmo destaque que zonas como as de O Cebreiro, no caso do Caminho



Francês, e possui referências patrimoniais e etnográficas muito importantes”.

Para o presidente da Associação Codeseda Viva, Carlos de Barreira, responsável pela a apresentação do traçado do Caminho da Geira e dos Arrieiros ao Arcebispo de Santiago de Compostela, “nota-se um grande interesse dos peregrinos que agora estão a planear percorrer caminhos menos procurados e o nosso itinerário encaixa perfeitamente neste requisito e nos próximos meses terá uma aceitação muito positiva”.

Quanto ao Caminho Minhoto Ribeiro, o presidente da Associação Codeseda Viva destaca apenas as diferenças mais óbvias: “São caminhos distintos e certificados em anos diferentes. O nosso dá ênfase à Geira, tem 240 Km e chega directamente a Santiago de Compostela. O Minhoto Ribeiro sai de Braga por Vilaverde e segue depois por Monção, tem 270 km e desemboca na Via da Prata”.

O presidente da Plataforma Berán no Caminho também não tece muitos comentários sobre esta questão. “São dois caminhos diferentes e da responsabilidade de diferentes entidades”. “A associação dos concelhos tem fundamentos mais ligados à política e a nossa é uma organização particular, amadora, cujo único objectivo é promover o caminho e ajudar os peregrinos e as populações locais abrangidas pelo traçado”, conclui.

Dois caminhos, um destino

Em 2009 foi fundada em Berán, no Concelho de O Ribeiro (província de Ourense, na Galiza) a Associação do Caminho Jacobeu Minhoto Ribeiro (ACJMR), cujo objectivo é estudar e promover o caminho jacobeu que liga Braga a Santiago de Compostela, pela estrada da Geira, um troço da via XVIII do Itinerário de Antonino, ligando Bracara Augusta à Asturica Augusta, actual Astorga.

Continua na pág. seguinte



Da Costa
Congelados

NOVIDADES

VINHOS
QUEIJOS
MEL
CHÁS REGIONAIS

**“Da Costa Congelados,
até ao seu prato”**

Rua Dr. António Durães, 119
4960-522 Melgaço

Visite a nossa loja!

251 031 438

Confinamento Geral (bis): Escola volta ao online

João Martinho



dia 8 do mesmo mês. As escolas continuarão abertas, mas apenas para os alunos com necessidades educativas especiais, apoio de refeições, assim como o apoio definido no âmbito da rede de escolas para os filhos dos trabalhadores de serviços essenciais.

No Carnaval, os habituais dias de interrupção lectiva (em 2021 seria de 15 a 17 de Fevereiro), serão dias de actividade lectiva, online ou presencial. A interrupção da Páscoa mantém-se, mas no final do ano lectivo haverá uma extensão de pelo menos uma semana lectiva.

A Assembleia da República aprovou no dia 28 de Janeiro o decreto que prolonga o estado de emergência até 14 de Fevereiro, e desta vez toma rédeas as questões que tem gerado mais discussão. As medidas para os próximos quinze dias foram anunciadas pela ministra de Estado e da Presidência, Mariana Vieira da Silva, e pelo ministro da Educação, Tiago Brandão Rodrigues.

O ensino presencial, após a suspensão decretada até 5 de Fevereiro, passará para aulas à distância a partir do

Fronteiras fechadas. Passagem Monção – Salvaterra só em dias úteis

O Governo vai limitar deslocações de cidadãos nacionais para o estrangeiro em todas as vias, terrestre, aérea ou fluvial, salvo situações excepcionais.

O controlo de pessoas nas fronteiras terrestres será num modelo idêntico ao que vigorou durante o primeiro estado de emergência. Em alguns pontos

(o Vale do Minho ganha mais um) continuarão as excepções para os trabalhadores transfronteiriços, motivos de saúde, regresso a casa de cidadãos que vivam em Portugal e as mercadorias internacionais.

O município de Melgaço já manifestou o seu repúdio por esta solução que “prejudica os territórios e não combate a pandemia”.

“O Governo não articulou com as autarquias, tomando uma decisão unilateral, gravosa para quem tem negócios de um lado e vive no outro. Como tal, a autarquia de Melgaço comunica que não colaborará na logística para implementar esta medida com a qual não concorda”, avançou a autarquia.

Com a efectivação deste bloqueio da ponte internacional do Peso, que liga Melgaço a Arbo, os trabalhadores transfronteiriços e outros transportes essenciais tem apenas Monção e Valença como pontos de passagem, mas com controlo e horários diferentes.

Monção – Salvaterra: Dias úteis, das 7 às 9 horas da manhã e das 18 às 20 horas.

Valença – Tuy: 24 horas por dia.

Continuação da pág. anterior



A determinada altura da sua existência, alguns elementos abandonaram a associação e vieram mais tarde, em 2014, a integrar a Associação dos Concelhos do Caminho Minhoto Ribeiro (associação dos concelhos). Esta associação é constituída pelos municípios portugueses e galegos por onde passa o caminho.

Um momento decisivo para o Caminho da Geira e dos Arrieiros aconteceu em Fevereiro e Abril de 2017, quando Abdón Fernández, presidente da ACJMR apresentou em Ribadavia (Galiza) e em Braga (1 de Abril de 2017), uma proposta de traçado do caminho, quase de imediato adoptada pelos peregrinos.

Em Braga assistiram à apresentação elementos da Associação Codeseda Viva (ACV), do Concelho de A Estrada (província de Pontevedra, na Galiza), incluindo o seu presidente, Carlos de Barreira, que viria a assumir importância decisiva neste projecto.

Nestes últimos quatro anos, a ACJMR e a ACV uniram-se na defesa do Caminho da Geira e dos Arrieiros, que em 28 de março de 2019 foi reconhecido pela Igreja como itinerário oficial de peregrinação jacobea. Neste caso concreto, a ACV teve um papel decisivo, ao reunir e entregar à Igreja a documentação necessária para o reconhecimento do caminho (até então conhecido como Caminho Jacobeu Minhoto Ribeiro). Foi também reconhecido pela associação de municípios transfronteiriços Eixo Atlântico a 16 de Novembro de 2020.

Passou a chamar-se Caminho da Geira, para salientar o património único da estrada romana, e dos

Arrieiros, para evidenciar a vertente económica histórica deste caminho; que é a reposição de uma rota de peregrinação e de comércio entre Braga e Santiago de Compostela.

Em relação à associação dos concelhos, ao integrar elementos dissidentes da ACJMR, ficou na posse da documentação que lhe permitiu desenvolver uma nova proposta de um caminho que liga Braga a Santiago de Compostela, recentemente também reconhecido pela Igreja de Santiago de Compostela.

Este caminho difere do da Geira e dos Arrieiros nos primeiros troços, em Portugal (propõe três entradas em Espanha), e nos últimos, à chegada a Santiago de Compostela, sendo semelhantes na região de O Ribeiro.

O Caminho da Geira e dos Arrieiros é hoje reconhecido como o “caminho original” (por respeitar o traçado apresentado a 1 de abril de 2017) e único no mundo por incluir a estrada da Geira (a maior e mais bem conservada via romana do mundo) e atravessar o Reserva da Biosfera Transfronteiriça Gerês-Xurés

Pandemia Covid-19, uma pausa “difícil” no Caminho

“Nesta altura e nos próximos meses as peregrinações são desaconselhadas, porque, genericamente, os albergues, pensões e ‘hostels’ estão fechados. Além disso, há restrições de circulação. É difícil imaginar o que vai acontecer”, nota a Associação Codeseda Viva,



questionada pelo jornal “A Voz de Melgaço” relativamente às restrições que as medidas de contenção da pandemia adoptadas por ambos os países ibéricos implicam para os peregrinos.

Quando alguma da ‘normalidade’ de circulação for reposta, a questão do alojamento poderá ser um preocupação, sobretudo para os que pretendam usufruir dos albergues, considerando as novas normas de distanciamento e partilha de espaços comuns.

“Genericamente, cada peregrino pode ficar uma noite e tem de apresentar a credencial do peregrino e o cartão de cidadão. O preço é baixo e apenas os peregrinos doentes podem permanecer mais tempo. Nos albergues públicos não é possível reservar lugar”, explica ainda a associação.

Fotos: Associação Codeseda Viva (ACV)

PDSS do Município de Melgaço para 2021

Na Vanguarda do Desenvolvimento Social e Económico

Manuel Luís Gonçalves

O Plano de Desenvolvimento Sustentável e Solidário de Melgaço (PDSS) foi aprovado pelos órgãos locais competentes em 2008 e, desde essa data, tem vindo a ser objeto de atualização e revisão permanente, ajustando-se anualmente à evolução da realidade económica e das necessidades sociais locais.

A proposta de revisão do PDSS para vigorar em 2021 merece um duplo elogio.

Em primeiro lugar quanto à forma, ao condensar os dados relativos aos parâmetros de análise desde a sua instituição em 2008 até à presente data, através de cuja leitura é possível extrair com clareza a natureza e evolução do volume de apoios sociais prestados pelo Município ao longo do tempo.

Depois, quanto ao conteúdo material, na medida em que ao proporcionar o acesso dos melgacenses à satisfação das necessidades básicas, como a alimentação, a saúde, a educação e o acesso ao desporto e cultura, promovendo a fixação de investimento e consequente criação de emprego, o Município garante o desenvolvimento sustentável, reduzindo a vulnerabilidade e aumentando a resistência das pessoas aos riscos.

Com efeito, as medidas previstas no DPSS em matéria de incentivo à natalidade / adoção, aos apoios à primeira infância, no domínio da saúde e dos medicamentos, e bem assim os diversos auxílios económicos às famílias mais carenciadas, demonstram uma preocupação social do Município para com aqueles que mais precisam, tornando o nosso território mais solidário e inclusivo.

A defesa da dignidade humana deve ser a bússola que deve sempre nortear o sentido da política social. Este é um valor fundamental de qualquer sociedade democrática. O PDSS deve ser, por isso, essencialmente um instrumento de justiça social, promovendo a distribuição equitativa das dificuldades, sem descurar o aumento da capacidade produtiva da comunidade.



De acordo com os dados fornecidos pelo INE, em 2050 cerca de 80% da população portuguesa estará envelhecida e dependente, situando-se a idade média perto dos 50 anos. Ao longo dos anos tem-se verificado um decréscimo da taxa de natalidade e o aumento da esperança média de vida. Melgaço, como os demais municípios do interior, não é exceção.

É, pois, neste quadro que se torna imperativo desenvolver ações que promovam condições para que as pessoas possam envelhecer com qualidade, inculcando estilos de vida saudável, uma participação ativa enquanto cidadão, criando uma rede voluntária de suporte e combate ao isolamento.

O PDSS de Melgaço para 2021 demonstra ser um instrumento robusto e eficaz, que vai de encontro a este desiderato, ao estabelecer um conjunto de medidas que promovem a natalidade e procura inculcar um estilo de vida saudável, incentivando a formação e o apoio ao investimento local.

Mas é ao nível da promoção das políticas de incentivo económico à fixação da população e de combate à desertificação que o PDSS inova, ao propor o alargamento de um conjunto de estímulos fiscais em matéria

de incentivo ao mercado da habitação, acrescentando benefícios fiscais adicionais aos da lei geral e criando outras medidas de estímulo fiscal (positivo e negativo) que se destinam a promover a regeneração do tecido urbano e o reforço da oferta do mercado habitacional, seja para arrendamento ou para habitação própria e permanente.

A este propósito, são de destacar as medidas propostas para apoio ao arrendamento e crédito à habitação dos agregados familiares mais carenciados, o apoio aos jovens, e as medidas destinadas ao fomento do mercado do arrendamento, através do incentivo à reabilitação e à construção de edifícios multifamiliares, de que o nosso concelho tanto carece.

Sabemos que as autarquias locais não podem nem devem substituir-se à iniciativa privada, devendo, porém, gerar os estímulos necessários para a promoção da diminuição das desigualdades sociais e para a melhoria das condições de vida dos seus municípios.

O PDSS ora proposto cumpre integralmente essa função. Daí a justificação para o voto favorável do Grupo Municipal do Partido Socialista na Assembleia Municipal.

Grupo Municipal do Partido Socialista

Clínica
OSTEO+

...onde a Osteopatia vale mais!!!



OSTEOPATIA • OSTEOPATIA PEDIÁTRICA E OBSTETRÍCIA • SHIATSU

Dra. Cátia Rocha • Terap. Iris Fernández

FISIOTERAPIA: Neurológica e Ortopédica (planos individuais e personalizados),
Cinesiterapia Respiratória, Drenagem Linfática Manual, Kinesiotaping, Etc.

Avenida Capitão Salgueiro Maia, 540 • 4960-513 MELGAÇO
www.osteomais.com • clinica@osteomais.com

Tel. 251 401 078
Tlm. 969 195 272

Cartazes que ganham ‘vida’ no Museu de Cinema de Melgaço: “Um museu não pode ser cemitério de obras”

João Martinho

As medidas restritivas à circulação devido à pandemia covid-19 adiaram por tempo indeterminado a experiência da visita a espaços culturais, mas quando voltar, o Museu de Cinema de Melgaço – Jean-Loup Passek promete continuar a apostar em novas formas de cativar públicos.

No dia Mundial do Cinema, que se assinala anualmente a 5 de Novembro, Melgaço marcou a data de 2020 precisamente com a segunda edição do projecto criativo “Museu Vivo”, aliando o elemento físico do cartaz às aplicações para *smartphone*.

Os *designers* gráficos melgacenses Daniela Gonçalves e Cláudio Táboas foram à história do cinema buscar-lhe os primeiros passos. O (mini) filme “A chegada de um comboio à estação de La Ciotat”, de Louis e Auguste Lumière, apresentado pela primeira vez em 1895, numa cave, foi uma das primeiras experiências dos irmãos inventores do cinematógrafo. O filme com cerca de um minuto mostra exactamente aquilo que promete em título, a chegada de um comboio a uma estação. A perspectiva escolhida pelos Lumière terá causado alvoroço na sala da primeira exibição. ‘Reza’ a lenda que os espectadores tiveram medo que o comboio viesse mesmo em direcção à plateia e alguns terão mesmo abandonado o lugar.

Verdade ou não, a inusitada experiência rapidamente ganhou entusiastas e é com toda esta mística que os jovens criadores melgacenses a trazem para o Museu de Cinema de Melgaço e para os entusiastas de hoje. **O visitante deve instalar a aplicação Artivive (disponível nas lojas de aplicações de sistemas iOS e Android) para que o cartaz instalado à entrada da galeria do museu ganhe movimento.** Apontando o

telemóvel para o cartaz, é possível ver no ecrã do equipamento as figuras mexerem-se em frente a uma tela de cinema que passa o mini filme dos Lumière, como que a replicar o entusiasmo (e talvez algum medo) da primeira apresentação de um filme, há 126 anos.

“Um museu de cinema, por muito modesto que seja, não pode ser apenas uma galeria de imagens eternamente enclausuradas numa determinada moldura. Deve deixar coabitar o passado, o presente e o futuro”, nota Madalena Lima, coordenadora do Museu de Cinema de Melgaço, reproduzindo as palavras que Jean-Loup Passek, o cinéfilo francês a quem se presta honras no nome do museu pela cedência do espólio, terá proferido em entrevista.

A responsável pela curadoria das exposições do museu – e também criadora de arte sob várias formas – luta contra o marasmo cultural. Diz que o museu “não pode ser cemitério das obras, onde toda a gente fala baixinho”.

O projecto “Museu Vivo” vem contrariar a tendência procurando envolver a comunidade, convidando “uma vez por ano ou a cada dois anos, um ou dois artistas para se inspirarem num objecto do espólio e a partir daí criar uma obra”.

Neste caso, Daniela Gonçalves e Cláudio Táboas tiveram como única condição “aproveitar o espólio do Arquivo” para criar algo que homenageie a sétima arte e tudo o que a rodeia. A ideia é fazer com que os artistas e criadores locais participem. “Assim não é só o museu a comunicar, são também as pessoas da terra”, realça Madalena Lima.

Na edição de 2020, os dois criadores da mesma ge-



ração deram pelo menos mais um motivo para que os locais visitem também o museu da sua terra **(o cartaz continuará exposto, aquando da reabertura dos museus) e a iniciativa “ainda não acabou aqui”, mas as novidades serão anunciadas “depois de testadas, para o bem de todos os que fazem isto”,** diz Madalena Lima.

Para já, o Museu de Cinema de Melgaço é um depósito de histórias dos bastidores do cinema que pára de contar quando a câmara começa a gravar. “É interessante porque fala de muitas coisas em torno dos filmes. Jean-Loup Passek explorou tudo o que envolve o cinema, sem ser propriamente o filme. Era um colecionador, até os cheques dos actores. O filme em si fica em segundo plano”, observa a coordenadora.

INSCRIÇÕES abertas

submeta o seu
DOCUMENTÁRIO

Data Limite

19.04
2021

[HTTP://MDOCFESTIVAL.PT](http://MDOCFESTIVAL.PT)



MDOCF
DOC
MELGAÇO
INTERNATIONAL
DOCUMENTARY
FILM FESTIVAL

2 A 8
AGOSTO
2021





Cartório Notarial
de Melgaço
Notário Marco Gonçalves

«A Voz de Melgaço» 01/02/2021
EXTRACTO DE JUSTIFICAÇÃO
CERTIFICO narrativamente, para efeitos de publicação, que no dia treze de janeiro de dois mil e vinte e um, exarado a folhas oitenta e três e seguintes do Livro de Notas para Escrituras Diversas número DEZOITO - M deste cartório, foi lavrada uma escritura de justificação na qual JOSÉ ALBERTO FERNANDES DIAS e mulher MARIA DO CARMO RODRIGUES DIAS, casados sob o regime de comunhão geral de bens, ambos naturais da freguesia de Paderne, concelho de Melgaço, onde residem no Lugar de Aldeia, declararam:

Que são donos e legítimos possuidores, com exclusão de outrem, do PRÉDIO URBANO, sito no Lugar de Prédio Rústico, denominado “PÊLO DAS AVELANDAS OU PROPRIEDADE DO RIO”, sito no lugar de SAINDE, composto por terreno de cultivo, com a área de mil oitocentos e treze metros quadrados, a confrontar de NORTE com Manuel Pinho, de SUL e POENTE com Caminho Público e de NASCENTE com Corga, inscrito na respetiva matriz sob o artigo 8180, com o valor patrimonial tributário e atribuído de € 260,00, desconhecendo o artigo da antiga matriz rústica, o que declaram sob sua responsabilidade;

Que entraram na posse do citado prédio em dia e mês que não conseguem precisar do ano de mil novecentos e setenta e quatro, já no estado de casados, por compra verbal que não chegou a ser formalizada, feita a Manuel Ferreira e Lucília da Purificação Rodrigues, residentes no lugar de Sainde, na dita freguesia de Paderne;

Que, assim, há mais de vinte anos se encontram os justificantes na posse e fruição do mencionado prédio, procedendo à sua limpeza, cortando o feno, amanhando-o, suportando os respetivos encargos e despesas de fruição e que esta posse tem sido exercida de forma ininterrupta e ostensiva, à vista de toda a gente e sem violência ou oposição de quem quer que seja, de forma correspondente ao exercício do direito de propriedade;

Que da presente justificação não resulta fracionamento ilícito e que, assim, a posse pública, pacífica, contínua e em nome próprio do prédio por um período superior a vinte anos conduziu à aquisição do mesmo por **usucapião**, que invocam para justificar o seu direito de propriedade para fins de inscrição a seu favor, na competente Conservatória do Registo Predial;

ASSIM e por este meio, são avisados quaisquer interessados, para impugnar em Juízo, durante o prazo de trinta dias,

a contar da publicação deste extrato, dos factos justificados, nos termos do disposto do n.º 1 do artigo 101.º do Código do Notariado.

Está conforme o original, na parte a que me reporto.

Melgaço, oito de janeiro de dois mil e vinte e um.

O Notário, Marco Paulo Lima Gonçalves



Cartório Notarial
de Melgaço
Notário Marco Gonçalves

«A Voz de Melgaço» 01/02/2021
EXTRACTO DE JUSTIFICAÇÃO
CERTIFICO narrativamente,

para efeitos de publicação, que no dia dezanove de janeiro de dois mil e vinte e um, exarado a folhas noventa e uma e seguintes do Livro de Notas para Escrituras Diversas número DEZOITO - M deste cartório, foi lavrada uma escritura de justificação na qual SÍLVIO ANTÓNIO LOURENÇO, NIF 120703181 e mulher ROSA ALEXANDRINA ALVES DA COSTA, NIF 191672394, casados sob o regime de comunhão de bens adquiridos, ambos naturais da freguesia de Paderne, concelho de Melgaço, onde residem no lugar de Sante, declararam que são donos e legítimos possuidores, com exclusão de outrem, do seguinte bem imóvel, sito no lugar de SAINTE, na referida freguesia de PADERNE:

Prédio urbano, composto por edifício de dois pavimentos e rossios, com a área total de cento e trinta e seis metros quadrados, área coberta de setenta e oito metros quadrados e área descoberta de cinquenta e oito metros quadrados, a confrontar de NORTE com Manuel Domingues Casal, de SUL com Caminho Público, de NASCENTE com Estrada e de POENTE com Herdeiros de José Domingues, inscrito na respetiva Matriz sob o artigo 1730, com o valor patrimonial e atribuído de €7 390,00;

Que o referido prédio foi por eles adquirido, já no estado de casados e em dia e mês que não conseguem precisar do ano de mil novecentos e noventa, por compra verbal, que não chegou a ser formalizada, feita a José Joaquim Fernandes Cela e Maria Deolinda Alves Garelha, residentes que foram no referido lugar de Sante;

Que, contudo, desde essa data, entraram na posse do referido prédio, em nome próprio, posse que se tem mantido sem qualquer interrupção, até hoje, com reconhecimento como seus donos por toda a gente, sem violência e sem oposição de quem quer que seja, ostensivamente agindo sempre com o ânimo e a forma correspondente ao exercício do direito de propriedade, com aproveitamento de todas as suas utilidades, procedendo à sua limpeza, suportando os

respetivos encargos e despesas de fruição;

Que assim, a posse pública, pacífica, contínua e em nome próprio do prédio há mais de vinte anos conduziu à aquisição do mesmo por **usucapião**, que invocam para justificar o seu direito de propriedade para fins de inscrição a seu favor, na competente Conservatória do Registo Predial.

ASSIM e por este meio, são avisados quaisquer interessados, para impugnar em Juízo, durante o prazo de trinta dias, a contar da publicação deste extrato, dos factos justificados, nos termos do disposto do n.º 1 do artigo 101.º do Código do Notariado.

Está conforme o original, na parte a que me reporto.

Melgaço, dezanove de janeiro de dois mil e vinte e um.

O Notário, Marco Paulo Lima Gonçalves



Cartório Notarial
de Melgaço
Notário Marco Gonçalves

«A Voz de Melgaço» 01/02/2021
EXTRACTO DE JUSTIFICAÇÃO
CERTIFICO narrativamente,

para efeitos de publicação, que no dia dezanove de janeiro de dois mil e vinte e um, exarado a folhas noventa e três e seguintes do Livro de Notas para Escrituras Diversas número DEZOITO-M deste cartório, foi lavrada uma escritura de justificação na qual AGOSTINHO GONÇALVES e mulher MARIA DE LURDES GONÇALVES, casados sob o regime de comunhão geral de bens, ambos naturais da freguesia de Couso, concelho de Melgaço, onde residem no lugar de Virtelo, declararam que são donos e legítimos possuidores, com exclusão de outrem, do seguinte bem imóvel, sito na aludida freguesia de COUSSO, não descrito na competente Conservatória do Registo Predial:

Prédio Rústico, denominado “FICHUA”, sito no Lugar de VIRTELO, composto por terreno de cultivo, com a área de cento e setenta metros quadrados, a confrontar de NORTE com Manuel Esteves, de SUL e POENTE com Leonel Esteves e de NASCENTE com Agostinho Gonçalves, inscrito na respetiva matriz sob o artigo 511, com o valor patrimonial tributário e atribuído de € 22,99, desconhecendo o artigo da antiga matriz rústica, o que declaram sob sua responsabilidade;

Que entraram na posse do citado prédio em dia e mês que não conseguem precisar do ano de mil novecentos e oitenta e nove, já no estado de casados, por compra verbal que não chegou a ser formalizada, feita a Noémia de Jesus Alves Serrario e marido Manuel António Feijoeiro Serrario, residentes, ela que foi e ele que é

na Rua da Serraria, número 95, Alcaidaria, freguesia de Milagres, concelho de Leiria;

Que, assim, há mais de vinte anos se encontram os justificantes na posse e fruição do mencionado prédio, procedendo à sua limpeza, amanhando-o, suportando os respetivos encargos e despesas de fruição e que esta posse tem sido exercida de forma ininterrupta e ostensiva, à vista de toda a gente e sem violência ou oposição de quem quer que seja, de forma correspondente ao exercício do direito de propriedade;

Que da presente justificação não resulta fracionamento ilícito e que, assim, a posse pública, pacífica, contínua e em nome próprio do prédio desde o referido ano de mil novecentos e oitenta e nove conduziu à aquisição do mesmo por **usucapião**, que invocam para justificar o seu direito de propriedade para fins de inscrição a seu favor, na competente Conservatória do Registo Predial;

ASSIM e por este meio, são avisados quaisquer interessados, para impugnar em Juízo, durante o prazo de trinta dias, a contar da publicação deste extrato, dos factos justificados, nos termos do disposto do n.º 1 do artigo 101.º do Código do Notariado.

Está conforme o original, na parte a que me reporto.

Melgaço, dezanove de janeiro de dois mil e vinte e um.

O Notário, Marco Paulo Lima Gonçalves



Cartório Notarial
de Melgaço
Notário Marco Gonçalves

«A Voz de Melgaço» 01/02/2021
EXTRACTO DE JUSTIFICAÇÃO
CERTIFICO narrativamente,

para efeitos de publicação, que no dia vinte de janeiro de dois mil e vinte e um, exarado a folhas noventa e cinco e seguintes do Livro de Notas para Escrituras Diversas número DEZOITO-M deste cartório, foi lavrada uma escritura de justificação na qual JOSÉ ALBERTO CORDEIRO e mulher EMÍLIA FERNANDES CORDEIRO, casados sob o regime de comunhão geral de bens, ambos naturais da freguesia de Penso, concelho de Melgaço, onde residem no lugar de Rabosa, declararam:

Que são donos e legítimos possuidores, com exclusão de outrem, do seguinte bem imóvel, sito na aludida freguesia de PENSO, não descrito na competente Conservatória do Registo Predial:

Prédio Rústico, denominado “CAMPO DA VEIGA”, sito no lugar de RABOSA, composto por terreno de cultivo e vinha, com a área de quinhentos e cinquenta metros quadrados, a confrontar de NORTE e NASCENTE com Maria Noémia Domingues, de SUL com Rio e

de POENTE com Armando Domingues, inscrito na respetiva matriz sob o artigo 678, com o valor patrimonial tributário e atribuído de € 171,81 desconhecendo o artigo da antiga matriz rústica, o que declaram sob sua responsabilidade;

Que entraram na posse do citado prédio em dia e mês que não conseguem precisar do ano de dois mil, já no estado de casados, por compra verbal que não chegou a ser formalizada, feita a António Durães e mulher Claudina Domingues, residentes, ele que foi e ela que é no lugar de Felgueiras, na citada freguesia de Penso;

Que, assim, há mais de vinte anos se encontram os justificantes na posse e fruição do mencionado prédio, procedendo à sua limpeza, cultivando-o, amanhando-o, tratando a vinha, sulfatando-a e colhendo as uvas, usufruindo de todas as suas utilidades e que esta posse tem sido exercida de forma ininterrupta e ostensiva, à vista de toda a gente e sem violência ou oposição de quem quer que seja, de forma correspondente ao exercício do direito de propriedade;

Que da justificação não resulta fracionamento ilícito e que, assim, a posse pública, pacífica, contínua e em nome próprio do prédio há mais de vinte anos conduziu à aquisição do mesmo por **usucapião**, que invocam para justificar o seu direito de propriedade para fins de inscrição a seu favor, na competente Conservatória do Registo Predial;

ASSIM e por este meio, são avisados quaisquer interessados, para impugnar em Juízo, durante o prazo de trinta dias, a contar da publicação deste extrato, dos factos justificados, nos termos do disposto do n.º 1 do artigo 101.º do Código do Notariado.

Está conforme o original, na parte a que me reporto.

Melgaço vinte de janeiro de dois mil e vinte e um.

O Notário, Marco Paulo Lima Gonçalves



Cartório Notarial
de Melgaço
Notário Marco Gonçalves

«A Voz de Melgaço» 01/02/2021
EXTRACTO DE JUSTIFICAÇÃO
CERTIFICO narrativamente,

para efeitos de publicação, que no dia vinte e um de janeiro de dois mil e vinte e um, exarado a folhas cento e uma e seguintes do Livro de Notas para Escrituras Diversas número DEZOITO-M deste cartório, foi lavrada uma escritura de justificação na qual LEONEL AMÉRICO MALHEIRO e mulher OLINDA DOMINGUES DA SILVA MALHEIRO, casados sob o regime de comunhão geral de bens, naturais ele da extinta freguesia de Vila, ela da extinta freguesia de Chaviães, residentes na Estrada Interna-

cional, número 127, freguesia de Cristóval, todas as freguesias do concelho do Melgaço, declararam:

Que são donos e legítimos possuidores, com exclusão de outrem, dos seguintes bens imóveis, sitos no lugar de SÃO GREGÓRIO, na mencionada freguesia de CRISTÓVAL, não descritos na competente Conservatória do Registo Predial:

VERBA UM: Prédio Rústico, denominado “PROPRIEDADE DAS TRÊS” composto por terreno de mato, com a área de oitocentos metros quadrados, a confrontar de NORTE e SUL com António A. de Carvalho, de NASCENTE com Manuel Barros e de POENTE com Caminho, inscrito na respetiva matriz sob o artigo 307, com o valor patrimonial tributário e atribuído de € 3,73; e

VERBA DOIS: Prédio Rústico, denominado “PROPRIEDADE DO SOUTO”, composto por terreno de cultivo e vinha com a área de oitocentos metros quadrados, a confrontar de NORTE com Augusto Malheiro, de SUL com António Américo de Carvalho, de NASCENTE com Caminho e de POENTE com António Pereira, inscrito na respetiva matriz sob o artigo 747, com o valor patrimonial tributário e atribuído de € 96,88;

Que desconhecem os artigos da antiga matriz rústica e entraram na posse dos referidos imóveis do em dia e mês que não conseguem precisar do ano de mil novecentos e noventa e oito, já no estado de casados, quanto ao prédio indicado sob a verba um por contrato verbal de compra e venda que fizeram a Artur de Barros e mulher Maria Esteves, residentes que foram no lugar de Subcastelo, na dita freguesia Cristóval e quanto ao prédio indicado sob a verba dois, por contrato verbal de compra e venda que fizeram a Valfango Gonçalves de Barros e mulher Maria Margarida Domingues, residentes ele que foi e ela que é, no aludido Lugar de Subcastelo, sem que, contudo, tivessem chegado a formalizar as mesmas;

Que, no entanto, há mais de vinte anos se encontram os justificantes na posse e fruição dos mencionados prédios, limpando-os, amanhando-os, cortando a lenha, que aproveitaram, sempre usufruindo de todas as suas utilidades e que esta posse tem sido exercida de forma ininterrupta e ostensiva, à vista de toda a gente e sem violência ou oposição de quem quer que seja, de forma correspondente ao exercício do direito de propriedade;

Que da presente justificação não resulta fracionamento ilícito e que, assim, a posse pública, pacífica, contínua e em nome próprio dos prédios por mais de vinte anos conduziu à aquisição dos mesmos por **usucapião**, que invocam para justificar o seu direito de propriedade para fins de inscrição a seu favor, na competente

Continua na pág. 23

Faleceu Manuel Codesso, o homem que deixa a sua marca gravada na pedra

João Martinho

Manuel Francisco Codesso, de 83 anos, natural de Paderne, foi uma das vítimas do coronavírus SARS-CoV-2 a lamentar no mês de Janeiro 2021.

Pai de um dos iniciadores da produção e valorização dos vinhos da casta alvarinha em Melgaço, Carlos Codesso (proprietário da marca D. Paterna), Manuel Codesso era também um criador de arte a partir da pedra.

Em 2015, o jornal "A Voz de Melgaço" entrevistou-o a propósito de uma obra que queria deixar para a comunidade em que vivia. As "alminhas" de São Miguel, num Largo com o mesmo nome, figuram enquanto legado do artesão que deixa a sua arte espalhada um pouco por todo o território nacional.

Dizia, à altura da entrevista sobre o seu talento para trabalhar a pedra e o gosto em recuperar a memória de São Miguel na freguesia, que não queria ser pago nem beneficiar de qualquer esmola que fosse dada em devoção ao arcanjo. "Guardo-as numa lata e quando chegar, mando celebrar uma missa pela gente do Lugar".

É o momento de a sua comunidade e amigos o recordarem, quer pelo incentivo que deu para que o alvarinho se construísse com marcas sólidas no mercado,

mas também pela rocha que transformou em arte.

Rui Pinho, ex-presidente da Junta de Freguesia de Paderne, pela proximidade familiar e de convivência que tinha com Manuel Codesso, manifestou nas redes sociais o seu pesar por esta perda.

"Perdi um grande amigo, um companheiro de várias lutas, o Sr. Manuel Codesso. Esteve comigo na direcção do Rancho Folclórico de Paderne durante 19 anos. Actualmente estava comigo na direcção do Centro Social de Paderne (...) sempre fez parte das minhas listas eleitorais para a junta de freguesia de Paderne. (...) Sinto uma dor no peito tão forte que não sei explicar. Esta maldita pandemia levou-me o meu



grande amigo logo no dia em que o meu filho Afonso faz 13 anos", lamentou o ex-autarca.

Manuel Codesso derrubado pelo maldito Vírus

Ricardo Gonçalves

Manuel Codesso, grande e bom homem só foi derrubado pelo maldito Vírus. Foi sempre um amigo de Paderne e de Melgaço. Durante muitos anos foi dirigente do Rancho de Paderne, do Centro Social, das comissões de festas, e acima de tudo um homem da família e amigo do seu amigo.

Durante décadas emigrante em França, foi da primeira geração a dar o salto, partiu com a quarta classe bem feita e subiu a pulso, trabalhou e estudou, começou por "ouvrier, depois chefe de Chantier," diretor de obra e administrador, o que para nós jovens em Paderne era um orgulho o Manel Codesso fazia o "chefe" em França e dava trabalho a muita gente e servia de exemplo para todos, porque era a prova do que se falava que os Melgacenses em França eram finos e "desemerdados" que muitos chegavam a chefes depressa e bem.

E nas férias no nosso querido mês de Agosto era uma festa com ele, sempre humilde e simpático com os conterrâneos.

Para nós jovens era o maior. Com o filho Carlos ocupávamos a casa dele no Granjão para fazer festas todo o ano que no Agosto continuavam e ele ajudava.

Nos anos 80 do séc. passado fui com um amigo passear para Paris. Instalamo-nos na maison do Manel Codesso e corremos Paris com cicleros habilitados da nossa terra, que incluía visitas a muitos dos nossos conterrâneos onde se comia e bebia bem e, de borla. Eu que sou um admirador da Democracia e cultura Francesa adorei, mas comida sempre que possível,

portuguesa, que é a melhor.

Manuel Codesso tinha uma mente brilhante, um coração de ouro e umas mãos de prata e no gozo da sua gorda reforma, além de conviver com os amigos no café, virou artesão e fez, entre outras, miniaturas de espigueiros do Minho, que eu fui "molhar" ao restaurante do falecido "Índio" em Newark, na América, no restaurante do Minho, onde pontificavam a comida e os trajes minhotos, o Alvarinho e, claro, os simbólicos espigueiros do Manel Codesso.

Manuel Codesso foi o pioneiro da plantação de vinha Alvarinha no "campo todo, como no futebol", encheu o maior campo que tinha e o povo murmurava: o Manel está na França e para não ter trabalho a "botar" o campo a milho, encheo-o de videiras. E, foi assim, que nasceu a primeira vinha que deu origem ao magnífico Alvarinho Dona Paterna, que o Carlos Codesso produz e ao qual o pai dava o nome e de que era o embaixador.

Um abraço solidário para a Maria, o Carlos, a Zé, as netas, os netos, bisnetas e bisneto.

Deixe-se deslumbrar pelo encanto do nosso espaço...





RAO Adérito
restaurante
capacidade para 250 pessoas



*casamentos • baptizados • comunhões
aniversários • serviço de catering • diárias*

251 404 412 | 962 683 522 | 966 575 716
restauranteoaderito@gmail.com
Quinta do Pombal, 4960-330 Remoães | Melgaço

Peso Paderne Melgaço

HB
HOTÉIS BOAVISTA
★★★

Alojamento e Restauração




Quarto de banho privativo, minibar, ar condicionado, aquecimento central, TV, Wifi, piscina, ténis, parque infantil, parque de estacionamento privativo, Restaurante.

- Organização de eventos vocacionados para empresas ou particulares.
- Casamentos e Baptizados.
- Celebrações familiares

BONS PREÇOS

Tel. (+351)251 416 464 | Fax. (+351)251 416 350
geral@hotelboavistamelgaco.com
www.hotelboavistamelgaco.com

AGÊNCIA FUNERÁRIA MIRA

Vitalina Augusta Alves
Vinhas - Paços | 81 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Germana Maria Rodrigues**
Vila | 81 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Guilherme da Costa Ferreira**
S. Paio | 50 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**José Afonso**
A.Grande . P.Monte | 88 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Leonor Gonçalves Vieira**
S.Grgório - Cristóval | 87 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**António de Araújo**
Vila | 95 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Aníbal Rodrigues**
Prado | 84 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Maria Leonor A.F. Rêgo**
Cristóval | 85 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**José Gonçalves da Luz**
Loureda - A.Valdevez | 74 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Rosa da Conceição Vaz**
S. Paio | 94 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Isaura Rodrigues**
Várzea - Paderne | 89 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Norberto Fernando Afonso**
Torre - Alvaredo | 70 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Maria do Rosário Domingues**
Maninho - Alvaredo | 96 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Adoinda Vaz Sérvio**
Cristóval | 90 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Manuel Francisco Codesso**
Granjão - Paderne | 83 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Albertina Fernandes Domingues**
Aguieira - Alvaredo | 82 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Rosalina Pereira de Sousa**
Pinheiro - Alvaredo | 86 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Umbelina Augusta Cunha**
Vila | 104 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Emília Esteves**
Pomar - Penso | 90 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Margarida Alves Garelha**
Cevidade - Paderne | 81 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Maria Orminda dos Prazeres**
Remoães

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Cândido de Abrau Saraiva**
Peso - Paderne | 87 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Maria Cerdeira**
Charneca - Alvaredo | 95 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**MIRA**

Consigo desde 1850

NOVAS INSTALAÇÕES

Rua Rio do Porto, 53 - Melgaço | www.mmira.pt | geral@mmira.pt | (+351) 251 404 014
Serviço permanente: (+351) 963 095 087 | (+351) 251 416 237

Serviços funerários: funerais e transladações, cremações, repatriamentos, florista, burocracias relativas ao óbito.

Arte fúnebre: várias combinações de campas e jazigos (mármore ou granito), lápides e peças em bronze. Visite a nossa exposição.

Florista: flores para todas as ocasiões, flores para empresas e organização de eventos à sua medida.

Novidade: Serviços de manutenção e gestão de monumentos fúnebres (campas, sepulturas e jazigos). Consulte as condições em www.mmira.pt.

CFAM Internacional Funerária (Vilarinho)

Manuel José Cerdeira
Pousafoles - Fiães | 92 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Felicidade de Lourdes Aires**
Igreja - Roussas | 85 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Álvaro Alberto da Conceição**
Roussas | 88 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Fernando Jesus Domingues**
Doma - Cristóval | 52 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Anselmo Rodrigues Vilarinho**
Couso | 85 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**José Esteves**
Cubalhão | 87 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Preciosa Gonçalves**
Lamas de Mouro | 87 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Alzira Augusta Mendes**
Ferraria - Paços | 78 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Augusto Amoroso Alves**
Chaviães | 85 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



«Numa altura tão dura em que somos privados de acompanhar pessoalmente os nossos amigos na dor da perda de um ser querido, aqui nos fazemos eco dos sentimentos de todos quantos fazem com que a ausência imposta legalmente seja vencida pela proximidade de uma presença em página impressa que dá a conhecer a muitos e permite que nos unamos em oração agradecida por quantos esperamos estejam já nos braços do Pai, e pelos familiares para que consigam superar momentos tão difíceis».

AGÊNCIA FUNERÁRIA ORQUÍDEA

Alice Conceição Esteves
Telheiro - Roussas | 87 Anos

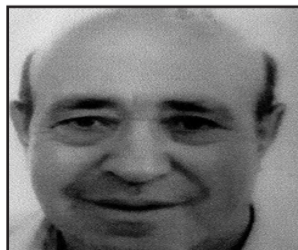
A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Zulmira Augusta Domingues**
Soutom.Baixo - Fiães | 95 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Arlindo Conde**
Vila - C.Laboreiro | 87 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Conservatória do Registo Predial;

ASSIM e por este meio, são avisados quaisquer interessados, para impugnar em Juízo, durante o prazo de trinta dias, a contar da publicação deste extrato, dos factos justificados, nos termos do disposto do n.º 1 do artigo 101.º do Código do Notariado.

Está conforme o original, na parte a que me reporto.

Melgaço, vinte e um de janeiro de dois mil e vinte e um.

O Notário, Marco Paulo Lima Gonçalves



«A Voz de Melgaço» 01/02/2021
EXTRACTO DE JUSTIFICAÇÃO

CERTIFICADO narrativamente, para efeitos de publicação, que no dia oito de dezembro de dois mil e vinte exarado a folhas setenta e sete e seguintes do Livro de Notas para Escrituras Diversas número DEZOITO - M deste cartório, foi lavrada uma escritura de justificação na qual ANTÓNIO JÚLIO ESTEVES e mulher MARIA AMÁLIA MESQUITA, casados sob o regime de comunhão geral de bens, naturais ele da extinta freguesia de Paços, concelho de Melgaço, ela da freguesia de Bouças, concelho de Mirandela, residentes no lugar do Couto do Moucho, freguesia de Cristóval, concelho de Melgaço declararam que são donos e legítimos possuidores, com exclusão de outrem, do PRÉDIO URBANO, sito no lugar de COTO DO MOCHO, União das Freguesias de CHAVIÃES E PAÇOS, concelho de Melgaço, composto por casa de morada de três pavimentos e rossios, com área total de oitocentos e cinquenta metros quadrados, coberta de noventa e sete metros quadrados e descoberta de setecentos e cinquenta e três metros quadrados, a confrontar de NORTE com Júlio Augusto Esteves, de SUL com Estrada Municipal e de NASCENTE e POENTE com Monte Baldio, inscrito na respetiva matriz sob o artigo 5549 que teve origem no artigo 380 urbano da extinta freguesia de Paços, com o valor patrimonial e atribuído de €43 820,00, desconhecendo o artigo da antiga matriz, o que declaram sob sua responsabilidade;

Que o imóvel não se encontra descrito na Conservatória do Registo Predial de Melgaço e os justificantes entraram na posse já no estado de casados, por compra e venda verbal que não chegou a ser devidamente formalizada feita à Junta de Freguesia de Paços, por volta do ano de mil novecentos e setenta e quatro, de um terreno para construção com área de quinhentos e cinquenta metros quadrados

onde iniciaram a construção de uma moradia autorizada pela Licença duzentos e vinte e um barra setenta e seis de três de março de mil novecentos e setenta e seis, emitida no processo cento e cinquenta e seis barra setenta e seis da Câmara Municipal de Melgaço e posteriormente, no dia trinta e um de outubro de mil novecentos e setenta e seis adquiriram do mesmo modo, novo terreno com área de trezentos metros quadrados, para rossios do prédio urbano, não tendo as referidas parcelas de terreno sido objeto de inscrição matricial por imposição do código da contribuição predial, em vigor à data;

Que a moradia, destinada a habitação própria e permanente, foi inscrita na respetiva matriz no ano de mil novecentos e oitenta e quatro sob o artigo 380 da extinta freguesia de Paços, tendo a Câmara Municipal deste concelho emitido o Alvará de Licença para Habitação ou Ocupação número 16, em nove de abril de mil novecentos e oitenta e quatro a favor dos justificantes e posteriormente tendo os mesmos efetuado obras de alteração no imóvel, a coberto da licença com o Alvará número sessenta e dois barra dois mil e dezoito, tendo posteriormente sido emitido o Alvará de Licença de Autorização de Utilização número um barra dois mil e vinte e um;

Que, assim, desde aquela data os justificantes possuem o mencionado prédio, sem interrupção, nem ocultação de quem quer que seja, na convicção de serem os seus únicos e atuais possuidores, exercendo essa posse ininterrupta e ostensivamente, com conhecimento da generalidade das pessoas e sem oposição, nem violência, inicialmente como rústico e após a construção, como urbano, com aproveitamento de todas as suas utilidades, começando por ocupá-lo, nele efetuando obras de reparação e conservação, suportando os respetivos encargos e despesas, tudo com ânimo de quem é dono;

Que, assim, a posse pública, pacífica, contínua e em nome próprio do prédio há mais de vinte anos conduziu à aquisição do mesmo por **usucapião**, que invocam para justificar o seu direito de propriedade para fins de inscrição a seu favor, na competente Conservatória do Registo Predial.

ASSIM e por este meio, são avisados quaisquer interessados, para impugnar em Juízo, durante o prazo de trinta dias, a contar da publicação deste extrato, dos factos justificados, nos termos do disposto do n.º 1 do artigo 101.º do Código do Notariado.

Está conforme o original, na parte a que me reporto.

Melgaço, oito de dezembro de dois mil e vinte.

O Notário, Marco Paulo Lima Gonçalves

Continuação da pág. 20

Hoje, somos o pior país do mundo no número de infectados e de mortos por Covid-19, por milhão de habitantes.

Hoje, o Parlamento aprovou a eutanásia, sendo assim o quarto país na Europa e o sétimo no Mundo a fazê-lo.

Na cauda do Mundo na pandemia, na frente do Mundo na eutanásia! Que “felicidade”, que “milagre” nos oferecem deputados sempre tão abnegados e generosos!

Pobres, mas avançados. Confinados para viver, desconfinados para morrer. Com um SNS exíguo para cuidar e salvar, mas “obrigado” a matar em nome da dita modernidade anti-conservadora e progressista.

Todas as palavras não bastam para dizer quão vergonhosa, desumana, estúpida e insensível foi esta “coincidência”. À morte morrendo a que desgraçadamente assistimos junta-se a morte matando com que nos querem “civilizar”...

Depois não se queixem das monstruosidades que vão gerando com o niilismo moral, indiferentismo humano e relativismo ético que subjazem a esta e a outras iniciativas.

Entretanto, façam o favor de se porem à frente dos velhos doentes para a vacina. É que sem os deputados da eutanásia o que seria deste pobre país?

Bagão Felix

Irmãos que nos deixaram

Alcídio da Silva Figueiredo e Maria Figueiredo – Porto



A generalidade dos nossos leitores e assinantes não sabe quem era o autor dos passa-tempos que publicamos durante os últimos anos, até este bom colega de seminário e amigo, ter ficado impossibilitado fisicamente de o fazer. Faleceu em 30 de Dezembro último. Nasceu em 16/8/1940, na freguesia de Santa Maria Maior, Viana do Castelo, mas residia há muitos anos, no Porto.

Frequentou o seminário de Braga de Outubro de 1953 a Agosto de 1957.

Na vida civil, foi um verdadeiro lutador para poder alcançar as melhores condições económicas para a vida familiar. Contraiu matrimónio com Maria Ribeiro da Costa Figueiredo em Maio de 1964 e constituíram um casal modelar no afecto mútuo, na dedicação à família e ao trabalho, e na entrega à Igreja, sobretudo na paróquia de Campanhã, no Porto, onde ajudavam na catequese e noutras actividades. Deste casamento nasceram dois filhos: o Alcídio, com o mesmo nome do pai, responsável na área internacional da SONAE, e o Filipe, psicólogo na actividade de seguros. Ambos são quadros prestigiados da SONAE.

O Alcídio, pai, foi primeiro profissional de seguros na companhia Tranquilidade e, mais tarde, na correctora de seguros M.D.S (Manuel Domingues dos Santos), do grupo SONAE. Sempre foi considerado um colega de eleição, pronto a colaborar e propenso ao convívio franco e alegre. Recordo-me dos nossos encontros, como antigos alunos dos seminários de Braga, dos nossos encontros mensais, nas primeiras quartas-feiras de cada mês, para os lados de Matosinhos. Nalguns deles esteve presente Dom José Augusto Pedreira, bispo auxiliar do Porto e depois de Viana, recentemente falecido. Reunimo-nos primeiro na celebração eucarística e depois no jantar de confraternização, recordando peripécias dos velhos tempos. A maior parte das vezes, por maior comodidade do grupo, a reunião era em Matosinhos. E quando perguntávamos quem queria ser o responsável pelo alertar e organizar o encontro seguinte, lá apontávamos o Alcídio, que aceitava gostosamente o encargo. E arranjava ainda quem o ajudasse na preparação do encontro, sobretudo em alertar os colegas para estarem presentes. Nalguns deles, estiveram membros dos corpos gerentes da ASSASB (Associação dos Antigos Alunos dos Seminários de Braga), entre eles o Director de «A Voz de Melgaço». Foi de um desses encontros que surgiu a ideia e o desafio de o Alcídio prestar ao jornal o seu saber em termos de passa-tempo, como já fazia com a revista 'Cruzada'.

Na paróquia de Campanhã foi Coordenador da Catequese durante 20 anos. Humilde e abnegadamente, sabia dar o seu contributo de cristão consciente, adulto e responsável, no que era coadjuvado pelo amor da sua vida, a esposa Maria. Além da catequese, participavam, entre outras actividades, também no grupo coral.

Faleceram no espaço de pouco mais de um mês. Ela, em 4 de Novembro, e ele em 30 de Dezembro. Como escreveu um colega muito amigo do casal, o padre Anselmo Sousa, o Alcídio estava muito doente, mas a morte da esposa apressou a sua, pois a amizade que sentiam mutuamente foi mais forte a chamá-lo para junto dela.

Nos funerais, o pároco referiu precisamente o seu empenho profícuo nas actividades da paróquia e agradeceu à família, sobretudo aos filhos e netos, o belo testemunho que eles deram de vida cristã.

Todos os que vos conheceram recordam-vos com saudade. Descansai em paz».

Manuel Real Narciso de Moraes, antigo aluno do Seminário, assinante e apreciador deste tão querido e apreciado jornal.

Fernando Augusto Gonçalves e Maria Celeste – Paderne e Lisboa

Este melgacense, nascido em Paderne há 88 anos, emigrou para Lisboa apenas com 14 anos e lá se foi abalanchando à vida, chegando a ter um talho. Casado com Maria Celeste Vital Gonçalves, natural de Torres



Vedras, tiveram 2 filhos: o Carlos Manuel e a Maria da Conceição. Estes deram-lhes 5 netos e 6 bisnetos.

O seu amor a Melgaço estava profundamente entranhado neles e nos filhos, de tal maneira que sempre vieram a Melgaço, pois ainda têm primos no lugar de Castros e outro em Monção. O Carlos vive em Espinho, a Maria da Conceição em Lisboa.

Com este casal aconteceu algo que muito perturbou os filhos e netos: o Fernando faleceu em 17 de Abril de 2020 e a esposa faleceu 3 meses depois, em 22 de Julho. Custou muito a gerir estas duas perdas em tão pouco tempo, em pandemia e sem poder prestar aqueles carinhos e mimos que todos os bons filhos gostam de poder dar aos seus entes queridos.

Ao recordá-los neste jornal, que há muito assinam e que tanto apreciam, bem como à nossa terra, queremos também homenagear o espírito de família que manifestam e que é a riqueza maior que podemos ter, pois é ela que nos dá a paz e serenidade que nanda nem ninguém nos consegue dar tão verdadeiramente.

É muito expressivo este pensamento dos filhos e netos: «Que Deus os guarde no Céu como nós os guardamos no coração».

Obrigado, amigos, por este lindo testemunho de vida familiar e apego aos bons valores.

Alice da Conceição Esteves – Rouças

Natural e sempre residente no lugar do Telheiro, em Rouças, faleceu em 5 de Janeiro do ano em curso, com 87 anos cumpridos em 9 de Dezembro 2020.

Casada com António Martins, era mãe de António Esteves, falecido tragicamente há anos em acidente com tractor e que a marcou decisivamente nestes últimos anos de vida, e José Augusto Esteves Martins, emigrante em França.

Era irmã do padre António Esteves e de Augusto Esteves, ainda vivos, e de Manuel, José, Rosa e Esperança, todos já falecidos.

Ao que me informou o padre António, todas as 3 irmãs tinham o sobrenome Conceição, dada talvez a devoção da família à Senhora da Conceição.

Minha vizinha durante mais de 70 anos, desde que mudamos para a Casa

do Cerdedo, sempre a conheci simples e humilde, entregada ao cuidado dos pais e irmãos, primeiro, e depois ao marido e filhos. Foi ela que acompanhou os pais na velhice e deu também especial carinho aos irmãos José e Manuel, falecidos já há uns bons anos.

A Alice foi forjada nas dificuldades. Contava com muita graça as idas a pé até Castro Laboreiro, de açafate na cabeça para levar os mimos da ribeira até aos da serra onde os não havia: uvas, figos, fruta vária, etc. Isto na madrugada de Domingo, para chegar ainda à missa em Castro e vender aos clientes no final da eucaristia. Só de imaginar a cansaça de horas, talvez mais de 6, com o açafate na cabeça, a subir serra acima até Fiães, Alcobaca e Castro, é algo que hoje nos dá uma certa vertigem, mas que ela fez dezenas de vezes para ajudar algo mais a casa paterna na gestão do dia a dia. Era um prazer vê-la contar as viagens, com pormenores que nunca esquecia e que mantinha integralmente como tinha contado de outras vezes.

Sobretudo desde a morte do filho António, vivia a dor da perda e custava-lhe muito se não a deixavam desabafar a enorme dor que sentia e que era sincera e profunda. Uma queda levou-a até ao hospital de Viana, onde foi operada, tendo depois feito a recuperação de longos meses em cuidados continuados, mas acabou por andar a pé com alguma desenvoltura, dada a idade.

Na véspera da morte ainda ajudou a estender a roupa para secar ao sol. No dia seguinte, ao almoço, ficou-se e foi, sem dizer mais palavra, para junto de Deus. No funeral, presidido pelo padre Carlos Martins e celebrando o irmão, padre António e os padres Carlos Nuno e Júlio Vaz, foi recordada na dignidade maior de um cristão: filha muito amada de Deus. Agradecemos o dom da sua vida, suplicamos as graças do Alto para seu marido, filho, netos e demais família, e unimo-nos a seu filho, seus irmãos padre António e Augusto e demais familiares presentes na manifestação do nosso sentimento e na certeza de continuar a rezar por ela, que é sempre a melhor maneira de a lembrar.



Vendem-se Campo de Souto – Cristóval

2 casas de habitação, uma casa de arrumos e terreno circundante a ambas num total de quase 2 hectares.

Têm muita água própria.

Contactos:

251 414 973 / 969623094

52% dos europeus tem planos para viajar nos próximos seis meses

Excessiva ilusão da normalidade ou bom sinal para o turismo?

João Martinho

Um inquérito realizado pela European Travel Commission (ETC) no final de 2020, traduzido em números e divulgado em meados de Janeiro de 2021, indicava que mais de 50% dos europeus inquiridos sobre viagens em altura de pandemia diz pretender viajar nos próximos seis meses, um terço dos quais já na Primavera e principalmente para lazer.

O questionário da entidade europeia de turismo foi realizado precisamente no período em que o Velho Continente gozava de uma certa ‘paz podre’ que fez baixar a guarda e ansiar por uma Primavera com laivos de ‘normalidade’.

Contudo, se por um lado é um metafórico sinal de perigo amarelo sobre as nossas cabeças e que deve fazer os países europeus a pensar duas vezes antes de “mandar desconfinar”, para não repetir o periclitante confina/desconfina; por outro lado é um refrescante sinal de que há vontade de retomar a normalidade, sobretudo no que respeita ao sector do turismo.

Segundo o inquérito, 52% dos questionados afirmam

ter planos para viagens de curta duração ou querer viajar nos próximos seis meses.

“Apesar de se assistir a novos ressurgimentos da Covid-19 na União Europeia (UE), o que tem motivado também novas medidas restritivas para conter os surtos, a confiança dos viajantes europeus tem vindo a melhorar, sendo que 32% dos inquiridos indicaram que pretendem fazer uma viagem já na Primavera”, noticiava a agência Lusa.

O mês de Fevereiro começou já com notas de recomendação para ficar em casa e com meia quinzena embargada para a esmagadora maioria dos sectores. A Primavera está a menos de dois meses de calendário.

Urge cumprir e fazer cumprir – a Constituição da



República também, é certo – as recomendações de higiene e distanciamento social, mas ainda que o Governo determine a restrição ou a libertação com solidez e não com a aparente experimentação de quem governa através do Facebook, em busca de uma consensualidade impossível porque... Somos quase dez milhões de cabeças a emitir opinião, cada um pela sua.

Ribeiro de Baixo

A tristeza de ver um ‘paraíso’ desmoronar

Maria Nazaré Rêgo

Sou ‘crasteja’ do Ribeiro de Baixo. Não vivo lá, mas é a terra que me viu nascer e que me corre nas veias e este desabafo é o de uma que vê o seu ‘paraíso’ ficar completamente um deserto.

Há uns tempos fui matar saudades e visitar a minha avó, que ‘está sempre comigo’, mas naquele dia apeteceu-me ir vê-la na sua última morada. Depois de conversar com ela, decidi visitar amigos que me viram crescer e que eu adoro ainda hoje, mas fiquei de coração apertado. A parede do cemitério onde muitos deles agora ‘descansam’ está a cair.

Saí e lembrei-me de visitar os locais que tanto adorava em criança. Fui à fonte, e qual não é o meu espanto ao ver que já não existe! Um muro caiu, partiu-a e ninguém quis saber. A levada de regadio dos campos também já não existe.

Vim para os lados da casa da minha avó e fui ver o forno antigo do Lugar. Era um forno bonito de se ver, todo em pedra, uma obra de arte. Agora, o que existe lá é apenas pedras e uma figueira, que destruiu tudo. Os moinhos a cair, tudo abandonado.

Não aguentei. Chorei como uma criança, porque vejo o que os meus antepassados fizeram tudo destruído.



Pergunto-me: Se em todas as Freguesias por onde passo tentam recuperar o antigo por causa do turismo, o Ribeiro de Baixo não pertence a Castro Laboreiro?

Pensem um bocadinho nisso, reflectam, vão ao local e vejam o potencial e a beleza daquele lugar que parece



abandonado por todos. Serei só eu que sinto essa dor? Talvez sim, porque não vi ninguém fazer nada.

Desculpem o desabafo, mas dói muito ver o meu paraíso a cair aos bocados.

Obrigada pela vossa atenção.

PIZZARIA

T. 251 403 058

Inovação é o que nos distingue

RESTAURANTE

Av Capitão Salgueiro Maia

EM FRENTE À ESCOLA SECUNDÁRIA

MELGAÇO (CENTRO)

ESPAÑA S. GREGÓRIO

PESO MONÇÃO

Take-away e entregas a domicílio podem salvar a economia local durante estado de emergência

João Martinho

No dia 22 de Janeiro publicamos na página Facebook do jornal A Voz de Melgaço uma história/sondagem de resposta Sim/Não relativamente à utilização do serviço take-away na restauração melgacense.

A 'história' publicada teve mais de quatrocentos acessos individuais, mas as percentagens não são francamente positivas no que respeita ao "Sim" expectável, tendo em conta o encerramento dos espaços físicos dos restaurantes locais.

A pergunta "Já recorreu ao serviço take-away dos restaurantes de Melgaço, desde o início da pandemia Covid-19?" teve uma resposta maioritariamente positiva, com 54% dos votos, mas ainda um significativo número de 'Nãos' (46%).

Com a renovação do estado de emergência e considerando o significativo número de restaurantes locais que mantém a opção take-away (e um com entrega a domicílio) disponível, associamo-nos à divulgação da lista de estabelecimentos que o podem apoiar durante este período.

Nesta listagem, divulgada pela Câmara Municipal de Melgaço, constam ainda os supermercados, farmácias e outros prestadores de serviços que poderão ser essenciais.



RESTAURANTES

Adega Do Sossego

Take-away ao fim de semana
Contactos: 251 404 308 / 934 198 002
adegadosossego@gmail.com

Restaurante "O Adérito"

Take-away
Contactos: 251 404 412 / 966 575 716 / 962 683 522
restauranteoaderito@gmail.com

Cantinho Do Adro

Take-away
Contacto: 251 414 177

Cantinho Sk8_Hub_Cafe

Take-away
Contacto: 251 036 423

Dy Michelys Melgaço

Take-away
Contacto: 251 403 058

Restaurante Mini Zip

Take-away de segunda a sexta-feira
Contacto: 251 418 286 / 937 811 208

Restaurante Pôr do Sol

Take-away
Contacto: 251 402 825 / 966 564 437

Tasquinha da Portela

Entrega ao domicílio e Take-away
Contacto: 968 825 682

Restaurante Casa Real

Take-away
251402435

Restaurante Verde Minho

Take-away
251 416 081 / 966 502 603
verde_minho@outlook.com

Restaurante Mira castro

Take-away - 251 460 020
geral@hotelmiracastro.com

SUPERMERCADOS

Meu Super Melgaço

Entregas ao domicílio
Contactos: 251 418 010
meusuper.melgaco@hotmail.com

Supermercado CARLA

Entregas ao domicílio
Contactos: 251 402 241 / 966 592 724

Supermercado Radar

Entregas ao domicílio
Contactos: 251 403 993 / 939 339 684

Intermarché Melgaço

Serviço de drive
Contactos: 251 400 550
intermarchemelgaco@gmail.com

Posto de combustível aberto 24 horas

Mercado e frutaria do Abílio

Entregas ao domicílio
Contactos: 251 402 216 / 251 404 925 /
934 517 550 / 936 542 360
paulo251167afonso@gmail.com
supermercadonovademelo@gmail.com
Minipreço Melgaço
Encomendas: 251 414 117
Supermercado Cedimel
Entregas ao domicílio
Contactos: 251 096 859 / 936 672 245

FARMÁCIAS

Farmácia Durães

Encomendas via tlf: 251 402 249
E-mail: duraes.mlg@farmalink.pt
farmaciaduraes@gmail.com.
Entregas ao domicílio.

Farmácia Gonçalves

Encomendas via tlf: 251 418 183
Entregas ao domicílio.

Farmácia Vale do Mouro – Melgaço

Encomendas via tlf: 251 403 312.
Entregas ao domicílio.

OUTROS SERVIÇOS

Casa Meleiro

Entregas e serviços ao domicílio
Contactos: 251 418 287 /
934 527 171

Cartório Notarial | Notário Marco Gonçalves

Pré-agendamento via tlm: 251 096 297
E-mail: cnmelgaco@gmail.com

Yours Phone

Entregas e prestação de serviços ao domicílio, desde pagamento de faturas, carregamentos, contratos de operadores, vendas de acessórios ou telemóveis.
E-mail: yoursphone2018@hotmail.com
Tlf: 251 094 579



Cartório Notarial de Melgaço

Marco Paulo Lima Gonçalves, Notário a quem foi atribuída licença para instalação do Cartório Notarial de Melgaço, vem informar, ao abrigo do nº 3 do artigo 38º do Estatuto do Notariado, que iniciou funções no dia dez de abril de dois mil e dezassete, na Rua Doutor Augusto César Esteves, nº 80, 4960-562, União de Freguesias de Vila e Roussas, local onde ficará o acervo documental do extinto cartório. O telefone de contacto é o 251 096 297 e o e-mail é cnmelgaco@gmail.com.

MALHEIRO SEGUROS

ANSELMO MALHEIRO e RUI MALHEIRO

Rua Rio do Porto, 215
4960-568 Melgaço
Telf. 251404031 / 933291437
rui.malheiro.seguros@gmail.com

Urb. Quinta das Andorinhas, 83
4950-855 Monção
Telf. 251653224 / 933291437
malheiro.seguros@gmail.com

AGENTE PRINCIPAL



GENERALI TRANQUILIDADE ZURICH



ALVARINHO
Casa do Cerdedo
a escolha certa dos mais entendidos

*Aroma, cor, paladar...
Qual ressaltar eu não sei,
Poís em qualquer atributo
Casa do Cerdedo é rei.*

casadocerdedo@gmail.com
Tlm: 968 274 988 / 918 293 695
Tel: 251 825 341 / 251 402 138

ICNF avança com investimento de 535 mil euros no PNPG para recuperar floresta autóctone

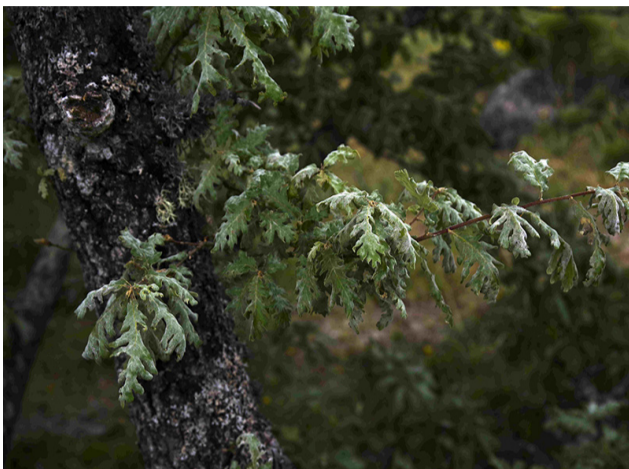
João Martinho

O Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas (ICNF) irá investir, através de uma operação de reprogramação de uma candidatura financiada pelo PO-SEUR, cerca de 535 mil euros na Mata do Ramiscal e na Mata do Mezio.

As ações a realizar no terreno serão de plantação de espécies autóctones, gestão de combustíveis, protecção das áreas plantadas, aproveitamento da regeneração natural, plantação de bosquetes e reprodução em Viveiro Florestal de espécies autóctones com incidência no Parque Nacional da Peneda-Gerês (PNPG).

Este investimento pretende dar continuidade às intervenções já realizadas pelo ICNF e promover a reprodução *ex-situ* de espécies da flora vascular endémica do PNPG de forma a **operacionalizar as indicações de gestão destas espécies prescritas na Lista Vermelha da Flora Vascular de Portugal Continental e a melhorar o estado de conservação de Habitats Naturais.**

De entre as espécies que se pretendem reproduzir em viveiro, no âmbito do presente projeto, conta-se o Azevinho (*Ilex aquifolium*), a Sorveira Branca (*Sorbus*



aria) e as populações endémicas do Gerês de Pinheiro Silvestre (*Pinus sylvestris*).

As linhas mestras deste projecto vão assentar **no restauro da área florestal ardida com utilização essencialmente de espécies autóctones para constituição de uma floresta natural, mista, onde predo-**



minarão as espécies folhosas autóctones. Também se tem especial atenção à renaturalização de zonas florestais degradadas e à proteção e salvaguarda das plantações e da regeneração natural, com recurso a vedações promovendo um melhor ordenamento do pastoreio.

Carlos do Carmo: calou-se a nossa Voz

Costa Guimarães

A música é o lado sentimental da nossa existência, não importa se é clássica ou popular, melancólica ou alegre. É a sua mistura que pode fazer o retrato do nosso tempo

Na última véspera de Ano Novo, ao amanhecer, uma voz desligou-se para sempre, deixando Portugal — e, porque não dizer o Mundo? — mais órfão, pelo menos para mim: a do fadista português Carlos do Carmo, herdeiro no panteão do fado da imortal Amália Rodrigues, soou em todo o mundo e foi ouvida e saboreada por milhões de pessoas.

Foi, por duas vezes, agraciado pela Presidência da República com graus honoríficos — no final da década de 1990, mais precisamente, a 4 de setembro de 1997, o Presidente Jorge Sampaio atribuiu-lhe o grau de Comendador da Ordem do Infante D. Henrique. Posteriormente, a 28 de novembro de 2016, o Presidente Marcelo Rebelo de Sousa fê-lo Grande-Oficial da Ordem do Mérito, distinção que lhe foi entregue em cerimónia realizada a 3 de dezembro de 2016.

Recebeu diversos outros prémios, atribuídos pelos seus álbuns ou pela sua carreira — em 1991, a Casa da Imprensa, entregou-lhe o prémio Prestígio, no âmbito da Grande Noite do Fado. Em 1998, a SIC e a revista Caras atribuiu-lhe o Globo de Ouro de Excelência e Mérito; uma distinção que antes tinha sido atribuída a Mário Soares, David Mourão-Ferreira ou Ruy de Carvalho. Já em 2002, o álbum Nove Fados e Uma Canção de Amor, valeu-lhe um Globo na categoria de Melhor Disco do

Ano.

Em 2003, recebeu o Prémio José Afonso, atribuído pela Câmara Municipal da Amadora, na sequência do qual foi publicado o livro Carlos do Carmo, do Fado e do Mundo, uma entrevista biográfica realizada por Viário Teles.

Em 2004, o então Presidente da Câmara Municipal de Lisboa, Pedro Santana Lopes, atribuiu-lhe a Medalha de Mérito Municipal, de grau ouro, o mais elevado.

Em 2008, recebeu em Espanha, em conjunto com o poeta Fernando Pinto do Amaral, o prestigiado Prémio Goya, na categoria de Melhor Canção Original, com o Fado da Saudade.

Em 2014, tornou-se, a par da soprano Elisabete Matos, no segundo artista português a ganhar um Grammy, obtido na categoria Lifetime Achievement, entregue apenas aos artistas pelo conjunto da obra que produziram ao longo da sua carreira e não devido ao êxito que lograram com determinada canção ou álbum. No mesmo ano, a 19 de novembro, o fadista recebe o Grammy Latino de Carreira, no Hollywood MGM de Las Vegas.

Também a Rádio Comercial lhe prestou uma singular homenagem, ao produzir um vídeo onde 35 cantores portugueses de diferentes gerações cantam Lisboa Menina e Moça, entre eles Paulo de Carvalho, Jorge Palma, Rui Reininho, Camané, Mariza, Aurea, Ana Moura, Tiago Bettencourt ou David Fonseca.

A voz de quem interpreta tantas canções vai embora e aquela banda sonora nunca é mais a mesma ou não



parece mais a mesma. A cada voz que desaparece, uma história desaparece, que é o que a sustenta e faz soar como parece.

Não importa se está gravado, como no caso de Carlos do Carmo, em inúmeros discos. Nunca mais soará o mesmo. E, se não está registado, pior ainda: como reproduzi-lo sem colocá-lo no seu devido lugar, sem ver o homem que lhe deu vida e com ela se manifestou?

Quando uma voz se cala é como uma vela ou uma lâmpada que se apaga, o mundo fica escuro e sentimos nos cegos. O silêncio que nos cobre demora a desaparecer. Podia repetir-se com ele uma estranha forma de vida que nos enche de canções e uma voz que se apaga para sempre como as estrelas ao amanhecer, enchendo-nos de uma orfandade quase infinita:

“Coração independente
Coração que não comando
Vives perdido entre os homens,
a sangrar com medo
Coração independente
Eu não te acompanho mais!
Pára, deixa de bater
Não sabes para onde vais,
porque te apetece correr?
Eu não te acompanho mais! ...”



Dr. MONTEIRO MARQUES - Ouvidos, nariz e garganta 919 988 184
Dra. TATIANA MALHEIRO - Exames de audição. Aparelhos auditivos 964 877 598



www.clinicadeotorrino.com Edif. Correios, 2º
4950 - Monção
251 652 756



MCA – Mediação de Seguros Lda

ASF N° 413392428

Rigor no Preço.... Rigor na Protecção

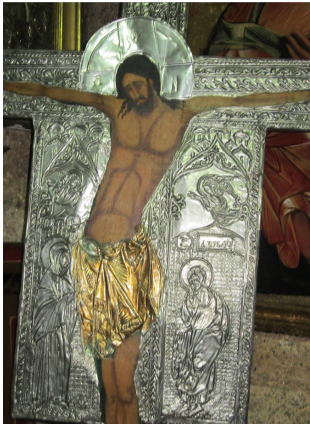
Escritórios :
Rua Fonte da Vila S/n
4960-546 Melgaço
Tel : 251402903 Fax : 251402907
mail : mca-seguros@sapo.pt

Av. D. Afonso III, 233
4950-855 Cortes - Monção
Tel / Fax : 251 656232
Tlm 936060133

Diálogo Ecuménico 2021

Permaneçei no meu Amor e produzireis muitos frutos (Jo. 15.1-17)

José Rodrigues Lima



As igrejas cristãs organizaram, mais uma vez, de 17 a 25 de Janeiro o denominado Oitavário pela Unidade dos Cristãos. A comemoração teve início em 1908, devido ao empenhamento do norte-americano Paul Wattson, presbítero anglicano que mais tarde aderiu ao catolicismo.

Todos os anos é selecionada uma referência bíblica, e em 2021 o Oitavário é orientado pelo texto do evangelista João 15.1-17: “Permaneçei no meu amor e produzireis muitos frutos”, que “exprime a vocação à reconciliação, à unidade da Igreja e da Humanidade”. O tema da grande jornada desta ano foi selecionada pela Comunidade Ecuménica Monástica de Granchamp, Suíça. A comunidade reúne religiosas de diferentes tradições cristãs e de diferentes países.

O Reino de Deus, revelado pelo Verbo Encarnado, iniciou uma nova marcha da história e fez maravilhas no coração dos homens abertos à humanidade, à esperança, à fraternidade, à paz, à espiritualidade e à salvação.

O ecumenismo é uma grande preocupação da Igreja Católica, e outras Igrejas, tendo o Concílio Vaticano II proclamado doutrina através da declaração “Nostra Aetate” e o decreto “Unitatis Redintegratio”.

O Papa João Paulo II publicou a Carta Encíclica (UT UNUM SINT) - “Para que todos sejam um, Pai” (Jo. 17, 21-23).

Devemos sublinhar o empenho do Conselho Mundial de Igrejas e o Conselho de Igrejas do Médio Oriente.

HÁ UM SÓ DEUS

“Há um só Deus e Pai de Todos”... (Ef.4,6)”

O Reino de Deus é muito grande e diversos são os caminhos...

“Há um só Corpo e um só Espírito, assim como a vossa vocação vos chamou a uma só esperança; um só Senhor, uma só fé, um só batismo; um só Deus e Pai de todos, que reina sobre todos, que age por todos e permanece em todos”. (Ef. 4,4-6)

“Pois, onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, eu estarei no meio deles” (Mat.-18,20)

Somos caminheiros da verdade da beleza e da bondade, e encontramos referências e luzes e escutamos vozes e sons da eternidade que levam à harmonia existencial, à verdadeira estrutura antropológica.

SOMOS A FAMÍLIA DE DEUS...

Ecoa no nosso íntimo a oração de Jesus:

“Eu neles e Tu em mim, para que eles cheguem à perfeição da unidade e assim o mundo reconheça que Tu me enviaste e que os amaste a eles como a mim”. (Jo.17,20-23)

Temos um só Pastor - DEUS FEITO HOMEM... JESUS CRISTO...

“Nele se alegra o nosso coração e em seu santo nome confiamos”. (Sl.33,21)

No evangelista S. João lemos: “Todos os que o pai me dá virão a mim; e quem vier a mim eu não os rejeitarei.”.(Jo.6,37)

“Não há diferença entre judeu ou grego... pois todos temos o mesmo Senhor, rico para todos que invocam. Todo aquele que invocar o Senhor será Salvo. (Rm. 10,12)

“De facto, num só Espírito, fomos todos batizados para formar um só corpo, judeus, gregos escravos ou livres e todos bebemos de um só espírito” (1ªCor.12,13)

“Todos vós sois um em Cristo Jesus. (Gal. 2,7)

“A vontade divina é unir os filhos de Deus dispersos para que todos tenham a vida plena e vigorosa e nenhum se perca”. (Jo.10,10)

Precisamos de aprofundar o património bíblico, teológico, litúrgico e espiritual com o conhecimento recíproco, com a conversão do coração e com a oração, no respeito da alteridade e da identidade das diversas Igrejas.

“Eu sou o Bom Pastor; conheço as minhas ovelhas e as minhas ovelhas conhecem-me” (Jo 10,14-16); ... haverá um só rebanho e um só pastor.

“Não haverá paz entre as nações sem a paz entre as religiões.

“Não haverá paz entre as religiões sem o diálogo entre as religiões. Não haverá diálogo entre as religiões se não se investigam os fundamentos das religiões.”

Assim sublinha o teólogo Hans Kung, perito no Concílio Vaticano II e criador da Fundação para a Ética Mundial (1995).

O acolhimento é hoje um grande sinal de misericórdia, onde a proximidade e a compaixão desenvolvem o espírito de unidade.

Acolhemos a todos...

DIÁLOGO E ANÚNCIO

De acordo com o Conselho Pontifício para o Diálogo Inter-religioso, através do documento “Diálogo e Anúncio”, de 1991, aponta-se as diversas formas de diálogo. Antes de mais temos o diálogo de vida, o diálogo de obras, o diálogo de intercâmbios teológicos e de experiências religiosas.

No que se refere ao diálogo de obras, entende-se o que se estabelece quando pessoas de diferentes tradições religiosas se unem para realizar iniciativas sociais e humanitárias.

Há necessidade de fomentar a cultura do diálogo e da comunhão.

O diálogo é sempre uma viagem fraterna e um caminhar em conjunto em direção à verdade.

Temos necessidade de desenvolver a cultura da misericórdia e da ternura.

A ideia principal da Igreja católica com o diálogo ecuménico e inter-religioso é o de encontrar na pessoa humana um amigo, um irmão, que transporta consigo os seus valores e suas propostas para o mundo.

Embora haja discordâncias, sem dúvida, existem valores em comum. “A. M.”

O importante documento, Do Conflito à Comunhão, reconheceu que ambas as tradições abordassem esse aniversário numa era ecuménica, após conquistas de 50 anos de diálogo e com novas compreensões da sua própria história e teologia.

O DOM E O CHAMAMENTO DE DEUS SÃO IRREVOCÁVEIS...

Deixemos as diferenças com Deus...Ele une...

A espiritualidade une a todos os que tem fé em Deus Pai. O dom e o chamamento de Deus são irrevocáveis...

“A consciência é o núcleo mais secreto do homem, o santuário onde ele está a sós com Deus, cuja voz ressoa no seu íntimo”.

“É necessária a escuta da palavra profética, estando atentos às alegrias, às esperanças, às tristezas e às angústias dos homens do nosso tempo, sobretudo dos pobres e de todos os que sofrem”.(G.S.)

“As diretrizes para as soluções da humanidade requerem uma abordagem integral para combater a pobreza, devolver a dignidade aos excluídos e, simultaneamente, cuidar da natureza”. (Laudato Si). “Reconheço, na verdade que Deus não faz aceção de pessoas”.(At.10,34).

“O diálogo autêntico entre as diferentes tradições religiosas torna-se fundamental para resolver conflitos que abalam a paz entre os povos”. (Papa Francisco, 10.1.2017)

“Muitos cristãos de diversas igrejas trabalham juntos ao serviço da uma humanidade necessitada, na defesa da vida e da sua dignidade, da criação e contra as injustiças”

MUDANÇA SOCIAL

Recebemos informações referentes à situação da humanidade, da casa comum em que habitamos. Há indicadores que perturbam a convivência criando situações difíceis em varias partes do nosso planeta.

Assim: a escravatura, a violência, a fome, o tráfico de seres humanos, o racismo, a exploração de mulheres, os refugiados, os emigrantes, os migrantes, o casamento forçado, a mutilação genital, a falta de educação, a ignorância, o desprezo pelos valores humanos, aqueles que vivem sem trabalho, sem teto, sem terra, a falta elementar da água, para além de outras sombras negras em varias partes do mundo.

As Igrejas desempenham ações fundamentais para o bem estar da humanidade, promovendo a cultura do cuidado, a fraternidade e a amizade social entre os povos de matriz cristã e religiões não cristãs, a bem de todos os habitantes da mãe terra.

Sonhamos com “esperança viva e confiança alegre”, neste tempo de variadas mutações sociais.

“A hospitalidade é uma maneira concreta de não se privar deste desafio e deste dom que é o encontro com a Humanidade mais além do próprio grupo”. (Fratelli Tutti – 2020).

A Morte chegou aos 104 Anos de idade

Joaquim Rocha

CUNHA, Umbelina Augusta. Filha de José Maria da Cunha, natural de Chaviães, e de Zulminda Rosa Calheiros, natural da Vila. Neta paterna de Aníbal dos Anjos Cunha e de Felisbela Cândida Alves; neta materna de Silvina Inocência Rodrigues (Calheiros). Nasceu na Vila, SMP, a 15/1/1917 e foi batizada na igreja a 7 de Abril de esse dito ano. Padrinhos: António Luís Fernandes e Umbelina Augusta da Cunha, casados. // A 12 de Abril de 1930, em uma



feira realizada na escola Conde de Ferreira, ela declamou o poema "Portugal" (Notícias de Melgaço n.º 58, de 27/4/1930). // A 21/7/1931 fez exame do 2.º grau, ficando aprovada com distinção (Notícias de Melgaço n.º 119, 26/7/1931). // Em 1932 recebeu a importância de 1.002\$00, por ser órfã de guerra, dinheiro que veio da Assistência da Colónia Portuguesa no Brasil (NM 170, de 21/10/1932). // Solteira e sem geração. // Morou na vila de Melgaço, em casa de sua irmã Julieta da Conceição Gil, viúva de Manuel Lourenço Lima, comerciante, carteiro, e ex-provedor da Santa Casa da Misericórdia de Melgaço. No ano de 2015 foi entrevistada por João Martinho, jornalista de «A Voz de Melgaço». // Faleceu na Vila de Melgaço a 23/1/2021, sábado. // A sua vida, sobretudo a partir de certa altura, foi calma, liberta de todos os sonhos infantis e da adolescência, penetran-

do consciente e responsável na realidade. Trabalhou para sobreviver. Residiu alguns anos com a mãe, com o padrasto e três irmãs, duas delas filhas de outro pai, ou seja, do senhor José Gil, soldado da Guarda-Fiscal, filho de Miguel Caetano Gil e de Maria José Gomes de Sousa, lavradores, residentes no lugar de Crastos, freguesia de Paderne, nascido a 15/1/1877, por ter casado com a mãe de Umbelina Augusta, viúva de seu pai, José Maria da Cunha. // José Gil morreu na Vila de Melgaço a 1/4/1955, e a sua viúva finou-se a 4/8/1965, com 75 anos de idade. Era, por conseguinte, pai de Julieta e de Fernanda Gil.

Nota: deve-se enaltecer o generoso apoio que a Sr.ª D. Umbelina Augusta teve, nos seus últimos anos de vida, de sua sobrinha, a professora Maria Manuel Lima, viúva do Sr. Eng.º Luís Agostinho Pereira de Castro.

D. Maria da Paz Dias de Figueiredo Gonçalves

Na noite de 18 para 19 do corrente mês, adormeceu nos braços amorosos de Deus, rodeada do carinho de sua filha, genro e neta, em Ponte de Lima, onde vivia desde há cerca de dois anos, D. Maria da Paz Dias de Figueiredo Gonçalves, de 90 anos, esposa muito dedicada de Dr. Alípio Gonçalves, que exerceu o notariado em várias terras do País, nomeadamente em Carrazeda de Ansiães, Ponte da Barca, Vila Verde e Guimarães, onde criou imensas amizades, e que foi, durante muitos anos, dedicado leitor de "A Voz de Melgaço" que muito apreciava. D. Maria da Paz, foi professora do 1º Ciclo (antigo Ensino Primário Elementar) em Parada do Monte, Messegães, Ponte da Barca e Vila Verde, era filha de Gaspar de Oliveira Figueiredo e de D. Amanda de Jesus Dias e mãe muito querida de Doutor Octávio de Figueiredo Gonçalves, Professor Universitário na Faculdade de Economia do Porto, casado com Dr.ª Elisete

Gonçalves, Dr.ª Helena Maria Gonçalves Pena, Professora de Filologia Românica, na Escola Secundária de Guimarães, casada com o Eng.º Electrotécnico Miguel Pena, e da Engenheira Maria José Figueiredo Gonçalves de Magalhães Queiroz, casada com o Senhor Francisco de Magalhães Queiroz, e avó do Eng.º João Gonçalves Pena, do Dr. Nuno Gonçalves, e de Margarida Gonçalves Pena e de Rita Gonçalves de Magalhães Queiroz, estas duas estudantes universitárias. Era irmã de Manuel Joaquim Dias de Figueiredo, casado com D.



Madalena Ramos de Figueiredo, Celestino Dias de Figueiredo casado com D. Carmen Figueiredo e José Dias de Figueiredo casado com Letty Figueiredo, todos residentes há muitos anos nos Estados Unidos da América, e irmã de D. Maria Amanda Dias de Figueiredo Pereira de Castro, igualmente Professora do 1º Ciclo (Aposentada), casada com o nosso estimado colaborador Alberto Magno Pereira de Castro, Major da Guarda Nacional Republicana, Reformado. O corpo, depois de cerimónias fúnebres, realizadas na Capela mortuária do Crematório de Monte d'Arcos ficou depositado em campa da Família.

O jornal "A Voz de Melgaço" apresenta a todos os familiares a expressão de sentidas condolências.

«A família agradece, reconhecida, todas as manifestações de pesar e solidariedade recebidas por ocasião da morte e funeral do seu ente querido»

O meu amigo Rosas

Ricardo Gonçalves

O meu amigo Rosas desapareceu do Mundo dos vivos de noite enquanto dormia. Levaram-no à traição ele que, como enfermeiro do serviço de ortopedia no Hospital de Braga, tantas noites passou acordado para ajudar os outros.

É meu amigo desde a infância, do tempo em que fomos a geração que mais viu a evolução do Mundo, desde os carros de bois até às tecnologias da actualidade, na altura os computadores, as PlayStation e os jogos eram nos caminhos a brincar e à pedrada em contacto com a natureza.

Depois a escola primária, com turmas separadas para rapazes e raparigas, nós com os profs Pereira e Pinho, grandes professores, doutrina e jogo da bola com o magnífico Padre Albertino. Pelo meio, uns cachacos, umas reguadas, umas canadas, umas lousas partidas (o tablet daquele tempo) um bocado de pão e unto numa saca de pano, caretas para tomar o óleo de fígado de bacalhau amargo e fortificante, distâncias grandes a pé e ao frio para ir para a escola; o respeito, medo e repressão em todo o lado, não retirava a nossa alegria de viver e de fazer tropelias e malandragens de todo o

género, que sabiam a doces por serem proibidas.

Seguiu-se o Colégio de Melgaço com mais memorização, estudo pesado e mais porrada e mais festa, pois tudo servia para tal e, nos tempos livres, lá estávamos nos cafés da freguesia, muitas vezes a noite toda, única televisão só no café, convívios animados num Mundo todo nosso.

Lá fomos 5 ou 6, dos imensos que começamos na escola primária, estudar para fora. Os outros emigraram em grande quantidade e tiveram grande sucesso no estrangeiro. O Rosas foi para Braga e cursou enfermagem, mas o coração do Rosas estava sempre na sua terra, até que em 1992 criou a marca de Alvarinho *Encostas de Paderne*, talvez a segunda em Paderne, a seguir à do nosso amigo Codesso, Dona Paterna, ajudando ambos a fazerem de Paderne a freguesia com o melhor vinho e aguardente Alvarinha e a ser a freguesia de Portugal com mais produtores-engarrafadores, mais de 12, mesmo contando a região do vinho maduro.

Ainda no último Natal, estive na adega do Rosas a buscar vinho para oferecer e consumir e provei tudo, até a magnífica e única aguardente com 20 e mais anos

de envelhecimento, e ainda trouxe de oferta umas garrafitas do "muralhas do Rosas" marca "Leira Seca", mistura de Alvarinho e Trajadura, boa pinga.

Paderne e os seus amigos de Prado Vila Verde, onde o Rosas morava e os imensos colegas que em Braga acompanharam o seu trajecto de homem bom, amigo do amigo, sempre a ajudar como profissional de saúde e como pessoa generosa, com a sua vaidade e auto-estima sempre em cima, o que nele eram virtudes, nunca dava parte de fraco. De maneira que toda a gente se sentia bem e protegida ao seu lado, acolhido pela sua conversa profícua e animadora.

Para os filhos, esposa, família e para quem com ele partilhou a vida, os meus sentimentos e um abraço solidário.



Ana Maria Alves Carvalho – Barreiro

C.N.

Com apenas 52 anos, faleceu, inesperadamente, em 25 de Janeiro, de paragem cardíaca respiratória esta tão dilecta filha da nossa conterrânea e assinante Maria de Lurdes Alves, há muito a residir no Barreiro com seu marido Santos, que tanto se esmerou em cuidados para com a sua filha. Ela que é irmã muito querida do nosso muito estimado assinante benfeitor Henrique Augusto Alves, pai da inesquecível Melissa, que vivem em Jersey, Inglaterra.

A Ana Maria nasceu em 1 de Junho de 1967. Tinha

dois irmãos: a Vera e o Rui. Deixa uma filha, a Carolina, e dois sobrinhos: a Máxima e o Diogo.

Apesar das restrições destes tempos tão duros de confinamento, os pais, filha, primos e demais família e amigos tudo fizeram para que o funeral tivesse a dignidade e espírito cristão de que a Ana era merecedora como mulher lutadora, amiga e entregada às causas nobres que realmente dignificam uma vida. Foi uma vida curta, mas preenchida e fonte de tantas alegrias, que ficam como

grata memória em todos quantos mais de perto contactaram com ela.

Para a filha e pais, sobretudo, o sentido abraço da nossa solidariedade e estima. Para os demais familiares e amigos, os nossos sentimentos de sentidos pêsames, e a certeza da nossa prece.



“Pessoas que nos marcam”

João Vila Chã - S.J.



Tinha pensado, caso não fosse sonhado, no Cónego José Marques há ainda poucos dias. Nunca foi meu professor, mas ensinou-me coisas importantes; nunca fomos «próximos», mas sempre o senti como um que me era de Casa; nunca trabalhamos juntos, mas sempre que nos víamos era uma «festa» e não poucas vezes nos deixávamos estar em plena rua dos Chãos na Cidade dos Arcebispos, a falar disto ou daquilo, de História, a disciplina do Cónego Marques, ou Filosofia, a minha. Era sempre um prazer, um enorme prazer, dar de caras com o Cónego José Marques, fosse na igreja dos Congregados ou na rua dos Chãos, ou qualquer outro lugar nos arredores dos espaços onde vivíamos. A última vez que vi o Sr. Cónego Marques foi, talvez, no Verão passado, só que desta vez não conversamos: ele caminhava

em frente ao Liceu Sá de Miranda e eu guiava o carro em que viajava. Caso contrário, teria ido ao seu encontro. Pois, já então, sentia saudados dos nossos esporádicos encontros. Hoje, para além da Saudade, fico com pena de o não ter saudado pessoalmente, pelo menos, uma vez mais. Uma vez só que fosse! Braga e a igreja que nela está fica agora mais pobre; na verdade, muito mais pobre! Conto que o Cónego José Marques nos leve consigo neste seu definitivo Abraço com o Amor do Pai. Descanse em paz, caro Cónego Marques. E obrigado! Sim, muito obrigado por tudo o que, mesmo parecendo pouco, na realidade me deu, tanto mais que o que me deu foi a imagem de uma Igreja capaz de sorrir mesmo por entre tudo quanto, ora aqui ora acolá, sempre nos entristece!

Câmara Municipal manifestou-se na morte do Doutor José Marques

Câmara Municipal

«É com pesar que informamos o falecimento do Professor Doutor José Marques.

Foi um dos mais ilustres investigadores da História e Cultura do Alto Minho. Ao longo da sua vida foi colaborando com iniciativas dos diversos municípios alto minhotos, quer através das bibliotecas, quer dos arquivos municipais.

Nasceu na freguesia de Roussas, em Melgaço, a 12 de Agosto de 1937, e foi deixando a sua marca um pouco por todo o país. Em 1994 foi agraciado com a Medalha de Mérito – Grau Ouro da Câmara Municipal de Braga; em 2003 recebeu a Medalha de Ouro da Faculdade de Letras da Universidade do Porto; e em 2004, a Medalha de Mérito – Grau de Ouro da Câmara Municipal do Porto.

Também o Governo português o consagrou: com a Medalha de Mérito Cultural, na Universidade do Minho, sob proposta da Casa-Museu de Monção.

Em agosto de 2017, o município de Melgaço hon-

rou-o com o título de Cidadão de Honra. Uma justa homenagem!

Distinto estudioso e leitor (paleógrafo) de documentos antigos, com grande valia erudita e crítica, José Marques, além de distinto investigador, foi um notável professor universitário, coordenador, nomeadamente, de pós-licenciaturas e doutoramentos. É autor da obra “O Cartulário do Mosteiro de Fiães”. «Uma obra que vai dar a conhecer muito do que é a história de Melgaço nos seus primórdios.», dizia o professor aquando do lançamento e apresentação da obras, em 2016.

Deixou-nos ainda um importante legado: o livro “Alto-Minho e Galiza – Estudos Históricos”, uma edição do Município de Melgaço e da Casa-Museu de Monção, com textos que, ao longo do tempo, o professor José Marques escreveu, numa coordenação de Viriato Capela, presidente da Casa-Museu de Monção. OBRIGADO!

Foi decretado o dia de amanhã, 30 de janeiro, Dia de Luto Municipal!



«À família e amigos apresentamos os nossos sentimentos.»

Também o Presidente da República, a Academia Portuguesa de História e o Cabido e Aquidocese de Braga manifestaram o seu pesar pela morte de tão insigne cidadão e homem da cultura.

O meu professor na FLUP, Doutor José Marques

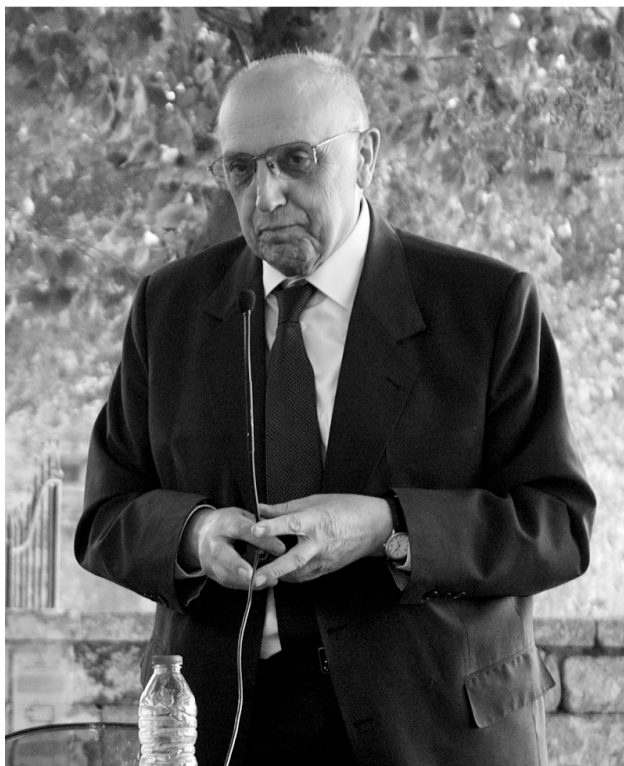
Filomena Salgado

Quando entrei para a Faculdade de Letras da Universidade do Porto, em 1976, estava longe de imaginar que um dia, o desaparecimento do Doutor José Marques me levasse a escrever umas breves mas sinceras linhas de reconhecimento.

Tendo sido aluna dele em 2 cadeiras – *História de Portugal Medieval* no 2ºano e *Paleografia e Diplomática*, já depois do curso concluído, reconheço que este académico medievalista de referência e com extensa obra publicada foi um excelente professor de fino trato e amigo.

Foi no meu 2ºano do curso de História da Faculdade de Letras que como sua aluna o conheci. Logo no início, pela sua pronúncia, percebi que devia ser do Alto-Minho, talvez de Melgaço, e como tal podia conhecer a minha família. Quando o questioneei, disse-me logo: “Conheci muito bem o teu avô Firmino Salgado de Roussas e temos parentela comum!”

Ao lembrar-me dele, evoco a dedicação e o saber despertar nos seus alunos o interesse pelo estudo da Idade Média e da consolidação da nacionalidade Portuguesa. Nos últimos anos, consultei-o algumas vezes para me aconselhar ou elucidar na leitura paleográfica de assentos paroquiais de Melgaço, na freguesia de Rouças; como tal, sempre que um assento me suscitava



dúvidas, telefonava-lhe avisando-o que lhe enviaria o documento por correio eletrónico, para me ajudar na sua leitura. Tive sempre o apoio e a orientação necessária de forma espontânea e amistosa.

Recordo a última vez que nos encontramos pessoalmente: a sessão de apresentação do livro “*Cartulário do Mosteiro de Fiães*” numa tarde aprazível de agosto, na alameda de acesso ao mosteiro de Fiães, à sombra de carvalhos e castanheiros centenários. Ali o reencontrei com professores e antigos colegas da Faculdade Letras do Porto que calorosamente o ouviram.

Há um ano, pouco depois de me ter telefonado para desejar um bom Natal para toda a minha família, ligou-me novamente mas agora para felicitar a coragem da minha mãe que, com os seus 93 anos, tinha feito algo que ele me disse admirar profundamente e já não ter ânimo para o realizar: ir passear para a Terra Santa e lá passar o Natal. A notícia tinha-lhe chegado por este jornal – “*A Voz de Melgaço*”.

Como interesada que sou pela história local e concretamente pela do concelho de Melgaço, a obra do Professor Doutor José Marques será sempre uma referência fundamental para estes estudos. Fui, sou e serei sempre sua discípula.

Porto, 29 de fevereiro de 2021

Cónego José Marques: um farol para Melgaço

Costa Guimarães

Melgaço perdeu, no dia 29 de Janeiro, um farol, com a morte do Professor Doutor José Marques, Cónego da Sé Catedral de Braga e figura notável da cultura e historiografia portuguesa que se destacou no estudo e valorização dos fundos arquivísticos do Arquivo Distrital de Braga.

José Marques, nasceu a 12 de Agosto de 1937, em Roussas, no concelho de Melgaço. Fez a instrução primária na terra natal, seguindo os estudos no Seminário da Arquidiocese, em Braga, onde se ordena em 1961, sendo logo chamado a exercer no Seminário Conciliar (1961-1970) as tarefas de professor e prefeito.

Entre (1969-1974) faz a licenciatura em História na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, e de imediato conclui curso de Bibliotecário-Arquivista na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (1976) e especializa-se como Bibliotecário-Arquivista.

Realiza provas de Doutoramento com o trabalho intitulado “A Arquidiocese de Braga no século XV”, em 1982, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, onde ascende a Professor Catedrático (depois das provas de agregação de 1989-90) com a Lição de Síntese, sobre a “Assistência aos peregrinos no Norte de Portugal durante a Idade Média”, tendo-se aposentado em 2003.

Colaborou com as Universidades Portuguesas de Coimbra, Açores, Universidade Católica de Braga (Faculdade de Filosofia e Teologia), com a Fluminense de Niterói – Rio de Janeiro Brasil, e com a Universidade de Louvain-la-Neuve.

Foi Diretor da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (1982-1985) e coordenador, entre 1984 até

1998, da Revista da Faculdade de Letras, nas séries de História, Filosofia e Línguas e Literaturas Modernas.

Membro do Centro de História da Faculdade de Letras do Porto (co-fundador em 1982, da Academia Portuguesa da História, do Instituto Galaico-Minhoto (também co-fundador em 1982), da Real Academia de la Historia de Madrid (sócio correspondente), das Sociedades de Estudos Medievais, portuguesa (de que é sócio fundador, 1985) e espanhola, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (sócio correspondente), da Commission Internationale de Diplomatique (membro desde Outubro 1986, seu vice-presidente em 2008) e do Comité International de Paléographie Latine (desde 1989).

Os seus Estudos Históricos fixam-se, no período da História Medieval Portuguesa, a montante e a jusante do séc. XV. Tem como quadro geográfico de principal concentração e referência a Arquidiocese de Braga, que é o Minho e Trás-os-Montes e que por ele, em estudos extensivos e comparativos se alarga a outros territórios diocesanos.

Historiador medievalista com créditos firmados e internacionalmente

reconhecidos, o Professor Doutor José Marques frequentou o antigo Curso de Bibliotecário-Arquivista (1935-1982), sediado na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e o único existente em Portugal até à criação e multiplicação dos CECD. Este detalhe biográfico permite, em certa medida, compreender a atenção que sempre manifestou à formação BAD (de bibliotecários, de arquivistas e de documentalistas), o papel decisivo que teve na criação do CECD da Faculdade de Letras da Universidade do



Porto e a forma atenta e aberta como acompanhou o desenrolar desse curso. Em 2000-2001, manifestou uma extraordinária abertura e um activo envolvimento na concepção e concretização da Licenciatura em Ciência da Informação (LCI), resultante da parceria inédita e inovadora entre as Faculdades de Letras e de Engenharia da Universidade do Porto, com vista à preparação de um profissional capaz de integrar, de potenciar e de aplicar diversas valências complementares que ainda andam dispersas e erroneamente separadas.

Ele não desapareceu porque nos deixa dezenas de livros e centenas de artigos sobre a História da Igreja e das suas Instituições nos últimos dez séculos. Se Melgaço e Portugal perdem um Farol, eu perdi um grande amigo.

MEMÓRIA – Insigne Cónego, Doutor, Professor José Marques

José Rodrigues Lima



Recebi neste dia de Inverno um telefonema do padre Carlos Vaz comunicando o falecimento do Cónego, Doutor e Professor Catedrático José Marques.

Com sentida comoção e recordando grandes memórias e uma amizade elevada no período do Seminário

Conciliar de Braga, passando pela Faculdade de Letras, da Universidade do Porto, transmitiu-nos sabedoria no âmbito da História e valores éticos.

O Professor Catedrático e Membro da Academia de História, para além de ser uma personalidade de grande saber e perito na investigação histórica, era exímio na Paleografia.

Tendo dado cursos na Alemanha, no Vaticano, no Brasil e noutras partes do mundo.

Os memoráveis congressos realizados em Portugal e noutras latitudes confirmam o reconhecimento de instituições académicas e universidades.

A bibliografia das suas publicações é imensa, não esquecendo as suas raízes melgacenses, pois era natural da freguesia de Rouças.

Como pequena referência assinalo o trabalho “A origem da Capela de Alcobaca” cordialmente oferecida em 2016.

Aliás devemos sublinhar que tinha o cuidado de nos remeter as Separatas das Edições.

O Cónego, Doutor, Professor José Marques era um vulto da cultura portuguesa e mereceu o reconhecimento do Governo em cerimónia pública, realizada no Salão Nobre da Universidade do Minho, bem como a Medalha de Ouro da cidade do Porto.

Recebia a amistosa gentileza da oferta dos dois volumes “O Cartulário do Mosteiro de Fiães”, em 2016, apresentado na Alameda dos carvalhos Centenários plantados pelos monges beneditinos.

Só esta publicação era o bastante para imortalizar o nobre e profundo historiador que era o Professor José Marques.

Tive ainda a enorme satisfação de receber das suas mãos a grande obra. “Liber Fidei – Sanctae Bracarensis Ecclesia”, em 2016, em dois volumes, em Sessão Solene realizada na catedral de Braga, com a presença do Cardeal Monteiro de Castro, testemunhando o apreço que o Vaticano nutria por tão notável historiador, que prestigiava a história da Igreja Católica.

Mas o que cultivámos do Professor José Marques era a simplicidade, a amizade e o calor humano que manifestava nas suas relações.

Era uma figura nobre, fidalga, carinhosa, e sempre disponível para ajudar os estudantes universitários e todos aqueles que a si se dirigiam, acompanhando diversas teses de Doutoramento.

Colaborou com imensas instituições, nomeadamente com o Município de Melgaço que a ele recorreu para vários trabalhos referentes à identidade melgacense.

O Cónego José Marques, sendo membro do Cabido Primaz de Braga, contribuiu para a dignificação da Arquidiocese de Braga, publicando a grande tese referente à Grande História do Tempo Longo.

O ilustre académico e sacerdote era um amigo em todas as horas.

A gratidão é memória do coração.

Lembrar é fácil para quem tem memória.

Esquecer é difícil para quem tem coração.

Nós temos coração e sentimos o regresso do Cónego Doutor José Marques à Casa do Pai.

A Luz que nos ilumina, iluminará para sempre o historiador, sacerdote José Marques.

Até sempre – BENEDICAMUS DOMINO por uma longa vida dedicada à Igreja e à cultura.

Cónego e Professor Doutor José Marques

Joaquim A. Rocha



Filho de Manuel António Marques e de Isalmira de Jesus Meleiro. Neto paterno de José Joaquim Marques, natural de Fiães, e de Maria Lourenço, natural de Rouças; neto materno de Manuel José Meleiro e de Angelina Vaz. Nasceu em Lobiô, Rouças, a 12/8/1937. Depois da 4.ª classe, que fez em 1948, ou 1949, ingressou no Seminário de Braga, onde se manteve até Julho de 1961.

Cantou missa nova na igreja da sua freguesia a 27/8/1961. Ordenou-se sacerdote a 15/8/1961 (VM de 1/3/2020).

Em Setembro de 1961 foi nomeado prefeito do Seminário Conciliar de Braga, onde esteve até 1970, tendo lecionado História Universal, Ciências Naturais, e Religião, aos alunos do 5.º ano de Humanidades.

Em Outubro de 1969 matriculou-se no Curso de História da Faculdade de Letras do Porto, acabando o curso em 1974 com a classificação final de dezasseis valores.

Em 1973, ainda como finalista, foi contratado como monitor do 4.º grupo da 2.ª Secção da Faculdade de Letras, coadjuvando o Professor Doutor António Ferreira da Cruz na disciplina de Paleografia e Diplomática.

A 14/11/1974 foi contratado como assistente eventual, passando, nos prazos legais, para a situação de assistente.

Em 1975 e 1976 frequentou, e concluiu, o curso de Bibliotecário-Arquivista da Faculdade de Letras de Coimbra.

Na igreja católica ascendeu a Cónego.

Doutorou-se em História Medieval em 1982. A sua tese de doutoramento foi publicada com o título “A Ar-

quidiocese de Braga no século XV” e, como trabalho complementar “A Administração Municipal de Vila do Conde em 1466”, tendo ficado aprovado por unanimidade com distinção e louvor.

Em Julho de 1989 prestou provas de agregação, tendo apresentado como lição de síntese “A Assistência no Norte de Portugal nos Finais da Idade Média”.

Em Abril de 1990, na sequência de concurso nacional, foi provido como professor catedrático na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, tendo-se aposentado em Fevereiro de 2003. Dava aulas nas licenciaturas de História, Ciências Documentais, e Mestrados em História Medieval.

Ministrou cursos intensivos de Paleografia na Universidade de Niterói, Brasil, e também na Faculdade de Filosofia de Braga, e na Pontifícia Biblioteca Vaticana, de Roma, e dois cursos de Diplomática e um de Codicologia na Universidade dos Açores.

«Pertence a diversas associações científicas e culturais, portuguesas e estrangeiras, e participou em numerosos congressos, colóquios e outras reuniões científicas, em Portugal e no estrangeiro, nomeadamente em Espanha, França, Itália, Suíça, Inglaterra, Bélgica, Alemanha, Áustria, Hungria, antiga União Soviética, e Brasil. Como resultado da participação nestas reuniões científicas, da colaboração em revistas nacionais e estrangeiras, em obras coletivas, livros de homenagem, conferências, etc., o número de títulos publicados ascende, atualmente (2006), a 209, sem incluir a colaboração de natureza histórica na imprensa diária e regional. Na sua investigação científica, apesar de ter abordado diversas áreas, privilegiou sobretudo a história eclesiástica e religiosa medieval da Arquidiocese de Braga.»

Tem vários livros editados, entre eles “O Mosteiro de Fiães” (1990), “Limites de Rouças e Fiães” (2005), e “A Origem da Capela de Alcobaça” (2010), e colaborou assiduamente no Boletim Cultural da Câmara Municipal de Melgaço entre 2002 e 2009, e em A Voz de Melgaço, entre outras publicações, com artigos interessantíssimos.

No dia 30/4/2011, no decorrer da Feira do Alvarinho e do Fumeiro de Melgaço, foi entrevistado pelos jornalistas da RTP-1, que se encontravam presentes no local, a fim de cobrirem o evento. Nos poucos minutos que lhe concederam deu aos portugueses uma lição de história sobre a sua e nossa terra natal.

Em Dezembro de 2018 é publicado mais um livro da sua autoria: «Confirmações de Tui (1352-1382) Aspectos

dos do episcopado de D. João de Castro.»

A 28/12/2018 foi internado no Hospital Particular de Braga, Rua do Raio, onde, a 2/1/2019, quarta-feira, foi operado a uma perna, devido a problemas com as veias. A 15/3/2019 ainda se encontrava internado nesse hospital; estava melhor da perna, mas ia ser operado à próstata, salvo erro.

Saiu do hospital em Maio de 2019 e passou a morar na residência dos sacerdotes católicos, na Rua de São Domingos, Braga, até se sentir com forças para voltar para o seu apartamento; a 4/6/2019 já andava na rua – muito magro, envelhecido, mas ainda com o cérebro lúcido.

Morou na capital do Minho desde jovem, na freguesia de São Vicente, no seu apartamento, onde faleceu na noite de 28 para 29/01/2021.

Certo dia, já há muitos anos, eu fui ao Arquivo de Braga a fim de contactar, de ver, o Cartulário do Mosteiro de Fiães. Sentei-me numa das cadeiras e um funcionário trouxe-me o manuscrito. Fiquei fascinado. Olhei para ele com carinho, folhee-o, mas não o consegui ler. O meu latim, quatro ou cinco anos, não me permitia a sua leitura. Logo que tive a oportunidade pedi ao meu amigo Professor Dr. José Marques que o traduzisse para português do nosso tempo. Não me prometeu nada, pois na altura lecionava na Universidade do Porto, além de ser membro ativo da igreja católica. No entanto, em 2016 eis que surgem nas livrarias dois extraordinários volumes do Cartulário de Fiães. Quando ambos fomos tomar café à Brasileira, em Braga, agradei-lhe. Melgaço, e o país, mereciam esta obra. Não traduziu o texto para português, como lhe pedira, mas o volume I, com a Introdução, Transcrição, Índices, ajudam-nos a compreender o conteúdo do Cartulário. A história de Melgaço, dos primeiros séculos, ficou enriquecida. O nosso concelho ficar-lhe-á eternamente reconhecido, grato, por este trabalho ciclópico, só possível a grandes investigadores.

Em 2017 oferece-nos outra obra monumental, editada pela Casa Museu de Monção/Universidade do Minho, com o título “ALTO-MINHO E GALIZA – ESTUDOS HISTÓRICOS. São cerca de novecentas páginas de erudição, onde se revela longa e profunda pesquisa, numa linguagem acessível e verdadeira, e cuja leitura é agradável e didática.

Portugal acaba de perder um dos seus melhores filhos. Oxalá os melgacenses jamais esqueçam este seu conterrâneo, leiam os seus inúmeros escritos, aprendam as suas lições.

A Morte do Cónego Prof. Doutor José Marques

Breves Palavras de Homenagem

Alberto Pereira de Castro

Hoje, cerca do meio-dia tive um telefonema do meu querido Amigo Doutor Carlos Nuno Vaz participando-me, com a voz embargada de emoção, o falecimento de um outro grande Amigo comum e conterrâneo Cónego Prof. Doutor José Marques, pedindo-me algumas palavras de testemunho. Quando assim é, aperta-se-nos a alma e não sabemos bem o que dizer, tanto mais que a pessoa em causa não era um Amigo qualquer. Conhecemo-nos há muitos anos, era eu um moço de catorze, quinze, anos e estudava em Braga, num tempo em que poucos eram os estudantes de Melgaço naquela cidade, sobretudo em família. Depois, dava-se o caso de que a Rua D. Pedro V, onde morava, ficava relativamente próxima do Seminário da Tamanca e, por isso, alguns seminaristas, em Outubro, antes de entrarem no Seminário, faziam uma visita aos seus conterrâneos. O

Prof. José Marques era uma dessas visitas. Mais tarde, como Presidente da Câmara, em 1994, por ocasião da publicação do meu livro “A Praça - Forte de Valença do Minho” tive ocasião de convidá-lo para fazer a sua apresentação que gostosamente aceitou com um estudo aprofundado sobre a obra que era também a primeira de fôlego que eu publicava, o mesmo sucedendo em 2004 na 3ª Edição, reconhecendo que esta deixava a anterior “a quilómetros”... Encontrámo-nos em vários Seminários em Pontevedra, Braga, Ponte de Lima, Santiago de Compostela, em convívios que eram sempre agradáveis não apenas pela simpatia da sua presença, mas também pela simplicidade e pelo muito que sempre nos ensinava. Era um trabalhador incansável aproveitando todos os momentos disponíveis para dedicar aos seus trabalhos, recordando-nos de em certa ocasião o vermos,

em tempo de praia, em Vila Praia de Âncora, absorvido na elaboração dos seus trabalhos, pois nem mesmo em férias descansava. Dos mais de trezentos trabalhos que deixou publicados destacamos especialmente três que lhe eram extremamente caros: *A Arquidiocese de Braga no Séc. V* (Tese de Doutoramento), o *Cartulário do Mosteiro de Fiães*, (2 Volumes) apresentado com justíssima pompa no terreiro do Convento, e *Confirmações de Tui (1352-1382)/ Aspectos do Episcopado de D. João de Castro*, todos eles de incalculável valor para o estudo da nossa Região. Sou-lhe devedor da oferta de muitos dos seus trabalhos sempre com dedicatórias muito gentis e incentivadoras e servem de motivo para, enquanto Deus quiser, continuar a merecer a sua Amizade que será eterna, mas muito aquém da obra incomensurável que a todos nos deixou e às gerações futuras.

José Marques: a humildade do saber e a proximidade que eleva

Carlos Vaz

Perder um verdadeiro Amigo custa mesmo muito. E assim de repente, ainda mais. Nesta edição do Jornal que ele tanto apreciava e onde colaborava com verdadeiro gosto e sentido de missão, fazemos uma sentida homenagem com vários textos que reflectem diferentes olhares, mas que convergem no essencial. Destacam a grandeza do Homem e do Sacerdote que, mais do que ser Professor Catedrático e Membro da Academia de História, propendia a estar realmente contente e feliz junto das suas raízes: familiares e de nascimento – Lobiô, Rouças; de formação académica e para o sacerdócio (Braga e Porto, sobretudo); de homem de fé sólida e esclarecida, imbuído de verdadeiro espírito evangélico. Isto traduzia-se na sua total disponibilidade para tudo o que lhe pediam, mesmo que isso alterasse os seus planos. Como acontecia muitas vezes.

Companheiros no seminário, onde foi meu prefeito nos últimos anos de Teologia; nas férias, nas lides académicas e jornalísticas, o Doutor José Marques sabia valorizar o que aparentemente era secundário para outros. Sirva de exemplo a sua colaboração em «A Voz de Melgaço» e no «Diário do Minho». Vi como, nas suas provas universitárias de agregação, na Faculdade de Letras do Porto, estavam bem patentes alguns exemplares do humilde «A Voz de Melgaço», onde tinha publicado textos, mormente de índole histórica.

Estive na sua Missa Nova, como ele esteve na minha e de meu irmão, padre Júlio. Acompanhou-nos nos momentos de dor e luto: morte dos meus pais, de meus tios sacerdotes e de outros familiares. Fomos juntos a dezenas de funerais de colegas de sacerdócio. Soube encorajar, de palavra e com acções, as tomadas de posição que, como Director do jornal, tinha de tomar, enviando uma palavra de incentivo e apreço.

Apreciava sobremaneira o convívio dos sacerdotes naturais de Melgaço, de que guardava religiosamente as fotos dos mesmos. O último convívio foi em Vila Praia de Âncora, em 5 de Novembro de 2019. De Braga fomos 4 no mesmo automóvel: Ele, padre Lobato, padre Júlio e eu mesmo.

Um dia memorável foi, sem dúvida, aquele 12 de Agosto de 2016, na Alameda da Carvalheira de Fiães, para apresentação da obra «Cartulário de Fiães», que tanto a peito tomou e que conseguiu deixar-nos como testemunho indelével e fonte de conhecimentos e saber sobre a história do nosso concelho. Uma tarde muito quente, mas sumamente agradável de passar, à sombra

daqueles carvalhos centenários, num bucolismo difícil de descrever, pois que só vendo, apreciando e sentindo, se pode atingir. Estive muitas vezes em Fiães, mas a magia daquela tarde foi muito, muito especial. Fazia ele 79 anos. Que melhor prenda podia ter, rodeado de amigos, num local que tanto lhe dizia e cuja beleza não se cansava de exaltar!. Lá tinha frequentado a escola primária durante um ano. Depois veio para a de Rouças e alojou-se na residência paroquial, juntamente com o José Cândido Marques.

Outro momento marcante foi a apresentação da reedição crítica do «Liber Fidei» na capela de São Geraldo, da Sé de Braga. Desse facto e da obra do Doutor José Marques falou bem o Doutor Ernesto Português em texto que publicamos na edição de Fevereiro de 2017.

De outros momentos marcantes da vida profissional e académica falam outros amigos nas colunas deste jornal.

Vou centrar-me um bocadinho na colaboração que enviou para o jornal nos últimos 5 anos. De 2016, realço a apresentação do livro «Cartulário de Fiães», de que se fala na edição de Setembro, pp. 1, 28 e 29, e os textos: «Primaz das Espanhas.. e não de Braga», em Julho, e «João Francisco Marques – Im Memoriam», em Agosto..

Em 2017, há o relato de outra importantíssima apresentação, a do «Liber Fidei», na edição de Fevereiro. Em Maio, é destacado o facto de ter sido agraciado com a medalha de mérito cultural do Ministério da Cultura, ao mesmo tempo que se apresentava, no Salão Nobre da Reitoria da Universidade do Minho, o livro «Alto Minho e Galiza – Estudos Históricos», um volume de 901 páginas. Em Julho, há um texto dele: «Dois párocos de S. Fagundo», na p. 13. Em Agosto: «Recordações de uma peregrinação beneditina». Em Novembro, a apresentação em Melgaço de «Alto Minho e Galiza».

Em 2018, há um artigo sobre ele: «José Marques, Nomeado Académico Correspondente da Academia Auriense e Mindoniense de San Rosendo». Em Janeiro: «Dom Lourenço Vicente morreu há 620 anos», pp. 28 e 29; em Março, há mais um seu texto: «De Rompecilla (Padrenda) para Rouças», p.12. Em Junho: Cubalhão em Festa», pp. 10-11.

Em 2019 - «Capela de São Paio, depois Santa Rita – Rouças», em Maio. «O Arciprestado de Melgaço e Dom Frei Bartolomeu dos Mártires», pp. 30-31.

Em 2020: «Inventário da extinção do Mosteiro de Fiães», em Janeiro; «Origem da Capela de Barata na

freguesia de São Paio», em Fevereiro, pp.32 e 33. «O Mosteiro de Fiães, visto através do inventário de extinção», em Maio, pp. 6-7. «Senhora da Cabeça – Programa iconográfico», Junho, p. 27. «O Forno de Telha de Lamas de Mouro», Julho, p. 6. Este viria a ser o último texto por ele publicado neste jornal.

Sabendo das múltiplas solicitações que recebia de todo o lado e a que lhe custava muito dizer que não, pois se sentia sobrecarregado em excesso, não posso deixar de assinalar este especial amor à terra natal que estes textos entre muitos outros bem reflectem.

Vários alunos e amigos destacaram em publicações do facebook a sua humildade e simplicidade, que são apanágio e fazem grandes os grandes homens.

E a sua devoção mariana fica excepcionalmente bem reflectida no nicho com a imagem da Virgem na sua casa de família, em Lobiô, diante da qual se juntam as pessoas no fim de tarde de Maio para rezarem juntas o terço. Com que enlevo me falava deste facto e de a sua gente mais próxima manter esta devoção a Nossa Senhora. Especialíssima também, a devoção a Santa Rita, cuja visão da Capela e Obra o extasiava sempre que por lá passava a caminho da casa de família em Lobiô. E ainda a colaboração como membro da Mesa Administrativa de São Bento da Porta Aberta, lá se deslocando todos os meses e participando também na contagem das esmolas. A grandeza estava em servir, mesmo que a tarefa em si, possa ser secundária para muitos.

Durante quase 30 anos celebrou na Igreja dos Congregados em Braga. Desse facto se mostraram reconhecidos e gratos os actuais reitores.

Termino com uma prece adaptada da que consta no facebook do Seminário Maior de Braga:

«Senhor, que fizeste da história um lugar de contínua salvação, dai suavidade à dor de quantos neste momento enchem os olhos de lágrimas e se cobrem de escurecido luto.

Ao padre José Marques que, por décadas de generosa partilha humana e sacerdotal, sobretudo na na docência e nas publicações, foi luz lançada às vicissitudes e aos factos passados, para compreendermos o enraizamento do presente e projectarmos solidamente o futuro, abraçai-o estreitamente na abundância do vosso coração de Pai».

Obrigado, caríssimo Cón. José Marques!

Vasco Gonçalves

Há homens que nascem do húmus e mantêm uma ligação telúrica não só à terra natal, mas também com os outros e com o mundo, sendo universais. Vivem e crescem nessa condição e sobem os degraus da humildade porque cultivam a dimensão sagrada da sua vida interior.

Assim foi este homem gigante e tão simples, por quem, ao longo dos anos, fui nutrido estima e admiração profunda. Recordo os encontros, em Melgaço, nos meus primeiros anos de sacerdócio. A cordialidade e o respeito que nos dedicava, a sua intensa forma de escutar, como quem acolhia o outro no seu coração, faziam dele um mestre da vida, um buscador de humanidade. Lembro também como o insigne Prof. Catedrático me falou com entusiasmo do Santo Arcebispo e da ereção das paróquias de S. Tomé Couso e de Santa Maria de Cubalhão e como, após quase duas décadas, me fez chegar, com o mesmo ardor interior, os seus escritos sobre S. Bartolomeu dos Mártires. Tudo com a consideração e a amizade de que não me sinto merecedor.

Dou graças ao Bom Deus!

A nossa peregrinação terrena seria bem mais pobre sem a discreta presença de homens santos!



Viajar pela Birmânia – 3

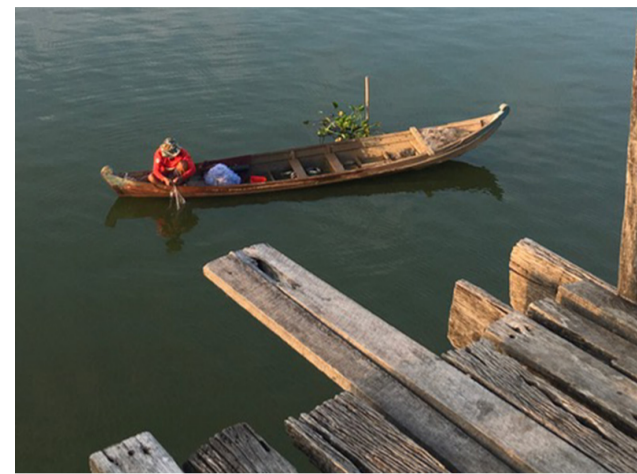
M. J. Lobo Elias



Os monges budistas atravessando a ponte no Lago Inle



Ponte de madeira de teca com 200 anos no lago Inle, na Birmânia



De cima da ponte, vemos a dimensão dos barcos lá em baixo



A madeira de teca com 200 anos na plataforma da ponte mais comprida do mundo em madeira



O nosso barco junto da ponte em madeira de teca

Uma das mais interessantes experiências desta viagem foram os dois dias em que viajamos de modo flexível e muito integrado nas vivências locais, a partir de Mandalay. Nada mais nada menos do que em motas alugadas, seguimos pelas estradas fora quer guiando, quer viajando como segundo ocupante, conforme as habilitações de cada um. Isto permitia-nos parar em qualquer sítio sem tempos pré-definidos

Percorremos esta região cheia de história onde existiram ao longo dos séculos as capitais do país, primeiro e do centro do governo e das decisões.

Amarapura

No nosso primeiro percurso de mota para sul de Mandalay, percorremos cerca de 25 km para SW, até uma antiga capital, Amarapura,, designação que significa “Cidade da Imortalidade”. Foi capital real desde 1783, sucedendo á cidade de Inwa, que fora a capital da Birmânia durante mais de seis séculos. Os astrólogos teriam recomendado esta mudança de local ao rei Bodawpaya para aliviar o seu “karma” pelo modo como se tinha

apropriado do trono.

Apenas 15 km separam Inwa e Amarapura ou seja a secular e a nova capital. O rei implantou a nova capital, entre rio Irrauadi, e o interessante lago Taungmio .

Uma decisão de sucesso pois, se por um lado este rio de 2000km atravessa toda a Birmânia de Norte para Sul, sendo uma via nacional de trânsito fluvial, para comércio, escoamento de produções agrícolas e ainda deslocações, por outro lado tornou-se célebre pela extraordinária e longuíssima ponte em madeira de teca, mandada também construir pelo mesmo rei Bodawpaya, com uma técnica e perícia na construção notáveis, que a mantem em serviço de ligação através do Lago Inle há mais de dois séculos. A maioria das placas de madeira de teca que constituem a ponte vieram do antigo palácio real na capital anterior da Birmânia, Inwa, que foi arrasada várias vezes, mas a qualidade e dureza da teca da construção do palácio e que ficava relativamente próxima. Possuem uma resistência invulgar e foram sabiamente aproveitadas para a ponte pelo rei Bodawpaya. Uma madeira com

uma história real, neste caso, de realeza...

A madeira de teca é proveniente de uma árvore conhecida como *Tectona grandis*, que pode alcançar 50m de altura. A sua ocorrência aparece principalmente em florestas da Ásia, nomeadamente na Índia e no Japão. Esta ponte de madeira de teca em U Bein, é muitas vezes referida como a estrutura em madeira mais antiga e mais longa do mundo e é incluída com sucesso nos circuitos turísticos. Mas esta ponte tem grande movimento: logo de manhã começa com a população local no seu vai-vem de deslocações diárias e de negócios.

Um nascer do sol sobre o lago Inle

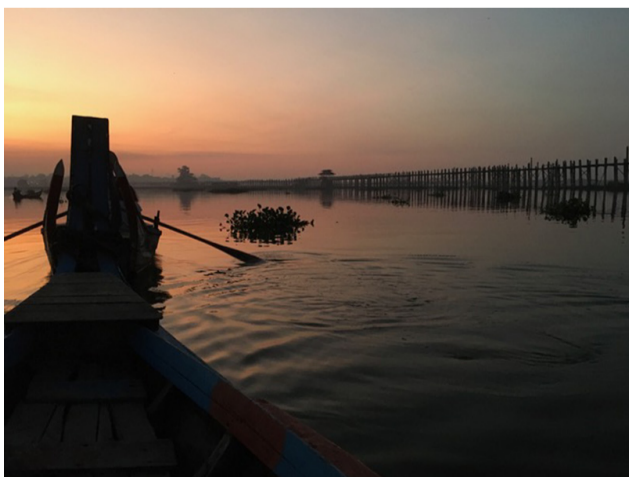
Inesquecível, tão singular no seu enquadramento... Localizado na província de Shan. Hoje em dia os donos dos pequenos barcos do lago esperam pelos turistas que se levantam bem cedo e os vão contratar com o seu condutor para ver o nascer do sol pelas cinco da manhã em tranquilidade e, de seguida, contemplar bem cedo os pescadores locais já na sua faina habitual de pesca com pequenas redes cónicas. Escolhendo o nascer do sol evitamos a maior aglomeração de turistas ao fim da tarde e observamos as vivências reais das populações de manhã bem cedo, no seu vai-vem, quer a pescar a partir dos barcos, quer atarefados a atravessar esta ponte de teca fascinante.

O nosso embarque foi previsto para as 05h30 junto ao cais. Ainda com a claridade da madrugada a anteceder a nossa expectativa... Distribuimo-nos por dois pequenos barcos e aconchegamos os agasalhos recomendados... Antes do sol nascer é mesmo fresco.

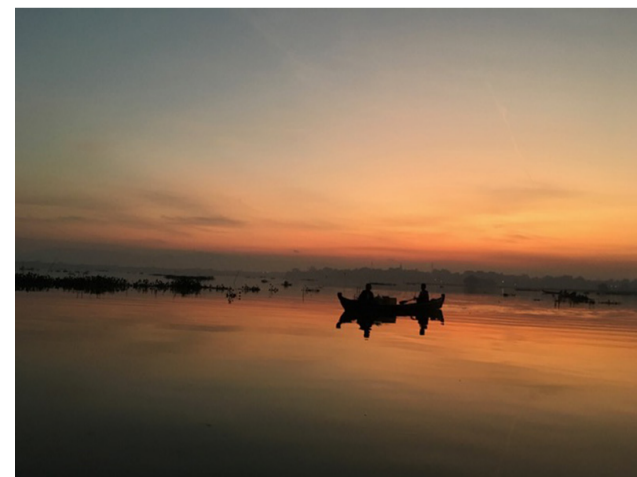
A manhã estava calma, o lago permitia um deslizar sereno, sem qualquer turbulência, a claridade do dia antecipava-se ao sol e já permitia ângulos e pormenores que as inevitáveis fotos tentavam fixar: momentos inesquecíveis quase surreais. Este lago com a área de 116 km² e pouca profundidade, a cerca de 900m de altitude, é o segundo maior lago do país e tornou-se um atractivo



Um dos remadores típicos no lago Inle



No nosso barco, antes do nascer do Sol com a centenária ponte U-bein



Antes do nascer do sol, os barcos locais...

Continua na pág. seguinte

Covid-19 e emigração fazem de Melgaço concelho com maior abstenção no país*

Costa Guimarães

O medo de apanhar a doença causada pelo vírus SARS-CoV-2 e a “forte” emigração em Melgaço, concelho mais setentrional de Portugal, explicam a taxa de abstenção mais elevada nas presidenciais de domingo (78%) registada no país.

“Os cadernos eleitorais de Melgaço tinham inscritos para votar 10.300 eleitores e [o município] tem uma população residente entre 8.500 e 9.000 [pessoas]. Daqui se percebe que há uma franja de eleitores que não está cá. Está fora, está no estrangeiro, e não votou porque não teve possibilidade de o fazer. É a abstenção técnica, como já referiu o primeiro-ministro, António Costa”, avançou à agência Lusa o presidente da Câmara Municipal.

Melgaço, com 238 quilómetros quadrados distribuídos por 13 freguesias, é o concelho menos populoso do distrito de Viana do Castelo, tendo, de acordo com os Censos 2011, 9.213 habitantes.

A norte e leste Melgaço é limitado por Espanha, a sudoeste pelo município de Arcos de Valdevez e a oeste por Monção, sendo um concelho que é marcado pelo envelhecimento e desertificação, onde a Câmara ainda hoje é a principal empregadora.

Afastado dos grandes centros e ainda fundamentalmente rural, com forte aposta na produção de vinho Alvarinho, esses atributos têm sido explorados para potenciar turisticamente o concelho.

O “alerta” para o impacto da abstenção técnica já tinha sido lançado pelo autarca socialista Manoel Batista face ao “elevadíssimo nível de população emigrada”.

“Temos uma abstenção técnica brutal. Eu diria que rondará os 60 a 70%, o que carrega imenso a taxa de abstenção de Melgaço, mais do que em qualquer outro município do Alto Minho”, reforçou Manoel Batista.

A pandemia de covid-19 foi outras das razões apontadas pelo autarca para afastar a população mais idosa das urnas.

“Houve uma abstenção forte relacionada com as pessoas mais idosas que não saíram para votar. Ou porque estavam confinados ou porque temiam pela sua segurança”, especificou.

“Contrariamente ao que aconteceu em eleições anteriores, o município não promoveu campanhas de sensibilização para que as pessoas fossem votar. Deixámos essa

questão ao critério de cada um por sabermos que temos uma população muito idosa que poderia correr riscos”, adiantou Manoel Batista.

Segundo os dados divulgados hoje pela Direção-Geral da Saúde (DGS), que se reportam ao período de 05 a 18 de janeiro, Melgaço regista uma incidência de 1.903 casos por 100 mil habitantes em 14 dias.

O concelho tem 41% do seu território integrado no único parque do país – Reserva Mundial da Biosfera. As aldeias de montanha de Castro Laboreiro e Lamas de Mouro, que compõem uma União de Freguesias, e a freguesia de Cevide, onde começa Portugal, integram o Parque Nacional da Peneda-Gerês (PNPG).

O ponto mais elevado de Melgaço situa-se no Giestoso, com 1.335 metros de altitude, na União de Freguesias de Castro Laboreiro e Lamas de Mouro, a cerca de 27 quilómetros da sede do concelho, e a mais de 100 quilómetros da capital do Alto Minho, Viana do Castelo.

Naquela união de freguesias, dos 891 eleitores inscritos, apenas 119 votaram e, para o autarca local, Alfredo Domingues, o medo de apanhar a covid-19 é a principal justificação para a elevada abstenção registada em Castro Laboreiro e Lamas de Mouro.

Nas duas localidades, em permanência residem “cerca de 425 habitantes, 80% com mais de 75 anos”, disse.

“Foi mais devido à covid-19 que as pessoas não foram votar. A população está muito envelhecida e o dia esteve muito chuvoso, foi por aí de certeza. As pessoas andam com muito medo nesta altura. Acautelam-se e saem pouco de casa. O inverno por aqui também não ajuda muito”, sustentou Alfredo Domingues.

A cumprir o segundo mandato autárquico, o presidente daquela união de freguesias aponta ainda a desertificação das aldeias pela “forte” emigração.

“Somos uma zona de muito emigração e nesta altura está tudo fora. Muitos idosos foram para França. Têm lá os filhos e vão passar uns meses. Há muitos que foram antes do Natal e ainda não voltaram. Mesmo os que vivem em concelhos vizinhos não puderam vir votar porque não era permitida a circulação”, destacou.

Em Castro Laboreiro, Adílio Pereira, de 67 anos, não votou porque a infeção pelo novo coronavírus entrou-lhe casa adentro e fechou-lhe os negócios da família, uma

padaria e um mercado.

“Nós estamos fechados em casa e não pudemos ir votar, mas, a meu ver, muita gente da freguesia teve medo de sair de casa por causa da covid-19. Sabe como é, o medo é mais forte que o resto”, lamentou.

“As pessoas pensam: vou votar e apanhar uma doença? As pessoas não fazem cuidado nenhum, andam sem máscara ou com ela mal colocada, andam de qualquer maneira e feitio, e as pessoas têm receio”, disse, considerando serem fatores que contribuirão para a forte abstenção na localidade.

Conhecido pela alcunha de “meteorologista”, por divulgar através da sua página na rede social Facebook fotografias da neve em Castro Laboreiro, Adílio diz que o “cansaço” é o pior sintoma que a doença lhe tem causado e a “cisma” que não o larga.

“Também estou muito aborrecido por estar fechado no quarto. Ainda tenho sorte de estar com a mulher. Conversamos, vemos televisão, leio um bocadinho”, adiantou.

A abstenção nas eleições presidenciais de domingo foi de 54,55% no território nacional, a mais elevada de sempre em sufrágios para a escolha do chefe de Estado.

Nestas eleições em contexto de pandemia, nas quais Marcelo Rebelo de Sousa foi reeleito Presidente da República, votaram 4,2 milhões de eleitores, menos de metade dos 9,3 milhões de inscritos no território nacional.

Esta taxa de abstenção foi a mais elevada em eleições presidenciais, ultrapassando a registada na reeleição de Aníbal Cavaco Silva, em 23 de janeiro de 2011, em que 53,56% dos eleitores optaram por não ir às urnas.

As eleições presidenciais de domingo voltaram a confirmar a tendência para uma maior abstenção quando se trata de um segundo mandato.

Em Melgaço, que levou às urnas apenas 21,77% dos eleitores inscritos, Marcelo Rebelo de Sousa foi reeleito Presidente da República com 68,6% dos votos, Ana Gomes ficou em segundo, com 12,8%, e André Ventura em terceiro, com 8,1%.

Em quarto lugar ficou Vitorino Silva, com 4,71%, seguindo-se Marisa Matias, com 2,81%, Tiago Mayan Gonçalves, com 1,75%, e João Ferreira, com 1,15%.

*Reportagem de Andrea Cruz, da Agência Lusa

Continuação da pág. anterior

turístico com maior importância pela sua inclusão na lista da UNESCO designada por “World Network Biosphere Reserves”, locais com “habitats” únicos e singulares que devem ser preservados pelas suas características ambientais.

Deslizando sobre a água tranquila, passados cerca de quinze minutos de navegação, estamos no meio do lago com uma vista lateral belíssima sobre a ponte. O nosso condutor posicionou o barco de modo que pudéssemos assistir ao nascer do sol de um bom ponto de observação.

Foi na verdade uma experiência inesquecível e algumas fotos poderão dar um vislumbre da experiência vivida.

Os pescadores do lago que remam com os pés e as suas técnicas ancestrais de pesca

Ao fundo veem-se dois barcos com pescadores que transportam as famosas redes em forma de cone. Aproximam-se de nós, remando com um pé apoiado no remo. De repente começam a fazer aquelas famosas poses que se veem em milhares de fotografias tiradas no Inle Lake, e que tornaram esta zona de Myanmar tão famosa. As redes são lançadas com uma extrema perícia. Os pequenos vídeos conseguimos tornam-se muito interessantes e traduzem uma técnica única que conservamos como uma memória inesquecível. Fechado ao turismo durante décadas, a região do lago Inle, a 400 km ao norte de Yangoon, é um dos recantos mais fotogénicos de Mianmar, um cenário de costumes singulares praticados até aos dias de hoje.

A tradição mais surpreendente é o facto que os homens da etnia Intha usam as pernas para remar e com as mãos atiram a rede.

O longo e único remo de dois metros fica encaixado entre a dobra do joelho e o peito do pé; a perna imprime um movimento circular ao fémur, impelindo na direção desejada. Os pescadores parecem malabaristas: uma perna está apoiada na pontinha da canoa, enquanto a outra está no ar, segurando o remo e fazendo a embarcação A seguir seu rumo. Um tremendo equilíbrio! A pesca neste lago é realizada pelo pescador com uma enorme rede em forma de um cone. Quando o pescador sente que a sua canoa está a passar sobre um cardume de peixes mergulha o cesto na água deixando-o descer dois a três metros, que é a profundidade média deste lago, desliza um pouco e fecha rapidamente a saída do cesto. A perícia adquirida em geral permite aprisionar uma parte do cardume.

Para quem tiver curiosidade poderá na internet procurar mesmo pequenos vídeos procurando “Imagens do Lago Inle pescadores com rede”.

Atravessar a ponte a pé

Voltamos para a margem e já em terra firme subimos para a icónica e inesquecível ponte de teca e atravessamo-la lentamente a pé apreciando tudo: por um lado a estrutura da ponte, sempre vendo onde pousávamos os pés, dadas as irregularidades das madeiras, e, depois,

tentando absorver com os olhos o magnífico panorama. Cruzávamo-nos sobre a ponte com os locais na sua azáfama matinal de vai-vem e ainda com os monges budistas, no seu passo tranquilo, sempre inconfundíveis pelas suas roupas coloridas. No fim da longa travessia da ponte entramos nos pequenos comércio locais, onde pelo menos um café nos soube muito bem.

Comunidade luso-descendente na Birmânia

Descobri há algum tempo que existe uma comunidade de ascendência portuguesa na Birmânia, com uma identidade própria, os Bayingyi, assim designados pois esta palavra é derivada da expressão árabe “fheringi”, que designava uma qualquer pessoa europeia. Ainda hoje os Bayingyis preservam os seus traços ocidentais e características como por exemplo os seus olhos verdes ou azuis, a pele mais clara, narizes mais proeminentes e corpos mais peludos que o comum dos birmaneses. São a mais antiga comunidade católica da Birmânia e perfazem pouco mais de meio milhão de pessoas num país predominantemente budista. O catolicismo é outra característica que os distingue do restante povo birmanês e que se coaduna com as suas óbvias feições ocidentais.

Segundo consta, os Bayingyis são um povo orgulhoso da sua ascendência lusitana. Um belo remate!

Presidenciais 2021: Marcelo liderou preferência em todas as freguesias de Melgaço

André Ventura conquistou segundo lugar em Gave e U.F. de Parada do Monte e Cubalhão

João Martinho



Numa corrida presidencial em que a ‘competição’ política estava centrada em três dos sete candidatos à presidência da república, os resultados do sufrágio espelharam aquilo que as sondagens e projecções apontavam.

Com mais de dois milhões e meio de votos, Marcelo Rebelo de Sousa avançou para o segundo mandato com confiança reforçada, conquistando inclusive mais votos que em 2016.

Contados os boletins, o hiato entre o recandidato Marcelo Rebelo de Sousa e os dois candidatos em segundo e terceiro lugar é de mais de quase dois milhões de votos, mas a verdadeira ‘luta’ política era precisamente pelo segundo e terceiro lugares.

A candidata de esquerda, Ana Gomes, contou 541.554 votos (12,97%) e o candidato ‘francamente’ à direita, André Ventura, manteve a disputa acesa durante grande parte da noite da contagem, perdendo apenas quando somados os resultados dos grandes centros. Contudo, ao

conquistar a confiança de 496.768 portugueses, o candidato independente que mais tem causado discussões ideológicas nos últimos meses ficou a uma distância de 44.786 da ex-eurodeputada socialista.

Em Melgaço, a distribuição dos lugares cimeiros não diferiu da tendência nacional, embora em algumas freguesias tenha sido André Ventura a roubar o segundo lugar a Ana Gomes, apesar de a candidata partir com a confiança da sua história política e o apoio do presidente da Câmara de Melgaço, Manoel Batista, que era também o mandatário da campanha para Alto Minho.

Nos resultados do concelho, Marcelo Rebelo de Sousa mereceu a revalidação da confiança da maioria dos melgacenses em percentagem superior à tendência nacional, conquistando 68,6% dos votantes (respeitante a 1487 votos).

De entre os mais expressivos – ainda que a manter-se na casa das duas, três centenas – **Ana Gomes arrecadou 278 votos e André Ventura 176. Nota ain-**

da para um resultado expressivo, à esfera local, do candidato Vitorino Silva, que ficou a apenas 74 votos do candidato ‘no-centro-do-furacão’ André Ventura. O candidato de Rans tem conquistado sempre mais de uma centena de votos em Melgaço, nas duas corridas que encetou a Belém.

Relativamente às freguesias, Marcelo Rebelo de Sousa seguiu a preferência nas 13 Freguesias e União de Freguesias do concelho, mas na disputa pelo segundo lugar o confronto entre Ana Gomes e André Ventura foi mais aguerrido.

André Ventura empatou com Ana Gomes em Cristóval (ambos com 15 votos) e em São Paio (com 13) e ficou em segundo lugar nas preferências populares em Gave (13) e na União de Freguesias de Parada do Monte e Cubalhão (com 10 votos, mais dois que Ana Gomes). Na freguesia de Gave, a candidata socialista conquistou apenas 3 votos, tendo ficado inclusive atrás de Vitorino Silva (5).

